UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

RENATA ARAÚJO GONÇALVES

Um mergulho no universo do monstruoso:
a hibridização como celebração do monstro na obra Despertar de Octavia E. Butler

CATALÃO - GO
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[X] Dissertação [ ] Tese

2. Nome completo do autor

Renata Araújo Gonçalves

3. Título do trabalho

UM MERGULHO NO UNIVERSO DO MONSTRUOSO: A HIBRIDIZAÇÃO COMO CELEBRAÇÃO DO MONSTRO NA OBRA DESPERTAR DE OCTAVIA E. BUTLER

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Alexander Meireles Da Silva**, **Professor do Magistério Superior**, em 08/09/2021, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **RENATA ARAÚJO GONÇALVES**, **Discente**, em 08/09/2021, às 16:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2332015** e o código CRC **43AF28E8**.

Referência: Processo nº 23070.034510/2021-95 SEI nº 2332015

RENATA ARAÚJO GONÇALVES

Um mergulho no universo do monstruoso:
a hibridização como celebração do monstro na obra Despertar de Octavia E. Butler

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – nível de Mestrado – da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.
Linha de Pesquisa: Linha 2 - Literatura, Memória e Identidade.
Orientador: Alexander Meireles da Silva

CATALÃO - GO
2021

Observação: o PPG encontra-se vinculado à UFG, pois não houve ainda migração pela CAPES à UFCAT (criada pela Lei 13.634 de 20 de março de 2018, por desmembramento da Universidade Federal de Goiás-UFG).

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gonçalves, Renata Araújo
Um mergulho no universo do monstruoso [manuscrito] : a hibridização como celebração do monstro na obra Despertar de Octavia E. Butler. / Renata Araújo Gonçalves. - 2021.
106 f.

Orientador: Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2021.
Bibliografia.

1. Monstro. 2. Despertar. 3. Octavia E. Butler. I. Silva, Alexander Meireles da, orient. II. Título.

CDU 8+7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA UAELL-RC 16/2021

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS E LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 147/2021

Às quatorze horas do dia trinta de julho de dois mil e vinte e um, reuniu-se a Banca Examinadora à distância, Via Videoconferência - designada pela Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem, cultura e identidade, composta pelos docentes: Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva (Orientador), da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Fabianna Simão Bellizzi Carneiro, da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Prof. Dr. João Batista Cardoso, da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC, Profa. Dra. Fernanda Aquino Sylvestre, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada **UM MERGULHO NO UNIVERSO DO MONSTRUOSO: A HIBRIDIZAÇÃO COMO CELEBRAÇÃO DO MONSTRO NA OBRA DESPERTAR DE OCTAVIA E. BUTLER**, de autoria da mestranda **Renata Araújo Gonçalves**, matrícula 2019101208. Iniciando os trabalhos, o Presidente da sessão apresentou a Banca e a candidata ao título de Mestra. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra à mestranda para a apresentação do trabalho. A seguir, o Presidente concedeu a palavra aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. A duração da apresentação da discente e a arguição dos examinadores aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou a candidata: APROVADA, estando APTA a fazer jus ao Título de Mestra em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, dia vinte e três de julho de dois mil e vinte e um. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

Observações:

Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2o A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

Documento assinado eletronicamente por **Alexander Meireles Da Silva**, **Professor do Magistério Superior**, em 30/07/2021, às 16:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Fabianna Simão Bellizzi Carneiro**, **Professora do Magistério Superior**, em 30/07/2021, às 17:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **João Batista Cardoso**, **Professor do Magistério Superior**, em 30/07/2021, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aquino Sylvestre**, **Usuário Externo**, em 30/08/2021, às 19:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2246331** e o código CRC **4AA04EFB**.

Referência: Processo nº 23070.034510/2021-95 SEI nº 2246331

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e por essa oportunidade de fazer o mestrado.

Ao meu orientador Alexander que esteve presente durante todos estes meses me ajudando, apoiando e fazendo com que eu busque mais conhecimento.

À minha família e a meus amigos que estão presentes comigo em todos os momentos.

“Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você.”

NIETZSCHE, Além do bem e do mal.

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é identificar o monstro e sua relação com a raça humana, expondo as múltiplas faces do monstro e da humanidade. Para tanto, nosso estudo pretende investigar a construção do monstruoso na obra **Despertar** (1987), da escritora afro-americana Octavia E. Butler e de como esse monstro está interligado com a nossa realidade. A pesquisa ocorre no caráter bibliográfico-documental e foca na figura do monstro dentro da vertente do modo fantástico, conhecido como Ficção Científica. A investigação também busca mostrar as pluralidades do monstro e sua alteridade ao não se encaixar nas normativas socioculturais da nossa sociedade. O personagem alienígena da obra **Despertar** é importante, pois expõe discursos marginalizadores que já ocorreram e que ainda ocorrem na nossa civilização. Fomos guiados pelo suporte teórico de críticos como Mary Douglas (1966), Jeffrey Jerome Cohen (2000), Julio Jeha (2007), dentre outros.

Palavras-chave: Monstro; Despertar; Octavia E. Butler.

ABSTRACT

The main objective of this research is to identify the monster and its relationship with the human race, exposing the multiple faces of the monster and humanity. Therefore, our study investigates the construction of the monstrous in the work **Dawn** (1987), by the African-American writer Octavia E. Butler and how this monster is interconnected with our reality. The research takes place in the bibliographic-documental character and focuses on the figure of the monster within the strand of the fantastic mode known as Science Fiction. The investigation also seeks to show how the monster's pluralities and their otherness do not fit into the sociocultural norms of our society. The alien character in **Dawn** is important, because it exposes marginalizing discourses that have already occurred and that still occur in our civilization. We were guided by theoretical support such as Mary Douglas (1966), Jeffrey Jerome Cohen (2000), Julio Jeha (2007), among others.

Keywords: Monster; Dawn; Octavia E. Butler.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

CAPÍTULO 1: O IMAGINÁRIO DE CADA ÉPOCA 22

1.1 Era uma vez... 22

1.2 A difusão Cristã 24

1.3 Idade Média 25

1.4 Idade Moderna 29

1.5 Idade Contemporânea 33

CAPÍTULO 2: OS MONSTROS NA LITERATURA 36

2.1 Antiguidade 36

2.2 Idade Média 38

2.3 Idade Moderna 41

2.4 Contemporâneo 43

2.5 O século XX 46

CAPÍTULO 3: ALÉM DO SISTEMA SOLAR 48

CAPÍTULO 4: DESPERTAR 55

4.1 Abrindo os olhos 59

4.2 O monstro desconhecido 62

4.3 Hibridismo 72

4.4 Identidade e gênero 79

4.6 Uma nova vida 82

4.7 Imperialismo 84

4.8 Xenofobia e alteridade 91

CONSIDERAÇÕES FINAIS 94

REFERÊNCIAS 99

INTRODUÇÃO

Monstros. Tudo nesta dissertação gira em torno deste ser de profunda presença no imaginário humano. O monstro e suas monstruosidades fazem parte do imaginário humano há milhares de anos. Desde criança ele aparece em nossas vidas por meio de histórias narradas ou escritas, às vezes elas são ditas de forma pedagógica, para temermos algo, uma pessoa, situação. Eles também podem aparecer na história como um elemento folclórico e cultural do país. Existem diversos tipos de monstros. São incontáveis as possibilidades que este ser extraordinário nos proporciona, nos faz imaginar, temer, desconstruir ideias, visualizar novas perspectivas de vidas e até mesmo ter empatia.

O nosso fascínio pelo monstro decorre do fato de este ser extraordinário nos remeter aos limites, às fronteiras que são rompidas com a existência desta vida. De onde ele veio? Como surgiu? Este ser tão diferente sempre esteve presente na Terra? São tantas perguntas que não contêm respostas, por isso nossa curiosidade em respeito ao monstro e às coisas monstruosas. Zumbis, vampiros, fantasmas, alienígenas, seres hibridizados como o minotauro, esfinge, sátiros, centauros, harpias, lobisomem, monstros marinhos estão em livros, revistas, cinema, comerciais de televisão, jogos eletrônicos. O monstro faz parte da cultura *pop* e ele sempre é atualizado, uma nova versão de zumbis, de alienígenas, de fantasmas aparece de tempos em tempos.

O monstro pode ser um predador que causa no humano o desejo de sobreviver ao ataque do ser bestial e, para a vida do ser humano voltar ao normal, é necessário eliminar aquela besta anormal que pode aniquilar a humanidade. Uma luta visível e invisível se instaura; visível porque é possível identificar ações que serão feitas com a finalidade de extinguir o ser diferente. Invisível, pois estas ações também podem ocorrer de forma sutil, suprimindo essas minorias, fazendo o monstro sempre se encontrar no outro lado, em outro lugar que seja longe do considerado normal.

Isso nos faz refletir sobre qual categoria o monstro se enquadra, pois nós somos categorizados, homens, mulheres, brasileiros, norte-americanos, brancos, negros, indígenas, transexual, gay, hétero, pequeno, alto, magro, gordo. Toda nossa vida gira em torno de categorias. O quebramento desse molde causa desconforto, confusão, e o monstro é um dos causadores do rompimento desta classificação.

O monstro nos desloca dessa realidade moldada, aquela que foi criada pelos homens de milhares de anos atrás e que até hoje encontramos fortes vestígios enraizados na mentalidade e atitudes da sociedade. Os monstros também exibem as intolerâncias e tensões

da sociedade, um exemplo disso é que a nossa civilização reage a certos grupos sociais da mesma maneira que os humanos reagem ao se depararem com monstros em determinados livros. Um exemplo é a existência do *Ku Klux Klan*, uma organização supremacista branca dos Estados Unidos que, durante anos, aterrorizou e tentou eliminar os afro-americanos do país. Tal fato expõe as diversas camadas e conflitos da sociedade norte-americana, e alguns desses grupos estão dispostos até em matar outro ser humano por conta da cor de pele.

Iniciando uma análise sobre as diversas faces do monstro, é admissível dizer que, quando citamos essa palavra, ela nos remete a palavras negativas, principalmente ao estereótipo de um ser maligno, que pode matar humanos. Neste cenário o ser perverso, na maioria das vezes, é o monstro. O passar das eras cunhou este mito ao redor do monstro. Criou-se, então, a mentalidade de que a palavra "monstro" significa algo proibido, malvado, e assim nasceram monstros que até hoje nos causam medo e pavor. Porém, é preciso informar que o ser monstruoso também pode ser amigo, pode acolher, cuidar, e que este lado maléfico do monstro foi e ainda é desmantelado por diversos autores e histórias; ao mesmo tempo em que o monstro pode ser o maligno, ele também pode ser o benigno, pois o monstro é um ser plural, ao ponto de dividir opiniões sobre sua personalidade, estrutura física, estilo de vida.

Mas, afinal de contas, o que é o monstro? De acordo com os dicionários da Língua Portuguesa, o monstro pode ser definido como aquele ser que possui uma "conformação anômala" (FERREIRA, 2010, p.1421) e que "é contrário às leis da natureza" (FERREIRA, 2010, p.1421), é um individuo que causa espanto pelo seu aspecto físico, por ser muito feio, enorme, por lhe faltar algo. O Dicionário **Aulete** (2011) aponta que o monstro é um ser anormal, que é estudado pela teratologia (ciência médica que estuda as anomalias genéticas).

Nossa dissertação enxerga o monstro como todo o ser vivo que é visto como diferente por uma comunidade, o monstro para nós é o ser marginalizado, o outro que não é enxergado por uma maioria. Essa concepção padrão do monstro que foi descrita nos parágrafos posteriores representa a forma como a humanidade enxerga o outro que é dessemelhante, e nosso texto será baseado nesta mentalidade, de como o monstro é um pária e espelha as minorias da sociedade.

Pensando nisso, a dissertação surgiu a partir do momento em que percebemos as imensas probabilidades que a palavra monstro refletia. Esta pequena palavra contemplava a condição humana na Terra, e várias histórias já foram escritas e narradas sobre seres monstruosos. Esses indivíduos são seres que não fazem parte do padrão social estabelecido há milhares de séculos. Um ser que rompe o modelo, que ultrapassa os limites de uma população, supostamente igualitária, poderá ser visto como monstruoso.

Como pesquisadora sempre me interessou estudar como a vida se reflete na arte, e não existe nada mais humano do que os erros da humanidade, por isso nosso texto expõe algumas das imperfeições humanas que podem ser encontradas ao observarmos como o homem lida quando encontra criaturas monstruosas. Neste ponto de vista a dissertação revela que os monstros delatam os preconceitos enraizados que uma grande parte da população carrega, o medo daquilo que é diferente e que pode alterar nosso cotidiano.

Além disso, o monstro levanta questões sobre o bem e o mal, sobre a essência do humano, da sociedade e vida humana, traz questões a serem debatidas, mesmo após anos de um acontecimento ou publicação de uma obra.

É difícil debater o assunto monstro sem falar do forte estereótipo que esta palavra carrega. A palavra monstro vem acompanhada das palavras medo, temor, violência, raiva, inimigo, demônios. Este terror pelo monstro surge por meio da essência da ação e reação, se o monstro for um assassino, eu posso ser uma de suas vítimas. Devido a esta circunstância, eu posso ser a próxima vítima e, dependendo da situação, me transformar até mesmo no próximo monstro. É como se o monstro fosse uma representação ou metáfora do mal.

Existe uma linha invisível que não deve ser ultrapassada, a qual indica o que é mal. Ninguém sabe quando essa linha foi criada, ou o que exatamente delimita a linha para indicar o que é uma ação maligna, porém crescemos sabendo regras que delatam o que devemos ou não fazer, o que é correto e errado na sociedade, e que o mal precisa ser identificado. As religiões têm grande parte em apontar o que é certo e errado, o que é ou não monstruoso. A religião cristã exerceu e até hoje exerce um grande papel na mentalidade da humanidade sobre o que é o mal e o monstro. Porém, é difícil definir o mal, pois isso varia de mentalidade, mas podemos dizer que certas noções são inaceitáveis para a sociedade, principalmente ações denominadas como perversas e desumanas.

Segundo o pensamento de Julio Jeha (2007, p.20):

> [...] os monstros desempenham, reconhecidamente, um papel político como mantenedor de regras sociais. Grupos sociais precisam de fronteiras para manter seus membros unidos dentro delas e proteger-se contra os inimigos fora delas. A coesão interna depende de uma visão de mundo comum, que diga àqueles afetados por ela que "as coisas são assim" e não de outra maneira e "é assim que fazemos as coisas por aqui". As fronteiras existem para manter medida e ordem; qualquer transgressão desses limites causa desconforto e requer que retornemos o mundo ao estado que consideramos ser o certo. O monstro é um estratagema para rotular tudo que infringe esses limites culturais.

Ou seja, existe um agente moral que determina o que é ou não mal, monstruoso, e as transgressões que afetam a ordem são condenadas como negativas, pois ultrapassam a regra social estabelecida.

O monstro está interligado à vida humana e à civilização de que participamos. Podemos notar a natureza autodestrutiva do homem e sua repulsa e opressão com indivíduos da própria espécie. O monstro expõe também as posições de privilégio de diversos indivíduos da nossa sociedade e da falta de empatia destes perante os outros marginalizados, os "monstros" que habitam a civilização.

Imigrantes, idosos, homossexuais, transexuais, negros, asiáticos, favelados, muçulmanos, pessoas que nasceram ou adquiriram alguma limitação física são discriminadas diariamente por uma parte da sociedade. É comum jornais noticiarem a morte de um inocente que morreu devido à bala perdida na favela, ou uma mulher que faleceu por causa de um ex-companheiro abusivo, assim como gays e transexuais que são espancados. Estes indivíduos que são identificados como minorias sociais afligem-se de maiores temores, pois o preconceito que os cercam pode lhes causar a morte.

É possível escrever uma história acerca destes acontecimentos diários da vida humana por meio da literatura e suas metáforas. Neste contexto podemos identificar histórias que narram a nossa realidade por meio de recursos linguísticos que nos transferem para outro mundo, lugar, mas que condizem com a condição humana em suas ações e pensamentos. A Ficção Científica costuma fazer isso, utilizar de figuras de linguagem para espelhar aspectos da sociedade. Este será um dos temas do terceiro capítulo da nossa dissertação.

A indiferença com as minorias impossibilita cidadãos de enxergarem indivíduos que saem da nossa zona de conforto e que são reais, que existem na nossa sociedade e que sofrem dificuldades devido a esta falta de espaço social. Por isso, inconscientemente (ou seria conscientemente?) a civilização, por diversas eras, tornou diversos seres negligenciados pelo estado e sua comunidade. Acerca deste assunto, é preciso descrever que, quando não conhecemos algo, é difícil entender e enxergar aquele novo como algo positivo, pois, dependendo da situação, o novo pode ser visto como uma ameaça, uma advertência para algo que está por vir. Tais situações causam medo no ser humano, o que é desconhecido é intimidador, já que no primeiro momento não se sabe se aquilo é algo bom ou ruim. Por este motivo, o pensamento negativo acerca do extraordinário cresce, enxergar outro indivíduo como semelhante quando aquele ser nunca fez parte da sua realidade é algo conflitante. Neste sentido, o monstro destrói a segurança e conforto que sentimos e nos mostra que existem

novas possibilidades de vida que são dessemelhantes ao molde conhecido pela sociedade, por isso existe uma indiferença ou dificuldade ao aceitá-lo.

O monstro neste cenário evidencia a dificuldade humana de aceitar o próximo e de respeitar as diferenças de cada um. Julgamos tudo e todos, temos uma estrutura social complexa com diversas camadas preconceituosas, intolerantes, hegemônicas que demonstram a incomplacência e opressão que envolve a vida de milhares de seres humanos na Terra. Vivemos na diversidade, somos entrelaçados por culturas, histórias de povos extintos, até hoje estamos aqui, vivos, em meio a um mundo globalizado com imensa produção e divulgação de conhecimento, somos uma mistura, somos a miscigenação de diversos povos antigos e uma das coisas que Octavia E. Butler mais escreve é sobre isso, hibridização.

Pensando nisso, nosso texto ganhou vida a partir dessa reflexão de que os monstros estão em todos os lugares, são seres humanos, seres ficcionais, seres culturais, folclóricos, estátuas, desenhos, fantasias do dia das bruxas. Por ter estado sempre presente na sociedade, nossa dissertação tenta construir uma tessitura de monstros e entender o porquê desses seres fascinantes ainda fazerem sucesso hoje em dia. Para tal análise, utilizamos o livro **Despertar** (1987), de Octavia E. Butler.

Octavia E. Butler (1947-2006) é uma escritora afro-americana que já ganhou diversos prêmios importantes da literatura norte-americana durante o final do século XX. A maioria dos livros de Butler foram publicados entre 1976-1998, mas no Brasil as traduções de suas obras só foram ocorrer no século XXI. É notável que, com as publicações de seus livros em terra brasileira, o número de leitores e pesquisadores brasileiros cresceu. A escritora possui sete livros traduzidos e publicados no Brasil pela Editora Morro Branco: **A Parábola do semeador** (2018), **A parábola dos talentos** (2019), **Filhos de sangue e Outras histórias** (2020), **Kindred: laços de sangue** (2017), **Despertar** (2018), **Ritos de passagem** (2019) e **Imago** (2021).

No processo de nossa pesquisa fizemos o levantamento teórico de Butler no Brasil. Decidimos, então, fazer um apanhado histórico das produções de pesquisadores brasileiros que envolvem os escritos da autora e descobrimos que atualmente Octavia E. Butler está em ascensão no Brasil. Antigamente era difícil achar artigos, dissertações e teses sobre Butler, mas desde os anos de 2010 iniciou-se um fluxo de pesquisas e publicações sobre a escritora afro-americana.

Os primeiros trabalhos que encontramos são dois artigos publicados em 2012 que falam sobre a trilogia **Xenogenesis**, Alexander Meireles da Silva[1] escreve "A redenção de Lilith: o corpo feminino como estratégia transgressora na ficção de Octavia E. Butler" que fala sobre a protagonista de **Despertar** (1987) e seu nome Lilith que é conhecido no folclore hebraico. O outro artigo publicado no mesmo ano foi de André Cabral de Almeida Cardoso[2] que analisou a comunicação existente na trilogia de Butler.

Em 2013 a dissertação de Amanda Priscila Santos[3], chamada "Entre gênero, feminismo e utopia: as reconfigurações da maternidade em narrativas de Marge Piercy e Octavia Butler" analisaram as noções tradicionais da mulher com a maternidade. Avançando um pouco o tempo, em 2018 encontramos outra dissertação: "Lilith negra: Símbolos culturais em um debate intersemiótico"[4] que investigou a mitologia, religião e literatura da personagem Lilith em diversas obras, a trilogia Xenogenesis foi um dos livros da pesquisa.

Buscando estudar o corpo descrito em **Despertar** (1987), em 2019 o artigo "A perspectiva ciborgue, identidade e diferença em **Dawn** (1987), de Octavia E. Butler[5]" foi publicado, as duas autoras refletiram sobre as transformações do corpo ciborgue e sua relação com a identidade humana. Em 2020, outra dissertação sobre Lilith foi feita, "De deusa a demônio a... Lilith Iyapo : construção do feminino em **Dawn** (1987), de Octavia E. Butler[6]", que estudou o mito lilithiano até a construção de Lilith de **Despertar**.

Ao procuramos sobre Octavia E. Butler nos sites acadêmicos do Brasil percebemos que as pesquisas eram divididas em três aspectos: nos ideias gerais da autora em seus diversos

---

[1] SILVA, A. M. A redenção de Lilith: o corpo feminino como estratégia transgressora na ficção de Octavia E. Butler. **REDISCO**, Vitória da Conquista, v. 1, n. 2, p. 7-15, 2012. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2657#:~:text=Comparada%20%C3%A0%20lua%20negra%20e,escritora%20afro%2Damericana%20Octavia%20E. Acesso em: 19 jun. 2021.

[2] CARDOSO, A. C. de A. O espaço da troca: a comunicação sem palavras na trilogia Xenogenesis de Octavia Butler. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 32, n. 2, p. 229–247, 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635884. Acesso em: 19 jun. 2021.

[3] PRADO, A. P**. Entre gênero, feminismo e utopia:** as reconfigurações da maternidade em narrativas de Marge Piercy e Octavia Butler. 2013. 89 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013. Disponível em: http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/2398. Acesso em: 19 jun. 2021.

[4] ROCHA, F. R. **Lilith negra:** Símbolos culturais em um debate intersemiótico. 2018. 201 p. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13331. Acesso em: 19 jun. 2021.

[5] VIEIRA, D. C; ANDRADE, B. C. A perspectiva ciborgue, identidade e diferença em Dawn (1987), de Octavia E. Butler. **Memorare**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 152-171, jan./jun. 2019. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/7914. Acesso em: 19 jun. 2021.

[6] VIEIRA, D. C. **De deusa a demônio a... Lilith Iyapo:** construção do feminino em Dawn (1987) de Octavia E. Butler. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Acesso em: 19 jun. 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/37922. Acesso em: 19 jun. 2021.

livros, no livro **Kindred** (1979) e na trilogia **Xenogenesis**. Notamos também que os outros livros da autora são poucos explorados e têm pouca pesquisa brasileira. Após essa observação sobre os aspectos gerais de Butler no Brasil, podemos dizer que o nosso trabalho está alinhado às pesquisas referentes à obra da trilogia **Xenogenesis**.

Butler aborda alguns temas recorrentes em suas obras, tais como estupro, hibridismo, atravessamento de fronteiras. As protagonistas fazem parte da construção de uma nova sociedade. A escritora propõe em suas obras que a mudança é necessária e trabalha o hibridismo como elemento de superação de binarismo, ela também reforça que toda relação social é uma relação de poder.

Ainda que Butler valorize o hibridismo e uma nova construção social, não existe sociedade utópica, sempre vão existir relações de poder envolvidas, hierarquias, e tal mentalidade está bastante presente na obra **Despertar** (1987).

O hibridismo neste contexto pode ser visto como um meio para a superação de um problema ou instrumento de abordagem de problemas da sociedade. É importante ressaltar que o conceito de híbrido do nosso estudo está conectado à visão de Claudia Madeira (2010, p.2) que "representa o resultado da mistura de coisas/objectos/práticas de ordem diferente; qualquer deles não se integra em categorias como "puro", "fixo" ou "classificável", senão nas suas categorias híbridas e/ou monstruosas".

Ou seja, o estranho e o irregular, aquele que rompe a organização, gera a ampliação e criação de novas espécies multiculturais que, ao se mesclarem, quebram, desconstroem, expandem percepções e símbolos sociais. O monstro, o hibrido é esta celebração ao diferente. É aquele que acrescenta novas possibilidades de vida no mundo. Contudo, o pensamento híbrido até hoje é negado por alguns homens e aquilo que devia ter nos unido em determinados momentos históricos só nos separou ainda mais.

Este paradigma binário de bem ou mal, puro ou impuro, é algo que vamos tentar quebrar com a dissertação, por isso, fizemos uma sucinta demarcação do que podemos chamar de linha do tempo do monstro, dados da vida real e literária podem ser vistos no primeiro e segundo capítulos da dissertação. No terceiro capítulo falamos sobre o monstro na Ficção Científica, ligando assim ao nosso foco principal que será o quarto capítulo, no qual iremos dissecar a obra **Despertar** (1987), de Octavia E. Butler. O objetivo geral da dissertação é identificar o monstro e sua relação com a raça humana, expondo as múltiplas faces do monstro e da humanidade.

Seguindo a visão de Jeffrey Jerome Cohen (2000), de Mary Del Priore (2000), de Santo Agostinho (1996, 2002), de Mary Douglas (1991), desdobraremos uma investigação de

caráter bibliográfico-documental sobre o monstro na vertente do modo fantástico, conhecido como a Ficção Científica, a partir do livro **Despertar** (1987), da escritora afro-americana Octavia E. Butler. Especificamente, a investigação busca mostrar a complexa relação de poder entre os alienígenas, humanos, e como a autora faz uso de noções do monstruoso para construir um discurso de alteridade.

Por conseguinte, poderíamos caminhar por diversas linhas de pesquisa com esta obra, mas vamos nos fixar a uma situação-problema que aborda uma questão bastante característica de diversas histórias de Ficção Científica. Seria o monstro no livro **Despertar** a salvação ou o pesadelo da humanidade? Nossa hipótese consiste na ideia de que existe uma narrativa dupla, na qual os alienígenas e humanos antagonizam uma batalha moral sobre a salvação/captura da humanidade. Os terráqueos descobrem que foram salvos da extinção por alienígenas que buscam uma miscigenação das espécies. O monstro da obra acredita que a hibridização é a evolução de ambas as raças. Desta forma, Butler evidencia a necessidade de mudança e, ao fazer isso, expõe as relações de poder entre os indivíduos, mostrando a pluralidade de faces e que a salvação e pesadelo dependem da visão do opressor e oprimido.

CAPÍTULO 1: O IMAGINÁRIO DE CADA ÉPOCA

As crenças em seres monstruosos existem desde que a humanidade foi criada e aquilo que é visto como monstruoso deixa de o ser dependendo do contexto cultural e da época em que o monstro é inserido. A seguir vamos fazer uma concisa cronologia histórica para vislumbrar as diferentes visões do monstro e de como as populações se relacionavam com esses seres divergentes.

1.1 Era uma vez...

Na Idade da Pedra, os monstros eram os diversos animais, o fogo, e os fenômenos da natureza. Chama a atenção aqui o fato de que seria nas primeiras civilizações que ocorreria o processo da divinização dos monstros.

No Egito Antigo os deuses eram antropomórficos. A religião era repleta de divindades com cabeças ou corpos de animais que se juntavam com as características físicas humanas em um processo de hibridização de homens e animais. Tal fato revela o poder sobrenatural e o medo depositado sobre seres específicos na cultura egípcia.

Já na Babilônia existia a mentalidade de que os homens foram criados pelos deuses por meio da argila e que seu criador (Marduk, deus protetor da cidade Babilônia e principal deus da sua religião) havia feito os humanos com a finalidade de que seus diversos deuses fossem adorados. Também aqui, no alvorecer da civilização, temos a presença de criaturas monstruosas divinizadas ligadas ao bem e ao mal.

Quando os judeus ficaram exilados na Babilônia (fato conhecido como Cativeiro de Babilônia) tiveram contado com as crenças do povo babilônico representada na crença em diversos deuses e demônios (NOGUEIRA, 2002). Este fato causou impacto nas crenças judaicas, vindo a afetar o Judaísmo. Assim, ao se libertarem do jugo babilônico, os judeus transformaram os deuses de seus captores em demônios, como a deusa Lilith e seus pés de coruja. Deste modo, alguns demônios ganharam narrativa em sua religião e tal mentalidade foi repassada para as futuras gerações.

Já na Antiguidade Clássica a ênfase sobre a perfeição do corpo humano se traduziu no lugar do monstro como um ser que deveria ser suprimido, morto ou evitado. A monstruosidade no pensamento aristotélico era, por exemplo, o produto de uma deformidade (ZANON, 2016). Isso acontecia devido à própria sociedade do período ser rígida, hierárquica e ter iniciado certas categorizações sociais, políticas, artísticas, filosóficas.

Na Grécia Antiga diversos monstros estavam ligados ao divino. Vemos deuses e heróis contra monstros. Até hoje ecoam as aventuras de Hércules sendo a mais famosa os seus doze trabalhos. Ele realizou diferentes façanhas, dentre as quais a luta contra monstruosidades, como o Leão de Neméia, a Hidra de Lerna, o gigante Gerião, a Corça Cerinéia e Cérbero, o cão de três cabeças que guarda as portas do submundo.

Observamos também como os deuses castigam e interferem na vida humana. Enquanto Ártemis banhava em uma gruta junto com suas ninfas, o jovem Actéon, filho do rei Cadmo, caçava cervos junto com seus amigos num vale. No seu momento de descanso, o príncipe saiu para explorar o campo e acabou encontrando a gruta da deusa. Por tê-la visto desnuda, Ártemis jogou água em Actéon e retirou a sua humanidade transformando-o em cervo. Desesperado, o jovem começou a correr e os cães de caça que o acompanhavam o encontraram. O jovem príncipe foi morto pelos amigos de caça e seus cães. O que aconteceu com Actéon, ter sua vida modificada por um deus (a), também ocorreu com variados humanos.

Existem múltiplas histórias envolvendo deuses gregos e monstros. Na história de Medusa temos uma linda donzela que encantava múltiplos homens com sua beleza, jovialidade e belos cabelos, dentre eles Poseidon. Sedento de luxúria, o deus dos mares abusou de Medusa no templo de Atena, fazendo com que a deusa ficasse furiosa com tal desrespeito. Como castigo, Atena transformou Medusa e suas irmãs em górgonas. Seus cabelos viraram cobras e seu olhar passou a transformar as pessoas em pedras. Foi neste mesmo contexto do castigo divino que surgiu a primeira história de lobisomem, a partir do rei Lycaon.

Lycaon foi um rei conhecido por ser bastante cruel. Governava a cidade de Arcádia na qual havia o templo de Zeus onde os visitantes da cidade eram sacrificados ao senhor dos deuses. Ao saber dos sacrifícios, Zeus foi à Arcádia, disfarçado, para descobrir se o rei realmente matava seus convidados. No banquete de boas-vindas serviram ao deus carne humana, Zeus ficou furioso e incendiou o palácio. Sua fúria se estendeu ao rei e seus filhos que foram transformados em lobos.

A história continua com Zeus se apaixonando pela filha de Lycaon, Calisto. Juntos eles tiveram um filho. Hera, companheira de Zeus, ficou irritada com a nova paixão do marido e transformou a jovem Calisto em uma ursa. Vivendo na floresta, ela encontra seu filho que quase a mata, Zeus interfere o assassinato e transforma Calisto e seu filho em estrelas: Ursa Maior e Ursa Menor (BULFINCH, 2015).

Outra narrativa bastante compartilhada da época é a lenda do Minotauro. O rei Minos deveria sacrificar um lindo touro branco a Poseidon. Todavia, ao ver o animal, o regente ficou encantado com sua beleza e decidiu imolar outro touro. Poseidon ficou irritado e fez que com que a esposa do rei, Pasífae, se apaixonasse pelo animal. O minotauro é produto dessa união entre humano e touro. Tendo uma cabeça de touro e o resto do corpo sendo de homem, tal criatura vivia aprisionada dentro de um labirinto e era um devorador de humanos. O monstro ficou em cativeiro durante diversos anos e recebia todo ano sete homens e sete mulheres para que fossem devorados. Teseu foi o herói que matou essa temível criatura.

Ainda no contexto da Antiguidade a monstruosidade assumia diferentes facetas. Os monstros eram os estrangeiros, bárbaros, qualquer um que representasse uma ameaça à cidade. Mas as monstruosidades também estavam presentes na imaginação dos habitantes, se o rio subisse demais e estragasse a plantação, a culpa poderia ter sido de um deus, semideuses, demônio, por isso existiam rituais para as colheitas e diversas outras festividades para que oferendas fossem feitas às divindades e nenhum mal afligisse a população.

1.2 A difusão Cristã

O Cristianismo começou a se disseminar ainda na Antiguidade Clássica. Após Jesus Cristo, pregadores surgem e se espalham divulgando a palavra de um salvador que morreu pelos nossos pecados. Com o passar do tempo, o Cristianismo começa a ganhar lugar no Império Romano e as crenças dessa nova religião são propagadas. Como a população estava acostumada aos templos, rituais, festivais religiosos, a chegada do Cristianismo e da Bíblia não foi aceita de forma imediata. Inicialmente rechaçada e criticada pela população, o Cristianismo ganhou uma forte voz, após anos de proliferação, e só recebeu respeito a partir do momento em que oficiais importantes do Império Romano se converteram à nova fé. Em 313, o imperador Constantino converteu-se aos pensamentos cristãos e legalizou a religião no Império Romano. A Europa estava habituada ao politeísmo, e a Igreja Católica aparece pregando que o individuo deve negar aquelas divindades que a população adorava durante inúmeros anos em festivais e que deveriam adorar apenas um Deus.

Em decorrência da resistência das populações a aceitarem determinadas regras da Igreja Católica, o Cristianismo se adaptou a certos costumes da sociedade. Assim, rituais e festividades ligadas a um deus romano ou de outra cultura se tornou uma festa ao Deus cristão, aos seus santos ou à Virgem Maria. Os templos de variadas divindades se tornaram templos cristãos.

Seguindo a visão de Nogueira (2002) no livro **O Diabo no Imaginário Cristão**, o Cristianismo condena a existência de outras divindades, por tal mentalidade os antigos deuses dos povos politeístas são demonizados. Tudo aquilo que não participa das regras cristãs se torna algo que deve ser eliminado. Os ritos e cultos que ocorriam a certas divindades são proibidos. Os ídolos, antes cultuados, são rebaixados a demônios e qualquer demônio deve ser combatido.

Posteriormente, a Igreja Católica revive esses demônios e associa Lúcifer como principal antagonista de Deus e porta-voz de todo mal que ocorre na Terra. Podemos notar, então, que as religiões e seus monstros, no decorrer da história, demonstram certas similaridades que são alteradas e adaptadas de acordo com o período e costumes do povo de sua época.

Naquele tempo a palavra bíblica era divulgada por meio de pregações, imagens e teatro religioso. A religião cristã demorou séculos para se alastrar pela Europa com suas inovadoras opiniões sobre um salvador e com uma nova mentalidade do que era correto ou incorreto fazer como ser humano. Diversos trechos da Bíblia expõem o que é certo e errado, e como o ser humano poderia se tornar ímpio.

Levítico fala exatamente o que o homem deve comer, sobre o tecido que deve vestir, como deve estar à casa de um indivíduo e ainda discerne o que é puro e impuro. Se a humanidade não seguisse as regras consideradas puras, diversos infortúnios poderiam ocorrer com os homens: doenças, pestes, pragas, fome, a agricultura não iria dar frutos, maldições iriam recair sobre a Terra como forma de punição às atitudes impuras do homem. Ou seja, o Deus pode dar bênçãos como também amaldiçoar, se vingar da humanidade. O ser humano deveria seguir os códigos divinos para que não conhecesse a fúria de Deus.

No decorrer do tempo, tal mentalidade de vingança divina foi se alastrando, já que na época existia fome, pestes, miséria, os cidadãos começaram a acreditar que o que eles viviam era um castigo de Deus e que o fim do mundo estava próximo. O entendimento de que o Juízo Final estava próximo foi algo que percorreu por praticamente toda a Idade Média e inicio da Idade Moderna. Nos próximos tópicos vamos evidenciar a expansão político-religiosa cristã durante essas eras históricas e como essa religião moldou o que era considerado monstruoso.

1.3 Idade Média

Na Antiguidade a grande maioria dos povos possuía uma religião politeísta. Deuses do ar, vegetação, raio, fogo, guerra, água, sol, terra, chuva, lua. Com o Cristianismo acaba-se

o pluralismo de vários deuses e semideuses, inicia-se o monoteísmo e a crença em um Deus onipresente e onipotente. Sobre esse ponto, Nogueira (2002, p. 11) articula: “A cristianização da cultura europeia traz consigo uma viragem decisiva para a história do imaginário”.

O Cristianismo origina uma nova relação entre o homem e o mundo e muda para sempre os rumos da humanidade, principalmente das civilizações da Europa Ocidental. Neste mesmo processo, surge o Diabo como o monstro maior da Idade Média cristã. Se Deus é luz, o Diabo é trevas. No alvorecer do Catolicismo, Lúcifer era o anjo caído, aquele que havia sido expulso do céu por não obedecer às regras de Deus. No final da Idade Média e início da Moderna, após séculos de disseminação que deveríamos ter medo do Diabo, a imagem dele se fortaleceu ainda mais no imaginário da população por meio das artes, imagens, vitrais, desenhos em jornais, afrescos, ilustrações, esculturas, escrituras, imagens apocalípticas e sobre o inferno eram vistas em igrejas e fizeram com que o demônio fosse bastante temido no decorrer desse momento histórico.

Percebe-se neste processo que a arte serviu para educar os humanos acerca dos horrores do pecado. As imagens ilustravam o sofrimento e dor daqueles que foram para o inferno. Lúcifer, nos últimos séculos (XIV–XV) da Idade Média, não era mais ilustrado como um anjo. Artistas como Fra Angelico, irmãos Limbourg, Giotto di Bondone e Coppo di Marcovaldo reproduziam o Diabo em suas obras como um ser gigante com chifres, às vezes ele era desenhado como um ser antropomorfo ou híbrido que tinha asas, com olhos e boca que continham fogo.

Entendido como o inimigo de Deus e da humanidade, sedutor, enganador, ardiloso, deus das trevas, este monstro se colocou como um adversário em relação à existência humana dentro da ordem divina, ele era o obstáculo dos humanos, ele importunava os homens para que eles não encontrassem a salvação eterna que a religião cristã evangelizava. Mas, afinal de contas, se o homem veio do barro da terra e as mulheres da costela de Adão, de onde surgem os monstros?

No livro de Gênesis (1986, p. 51) temos um primeiro relato: “A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o Senhor Deus tinha formado”. Ela disse à mulher: “É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim?” (GÊNESIS, 1986, p.51). Essa pequena pergunta foi seguida por palavras que causaram profunda curiosidade e atração: “Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.” (GÊNESIS, 1986, p.51).

A serpente que apareceu para Eva a seduziu com palavras para que esta comesse o fruto proibido. Seria este animal um dos primeiros monstros a surgirem como representação

de mal? A serpente foi vista como um ser diabólico, que poderia desvirtuar e tirar toda a paz e serenidade imposta no Éden por Deus. Eva não consegue resistir à tentação e come o fruto, trazendo para os cristãos uma nova visão de mundo. A tentação. A luta entre a Luz e as Trevas. Eva não foi a única a ser hipnotizada pela curiosidade, o diferente.

Sobre este ponto Jeffrey Jerome Cohen diz:

> O monstro também atrai. As mesmas criaturas que aterrorizam e interditam podem evocar fortes fantasias escapistas; a ligação da monstruosidade com o proibido torna o monstro ainda mais atraente como uma fuga temporária da imposição. Esse movimento simultâneo de repulsão e atração, situado no centro da composição do monstro, explica, em grande parte, sua constante popularidade cultural, explica o fato de que o monstro raramente pode ser contido em uma dialética simples, binária (tese, antítese... nenhuma síntese). Nós suspeitamos do monstro, nós o odiamos ao mesmo tempo que invejamos sua liberdade e, talvez, seu sublime desespero. (COHEN, 2000, p. 48).

Seguindo este ponto de vista, o Diabo é um ser que causa uma repulsão e atração. Eva foi atraída de tal maneira que não conseguiu negar o desejo, mesmo sabendo que as palavras da serpente sugeriam algo que ela deveria recusar. Seu anseio pelo fruto, pela curiosidade que as palavras do diabo haviam despertado nela era tanta, que ela atravessou a fronteira invisível que ali existia e desobedeceu a Deus causando assim uma separação: bem e mal, existia a perfeição do Paraíso e o nosso mundo real que está longe dos encantos do Éden.

Por Eva ter comido a maçã e ter alterado os rumos da humanidade, a mulher passou a ser vistas como um ser "vinculado à promoção ativa do mal no mundo" (RICHARDS, 1993, p. 83), durante este período existiu um forte discurso antifeminista.

Além das mulheres, surgiram outros bodes expiatórios durante este longo período histórico e várias pessoas sofreram retaliações da igreja. Todos aqueles seres que eram vistos como um adversário do Cristianismo ou que rompiam as ideias cristãs eram considerados seres indignos, pecadores e até mesmo cúmplices do Diabo. Judeus, hereges, muçulmanos, leprosos, estrangeiros, viajantes, mendigos, prostitutas, homossexuais, bruxos e qualquer outra minoria era vista como a antagonista das ideologias da igreja que pregava a pureza, o celibato e a autoavaliação "emocional e espiritual em vez da satisfação física e sexual" (RICHARDS, 1993, p.18).

A mulher neste contexto histórico é vista como um ser inferior, pois assim como a serpente seduziu Eva, o feminino atentava o homem. A mulher era a serpente da vida real. A igreja evangelizava que a mulher deveria ser submissa, não deveria ter voz, tinha que ir à missa com a cabeça coberta para demonstrar a vergonha do ato de Eva de introduzir o pecado

ao mundo. Os padres falavam que elas eram aliadas do diabo, irracionais, dissimuladas, ignorantes, impuras, maliciosas etc. (DELUMEAU, 2009).

Com a finalidade de segregar e silenciar ideias, Jeffrey Richards (1993, p.22) aponta que "A partir de 1215, judeus, muçulmanos e também prostitutas foram obrigados a vestir trajes distintos e passaram a usar marcas ou sinais". Os leprosos já usavam uma roupa diferente desde 1179. A Igreja Católica trata, portanto, de limitar as liberdades dos habitantes que não seguiam as ordens que eles consideravam ser divinas. É possível notar que tal estratégia do Cristianismo de marginalizar e de colocar um alvo nas pessoas por meio de uma distinta vestimenta é uma ideia que a Idade Contemporânea repete durante a Segunda Guerra Mundial. Hitler ordena que ciganos, judeus, homossexuais, maçons e outras minorias sejam identificados por meio de um triângulo nas roupas, cada um desses indivíduos utilizava um triângulo com a cor que representasse sua classe nos campos de concentração.

No decorrer da Idade Média, as pestes se tornaram algo comum. Elas ocorriam de dez em dez anos junto com inúmeras guerras e rebeliões que aumentavam o quadro de forme da população. Havia miséria, guerra, fome, pestes, rebeliões, impostos, ladrões, soldados salteadores, feiticeiras, mortes por inanição, canibalismo, o que contribui para a insegurança em relação ao futuro da humanidade. Em meio a este caos a Igreja Católica pregava que o Juízo Final estava chegando e que o inferno é pior que os sofrimentos terrenos, com a ajuda de Deus, o homem pode encontrar a verdadeira eternidade. A população apegou-se, então, às palavras bíblicas e aos ensinamentos da igreja como um refúgio e compreensão do que acontecia no mundo.

No início da Idade Média, Santo Agostinho foi um dos principais pensadores da Igreja Católica medieval a inserir o monstro dentro da criação divina (DEL PRIORE, 2000). Nesta visão, os povos monstruosos existiam porque Deus deu-lhes vida. Os monstros neste contexto não são vistos como algo repugnante, já que o Criador os fez, estes indivíduos têm um propósito na Terra. Porém, Delumeau (2009) pondera que os seres monstruosos seriam uma forma de castigo, maldição de Deus aos pais e mães pecadores.

Santo Agostinho também escreveu vários livros sobre os antigos cultos e demônios, em um desses registros ele especifica um pouco sobre o demônio e sua localização no mundo:

> [...] são espíritos ávidos de malfazer, totalmente alheados da justiça, inchados de soberba, pálidos de inveja, destros em enganos. Habitam certamente no ar porque precipitados das alturas do Céu Superior devido a falta inexplicável, foram condenados a habitarem esta espécie de prisão apropriada ao seu estado. Todavia, lá porque o ar está acima da terra e das

> águas, nem por isso são superiores em mérito aos homens (AGOSTINHO, 1996, p. 763).

O diabo está no vento, no ar, está circulando em todos os lugares. Pessoas que faziam adivinhação e que examinavam os astros eram penalizadas nesse período. Naquele tempo algumas pessoas buscavam a astrologia e adivinhas para premeditar o futuro, a surpresa do amanhã era algo a ser temido, logo eles tentavam se preparar antecipadamente para o que estava por vir.

Após séculos de disseminação sobre o medo que se deve ter da mulher, no final da Idade Média e início da Moderna, elas ganham um papel ainda maior de aversão com a propagação das bruxas, notadas como aquelas que difundiam o caos e o trabalho do diabo. Cardini **(**1996, p. 15) revela quais eram as principais características das bruxas naquela época: "O voo mágico, o pacto com o diabo, o assassinato das crianças, a destruição de farinha e de colheitas, a metamorfose animal". As bruxas se tornaram um problema social, uma vez que várias desgraças ocorreram naquela época; a igreja e a população culpavam-nas porque as enxergavam como cúmplices do Diabo. Ao mesmo tempo, os espíritos malignos tinham que ser combatidos.

Com a ascensão da igreja ficou difícil a vida na cidade para as pessoas que não eram cristãs. Os pagãos foram se refugiar nos campos, já que aqueles que não seguiam o Cristianismo eram caçados. A perseguição vivida pela população pagã nos faz refletir que o monstro se mistura entre a ficção e a realidade. A monstruosidade manifestada em mitos é estendida à vida real e seu desdobramento vai além de uma forma física anormal, diz respeito à cultura, à ciência, à politica, à religião, a diferenças étnicas de uma sociedade e época.

1.4 Idade Moderna

No início da Idade Moderna, variadas religiões e cultos eram perseguidos, podemos lembrar-nos da caça aos bárbaros, às bruxas, aos pagãos. Qualquer pessoa que estivesse envolvida com rituais e práticas de magia ou adivinhação era relacionada como servos do Diabo. O Cristianismo, no decorrer dos séculos, se expande para além da Europa; a Igreja Católica tenta catequisar os hereges, judeus, turcos, indígenas, e acaba se impondo como a religião a ser seguida pelas incontáveis civilizações do globo.

O começo da Idade Moderna traz principalmente a caça às bruxas. Desde o Império Romano existiam boatos sobre mulheres que voavam de noite, que utilizavam magia. Durante a Idade Média essa mentalidade se fortaleceu e houve a criação de um estereótipo de bruxa

que está relacionado com o folclore daquela época, com a magia e com o culto ao Diabo (RICHARDS, 1993). As mulheres já eram visualizadas como um ser propenso ao mal e quando surgem rumores de que diversas feiticeiras existiam, os Estados, juntamente com a Igreja Católica, se unem para exterminar esta aliada do Diabo.

Com diversas calamidades ocorrendo durante este período, a crença no Diabo era cada vez mais legítima. Doenças, rebeliões... Existia um caos que originava a ideia de que Satã estava devorando a humanidade e que Deus e o Cristianismo eram a única salvação. Havia uma guerra entre luz e trevas. No decurso desta época, o Diabo e o monstruoso começam então a aparecer em diversos lugares, imagens, esculturas, igrejas, para a população reconhecer o inimigo da paz e rei dos males.

A imprensa foi bastante importante neste tempo, já que divulgava ilustrações de bruxas, demônios, judeus e todos os outros inimigos da religião cristã, expondo assim os verdadeiros adversários da humanidade e de Deus.

Múltiplos perigos ameaçavam a igreja durante este momento histórico e um deles foi o Protestantismo. Os pregadores protestantes chegavam a dizer que os papas da Igreja Católica eram o Anticristo. Os judeus que possuíam grande poder econômico, já que eram comerciantes, também foram vistos como uma ameaça à Igreja Católica. Mas, com o advento das Grandes Navegações, das descobertas de Novos Mundos, incontáveis animais, culturas, monstros, terras, são encontrados para serem desvendados, tudo é um enigma a ser revelado e o Cristianismo enxerga este Novo Mundo como um local a mais para que a "verdadeira religião" seja implementada. A pedagogia religiosa cristã foi inserida em diversas civilizações que muitas vezes tinham uma religião politeísta. O Cristianismo tem novamente um momento de expansão. No início da Idade Média, a igreja teve seu momento de ascensão na Europa Ocidental. No início da Idade Moderna, o catolicismo também tem esse momento ao encontrar novos continentes e regiões para serem evangelizados, e assim como a igreja agiu na Idade Média, ela tenta fazer aquelas civilizações pluralistas de deuses se tornarem monoteístas.

As viagens e descobrimentos faziam com que várias histórias sobre povos e terras exóticas fossem espalhadas. Uma confusão entre realidade e ficção se proliferava em meio aos diversos relatos de novas criaturas. Peixes hoje conhecidos e muitas vezes vistos e até estudados em livros de biologia ou encontrados em zoológicos eram vistos como monstros marinhos naquele tempo. As navegações que voltavam da Índia, China, e de outros países asiáticos sempre regressavam com diversas histórias sobre monstros e animais estranhos que viviam naquelas terras e mares. No século XIII a Igreja Católica patrocinou expedições na

parte Oriental do nosso planeta, os navegadores escreviam sobre criaturas maravilhosas e bizarras: gigantes, ciclopes, unicórnios, dragões, formigas do tamanho de um cachorro, ciápodes, etc. (DEL PRIORE, 2000). Tais relatos retornam na Idade Moderna por meio da imprensa que publicava desenhos sobre esses monstros do passado e do presente. Os jornalistas noticiavam também que existiam homens no Brasil entre as fronteiras da Venezuela e Guiana parecidos com os blêmios, homens que não tinham cabeça e que seus olhos jaziam no peito (DEL PRIORE, 2000).

Ao longo das expedições, o próprio mar era um monstro. Nem todos os navios chegavam à terra firme, vários afundavam graças às tempestades, ciclones. Doenças eram espalhadas rapidamente entre os habitantes do navio, os alimentos pereciam. O mar também trazia os inimigos, as doenças, a morte. O oceano é visto como um mundo inexplorado, perigoso, volátil, hostil e cheio de surpresas. Jean Delumeau (2009, p.61) relata que "As águas profundas – mar, rio ou lago – eram consideradas um abismo devorador sempre pronto a engolir os vivos". Os humanos enfrentavam os infortúnios e mistérios do mar para chegar a uma terra que ainda não havia sido descoberta pelos europeus e encontravam outras monstruosidades nesta terra nova.

A chegada dos europeus no Novo Mundo era muitas vezes devastadora aos habitantes daquele lugar. Os nativos tinham sua forma de viver, alimentação, religião e os estrangeiros chegavam nestas civilizações e instituíam à força sua cultura, ideologias, maneira de viver sobre a população daquele país. Frequentemente recebendo uma pedagogia do medo, do choque, os indígenas eram oprimidos e deveriam renegar seus costumes e aceitar uma nova visão de mundo. A Igreja Católica fazia essa reeducação dos nativos nos moldes europeus, ensinava a língua do país colonizador, a religião e, se os habitantes não aceitassem aquela doutrinação estrangeira, poderiam morrer.

Contempla-se neste contexto histórico o choque de duas culturas e díspares visões do que seria o monstro ou monstruoso. O monstro pode ser o colonizador com sua tirania e forte autoridade ou o monstro pode ser os próprios povos nativos por eles serem estranhos ao olhar dos europeus. Os exploradores do Velho Mundo dizimaram milhares de indígenas por eles se recusarem a fazer catequese, ou por simplesmente eles serem diferentes dos europeus. Os estrangeiros enxergavam os nativos como seres inferiores que deveriam ser reeducados aos costumes dos povos da Europa.

O Renascimento extrai o conceito de monstruosidade da Idade Média (Diabo, feiticeiras, magia, seres fisicamente anormais etc.) e a transforma para a situação presente que estão vivendo. Tendo em vista que ocorrem múltiplas explorações ao redor do mundo, as

novas terras causavam curiosidade e fascinação, assim, tudo aquilo que for diferente do comum se torna algo a ser investigado. A ciência tem o interesse de descobrir sobre as deformidades humanas e animais.

As expedições traziam histórias faladas e escritas em cartas, diários de bordo que relatavam as curiosidades e monstruosidades de um Novo Mundo. Tudo era maravilhoso e aterrorizante. Animais que eram naturais de certos países e desconhecidos na Europa causavam encanto aos viajantes. Aos olhares dos homens europeus, a população nativa do país "descoberto" era vista até como não civilizada. Humanos e animais eram transportados para os países da Europa para que as pessoas vissem essa nova vida que habitava outro continente.

Nesta época de transformações e mudanças, a curiosidade era uma das principais características da sociedade europeia e isso continuou nos seguintes séculos com a ascensão da ciência e expansão dos conhecimentos em múltiplos pontos.

Com um maior número de pesquisadores surgem buscas para as questões que tentavam entender a existência de seres diferenciados. Livros de anatomia são feitos para explicar a ausência ou exagero de algo que poderia ser visto como monstruoso. Em 1575, um médico autodidata francês chamado Ambroise Paré publicou um livro sobre monstros e descreveu o que causava as deformações dos seres vivos. Os desvios orgânicos e físicos dos humanos e animais ocorriam, segundo o médico, por causa de um presságio divino, excesso ou mistura de sêmens, deterioração do útero da mulher, abundante imaginação durante os meses de gravidez ou atuação de bruxos, e até mesmo do próprio Diabo (DEL PRIORE, 2000). Podemos perceber que o monstro da Idade Moderna, na visão na medicina, também é visto como um desvio e como algo que foge do padrão físico, seres antinaturais.

Junto com a evolução científica o espírito técnico e racionalista também evoluía. Isso significa que a ciência no século XVII-XVIII, com os tempos, vai se tornando mais séria, exigindo prática, experiência, análises e até a negação de certas mentalidades antigas. Logo, os monstros começam a ser dissecados. Alvo de interesse dos estudiosos, todo ser anormal vira objeto de estudo.

Essa era de pesquisas demonstra que as velhas ideias e teorias divulgadas pelo senso comum impulsionaram os pesquisadores a buscarem um novo olhar sobre variados temas e um novo sentido do que antes era magnífico. Quebram-se conceitos e ao mesmo tempo outras novas opiniões surgem a todo instante.

No decorrer desse tempo, por conta de a humanidade ter passado por inúmeras guerras, pestes e incontáveis infortúnios, os mortos-vivos sempre existiram na imaginação do

homem. Rumores de que algum falecido tinha sido visto circulando em determinado local era algo que circulou durante várias épocas, sendo esses seres fantasmas ou outras criaturas fantásticas. No início do século XVIII inicia-se por toda a Europa, principalmente nos países do Leste Europeu, a crença na existência de seres que estão vivos, mesmo após a morte, e que sugavam sangue dos vivos, surgem, então, os vampiros. Assim, percebe-se a perenidade do monstro. Como Mary Del Priore aponta:

> Os monstros, eles mesmos, não tiveram de "ressuscitar" numa ou noutra época, pois eles jamais haviam desaparecido da memória e da imaginação dos homens. Qualquer que fosse sua forma, filhos da desordem e da deformidade, inimigos do belo, eles pareciam investidos de uma missão especial. Objeto fabuloso, incapturável e inexprimível, foram considerados, ao longo desses tempos, como um aviso divino ou um presságio funesto. (DEL PRIORE, 2000, p. 59-60).

O temor e criação fictícia ou real das variadas civilizações acerca do monstro exprimem como este ser está enraizado no nosso imaginário. O monstro tem uma forte ligação com os sentimentos de medo e horror, daquilo que não conhecemos, do Outro.

Silvia Quintero (2000), por sua vez, diz que o que distingue os monstros é o excesso e tudo aquilo que ultrapassa a normalidade. Observa-se que, ao longo da Idade Moderna, a monstruosidade é exposta como uma novidade, esse novo às vezes vem de outro continente ou está presente em boatos sobre alguém que teve um filho anômalo, mas é principalmente exposta aos olhos públicos por intermédio dos meios de comunicação da época.

Hoje temos mais tolerância às inovações e até as propagamos como algo positivo, porém, na Europa Ocidental dos séculos XV-XVIII, tudo aquilo que fugia das normas, além de causar maravilhas, também provocava temor e repulsa. O monstro nesse momento histórico é um tipo de demarcação sobre o Outro. O Outro, sendo diferente, tem que se adaptar aos padrões europeus, tem que virar católico, saber falar a língua do país colonizador, tem que se vestir como os ocidentais, tem que ter dois pés, duas mãos, uma cabeça, dez dedos nos pés e nas mãos. Existe uma regra e ela deve ser seguida. Aquilo que foge do padrão é visto como uma ameaça, a politica, a religião e a sociedade daquela época tratavam de oprimir todos aqueles que rompiam o modelo do que era considerado correto.

1.5 Idade Contemporânea

O monstro deste período é plural. Grandes revoluções, guerras, industrialização, capitalismo, globalização, tecnologias, crises financeiras e políticas, descobertas científicas, a

chegada do homem à lua. Ocorreram inúmeros fatos que fazem com que o monstro contemporâneo tenha múltiplas faces e enredos.

O Período Contemporâneo tem como uma das principais características o racionalismo científico e o desenvolvimento do capitalismo. O pensamento científico faz com que as religiões, principalmente o Cristianismo, com a Igreja Católica, percam poder quanto aos ensinamentos que repassavam aos povos. Se antes a igreja tentava explicar os mistérios do mundo, agora a ciência explana as perguntas e as respostas da Terra e das galáxias. Ao mesmo tempo, as pessoas deixam o campo e vão para a cidade em busca de empregos e assim existe o crescimento de várias cidades e o surgimento de metrópoles. A industrialização aumenta o comércio e o homem se torna submisso aos objetos, seja para ele fazer aquelas coisas ou para ele comprar.

Ditaduras e monarquias ruíram, diversos momentos de revolta política e social fazem com que o monstro seja o governo, o estado. As rebeliões e protestos proporcionaram a independência de vários países e o surgimento da democracia.

Muitas vezes o monstro do Contemporâneo é o próprio homem com sua imensa ambição, avareza, intolerância e obstinação ao capital. Existem duas grandes guerras que mataram milhares de pessoas e que devastaram economicamente inúmeros países. A Segunda Guerra Mundial originou uma verdadeira caça aos judeus, homossexuais, ciganos e diversas outras minorias sociais.

Adolf Hitler implantou uma ideia de raça soberana e todos aqueles que não fossem fisicamente parecidos com a imagem de ser humano perfeito aos padrões arianos poderiam ser excluídos e até exterminados. Durante este período histórico, diversos judeus se esconderam para que pudessem viver. A Alemanha de Hitler criou no imaginário da população uma alienação coletiva acerca de todos aqueles que estavam sendo perseguidos, ele os transformou em monstros que deveriam ser eliminados. Indivíduos que nascessem imperfeitos ou que, com o passar do tempo desenvolvessem uma doença que naquela época não tinha cura, também eram mortos. Novamente encontramos na história um modelo do que um ser humano deveria ser, se o indivíduo não seguisse aquele padrão, ele era executado.

A Segunda Guerra Mundial foi um dos momentos históricos que mais expôs as monstruosidades do homem e sua falta de tolerância às pluralidades humanas. Não é possível existir apenas um molde para toda a humanidade quando ela é composta por seres de diversas etnias, culturas, conhecimentos. Já na Guerra Fria os países se dividiram em dois grupos: os países que seguiam o regime político-democrata e os países comunistas. O monstro nessa conjuntura é o governo com suas inflexibilidades políticas. O mundo novamente tenta

organizar as coisas por meio de uma visão simplista, preto e branco, bem e mal, democracia versus comunismo.

No final do século XIX e início do século XX, aconteceu uma mudança sobre a compreensão do que seria o monstro com o desenvolvimento da psicanálise. Sigmund Freud estuda a mente e o comportamento humano, suas observações mudam para sempre estabelecidos pensamentos a respeito da saúde mental do homem. O monstro parou de ser apenas um indivíduo fisicamente anômalo passando também a incorporar as pessoas consideradas mentalmente atípicas. Por conta dessa nova visão científica, abre-se uma versatilidade de monstros, o mitológico, o híbrido, o *serial killer*, o fisicamente diferente, o alienígena, o que tem poderes, etc. Essa multiplicidade impossibilita uma classificação exata da palavra monstro.

> [...] porque ele varia, em última instância, de acordo com as sensibilidades e percepções humanas. Os esforços para elaborar uma definição que abranja a totalidade das culturas e sociedades que os criam ou imaginam são, portanto, em vão [...]. **(**ZANON, 2016, p. 221).

Neste breve panorama percebemos que o monstro é definido pela sociedade e sua demarcação do que é normal, natural, aceitável, impõe o que deve ser admissível entre um grupo de pessoas e acaba excluindo outros indivíduos que não se encaixam nessas normas estabelecidas. Criam-se, assim, subgrupos sociais, minorias, criaturas que são ignoradas e oprimidas.

Somos criados sabendo o que são centauros, esfinges, fantasmas, lobisomens, vampiros, alienígenas, zumbis, androides. Na verdade, o monstro está ligado a distintas visões culturais e a quem descreve a história. Para os colonizadores, os indígenas encontrados eram seres monstruosos, mas, para os indígenas, eram os colonizadores os monstros. Os bárbaros que surgiam dos mares; os africanos que foram explorados por diversos impérios e países; Hitler com seus ideais que mataram inúmeros judeus, etc., esta narrativa dupla expõe dois lados da história e demarcam heróis, vilões, monstros, vítimas que são possíveis de serem identificadas no passado. Nossa história é recheada de monstros, criações do nosso imaginário para tentar compreender ou segregar a sociedade.

É possível perceber também, ao longo desse percurso histórico, a construção do corpo como dispositivo de poder. Nossa história foi construída no espectro de homens brancos, europeus, cristãos. Outros indivíduos que conviveram com estes homens foram silenciados historicamente e até mesmo apagados da história. Logo, o monstro pode ser o próprio humano.

CAPÍTULO 2: OS MONSTROS NA LITERATURA

Existem inúmeros monstros no decorrer da vida humana e a literatura é capaz de tornar alguns desses seres monstruosos em seres atemporais. Criaturas extraordinárias da Antiguidade podem ser visualizadas como algo do Contemporâneo devido à conservação da história do monstro ficcional.

É possível ponderar que em diversas histórias os monstros aparecem como o desafio do herói. Joseph Campbell (p. 162, 1990) diz que "Destruir monstros é destruir as coisas sombrias". No esqueleto do enredo da aventura do herói, uma de suas tarefas é eliminar o monstruoso, tal ação é um sinal de heroísmo, mostra a força, poder, bravura do herói. Com o passar dos séculos, percebe-se que essa limitação do monstro como opositor ou provação da jornada do herói muda na medida em que o monstro e as minorias sociais começam a adquirir voz, e esses seres ganham também visibilidade nas narrativas, podendo vir a ser até os protagonistas da história.

Nos tópicos a seguir iremos mostrar a evolução do monstro na literatura.

2.1 Antiguidade

O monstro como opositor do herói é bem notório, principalmente na literatura da Antiguidade. O monstro aparece para que o herói mostre sua coragem, valentia, inteligência. Podemos notar tais características em Gilgamesh no **Épico de Gilgámesh** e Ulisses na **Odisseia**.

O poema mais antigo da humanidade foi registrado durante o período sumério, tábuas foram encontradas com a escrita cuneiforme sobre um rei que viveu naquela região. A história se passa por volta de 2000 a.C., intitulada de **Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgámesh**, conta as aventuras de um rei que, após a perda de seu melhor amigo, tenta buscar a imortalidade.

Gilgámesh era um semideus, dois terços deus e um terço humano. Filho de uma deusa com um homem, ele é o quinto rei de Úruk, é forte, saudável e cheio de atitudes polêmicas. Tendo costumes que provocavam os homens comuns (ele dormia com as noivas antes que os noivos), os habitantes da cidade suplicam que os deuses fizessem algo, tivessem uma solução aos excessos do rei. Os deuses escutam as palavras da população e decidem criar um ser tão grandioso quanto Gilgámesh, e assim, do desejo dos deuses e da argila nasce

Enkídu, um homem selvagem, primitivo, que convivia com os animais e se enxergava como um deles.

Começam a existir boatos sobre esse ser distinto e poderoso pela cidade, Gilgámesh decide enviar Shámhat, uma prostituta sagrada, ao campo em que aquele indivíduo misterioso estava. O rei mandou que ela seduzisse Enkídu, tirasse sua pureza e mostrasse as alegrias (ou impurezas) do mundo.

Após Enkídu ter se envolvido e se encantado com Shámhat, a mulher o leva para Úruk e Gilgámesh e Enkídu se enfrentam. Esse duelo faz com que ambos se tornem melhores amigos e se reconheçam como iguais. Juntos eles saem em busca de uma aventura, matam o guardião da floresta de Cedros, o monstro Humbaba, e, ao retornarem para casa, encontram a deusa Ishtar que se apaixona por Gilgámesh e o pede em casamento. O rei recusa o casório causando grande raiva na divindade que envia um touro para destruir Úruk e seu governante.

Gilgámesh e Enkídu matam o touro e uma grande festa ocorre na cidade para comemorar as vitórias dos dois amigos. Entretanto, a alegria virou lamento. Enkídu levou para Úruk uma grande árvore da floresta de Cedros, ele queria fazer uma porta com ela, os deuses deliberam que tal ato é uma ofensa a eles, já que a floresta é sagrada e os amigos também haviam matado o guardião dela. Recai sobre Enkídu uma doença que o faz falecer. Gilgámesh fica devastado com a morte do amigo e percebe que a vida tem um fim, e ele logo iria encontrar o mesmo destino que Enkídu.

Angustiado com o futuro e com sua possível morte, o rei sai em busca da imortalidade, encontra homens-escorpião pelo caminho até finalmente se deparar com Uta-napíshi e sua esposa, os dois são os únicos humanos imortais, os deuses os recompensaram após ambos terem sobrevivido ao dilúvio e terem confeccionado uma arca. Mas a aventura de Gilgámesh contra a morte não é bem-sucedida, ele não consegue se tornar imortal e retorna para a casa sabendo que sua vida um dia iria acabar.

A epopeia de Gilgámesh mostra que, apesar dos feitos heroicos dos dois amigos, a morte é algo que não se pode vencer. Os melhores amigos mataram monstros e se provaram fortes perante os habitantes de Úruk. Ademais, podemos notar que os seres extraordinários dessa história ajudam a elevar as características dos heróis, o aparecimento e derrota dos monstros servem apenas para mostrar como Gilgámesh e Enkídu são habilidosos, poderosos, ágeis.

Podemos encontrar tais semelhanças em a **Odisseia**, um poema épico escrito no século VIII a.C. pelo poeta grego Homero. O texto conta a história de Odisseu ou Ulisses (no latim), o rei de Ítaca e de sua volta para a casa, após a Guerra de Troia. A tentativa de retorno

ao lar vira uma aventura de dez anos, durante a qual ele tem que enfrentar monstros, conhecer outras terras, desafiar deuses, até finalmente chegar ao seu domicílio.

É possível dizer que a demora da volta de Odisseu ocorre porque Poseidon atrapalha seus planos. Quando Ulisses estava viajando, sua embarcação parou em uma ilha que tinha ciclopes, para fugir daquele local o rei de Ítaca teve que cegar um dos filhos do deus do mar, o ciclope Polifemo. A vingança e ira de Poseidon vieram por meio das águas ao dificultar o retorno de Ulisses à sua terra natal, suas embarcações afundam, ele encontra monstros marinhos, enfrenta tempestades e outras provações, já que o mar não está a seu favor.

Quando Ulisses chega à Ítaca percebe que, devido aos seus longos anos de ausência, os habitantes da cidade acreditavam que o rei estava morto. Iniciou-se assim um evento para decidir quem seria o próximo marido de Penélope, esposa de Ulisses. Ao saber de tal informação, o herói finge ser um mendigo e participa da competição, massacra todos os pretendentes e retorna à sua casa, esposa e filho.

A aventura de Odisseu é repleta de monstros que até hoje são utilizados na literatura, cinema, artes. Cila, Caríbdis, sereias, ciclopes, lestrigões, a ninfa Calipso que o aprisionou durante sete anos, os deuses que interferiram em sua jornada, a deusa feiticeira Circe até transformou os companheiros de viagem do rei em porcos. O herói enfrenta problemas em diversos lugares, já que lhe aparecem monstros marinhos e monstros terrestres.

As criaturas fantásticas dessa história tornam as façanhas de Ulisses ainda mais grandiosas. Odisseu derrotou a ira de Poseidon ao ter chegado a Ítaca, enganou o ciclope Polifemo, sobreviveu a naufrágios e aos monstros marinho-terrestres. Este poema épico exibe a astúcia do protagonista ao ter conseguido sobreviver a uma intensa aventura. Podemos notar também que novamente os monstros são vistos como o opositor da jornada do herói, o inimigo que deve ser derrotado e que trará glórias às histórias que serão contadas sobre ele.

A derrota dos monstros nesses dois escritos evidencia que a monstruosidade naquele período era vista como um alvo que deve ser derrotado. O indivíduo extraordinário se torna um trunfo para a imortalidade do herói, a vitória sobre esses seres monstruosos causava fama, reconhecimento, tanto que até hoje se falam sobre essas histórias, seus monstros e seus heróis.

2.2 Idade Média

Na Idade Média a jornada do herói continua com histórias que contam sobre algum rei ou cavaleiro que vive uma aventura, enfrenta monstros, magia, encontra uma donzela, derrota seus inimigos. Como a sociedade da época estava acostumada com guerras, esses guerreiros

se tornam os heróis literários. Esse prestígio aos cavaleiros é encontrado em diversas narrativas, uma das mais famosas obras deste período medieval é **Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda** e **Beowulf**.

O autor do manuscrito de **Beowulf** é desconhecido e a data da sua escrita também gera dúvidas. Alguns estudiosos acreditam que a obra foi feita durante os séculos VIII – XI. O poema épico anglo-saxão narra a história de Beowulf, um herói forte, corajoso que enfrentou e venceu terríveis criaturas.

A narrativa inicia com Beowulf viajando para uma cidade que está sendo aterrorizada por um ser chamado Grendel, que possuía as seguintes características: grande, forte e que tem uma pele muito resistente às armas humanas.

O herói com sua imensa força consegue matar Grendel. Contudo, após o falecimento do monstro, a mãe da criatura aparece para afligir a cidade, Beowulf novamente aparece e consegue eliminar esse outro ser terrível. Ao retornar para casa o herói se torna rei, mas depois de alguns anos de reinado ele tem que enfrentar um dragão que ataca seu reino. Beowulf mata o dragão, mas durante a luta ele se fere gravemente e acaba falecendo devido às feridas da batalha.

Assim como na Antiguidade, os monstros de **Beowulf** surgem como um desafio e para engrandecer os feitos do herói, constata-se que até a morte de Beowulf é grandiosa, já que ele falece ao lutar contra um dragão e para proteger a população da cidade que reina. Os monstros nessa história têm uma estatura enorme e ameaçam a vida humana, são seres que devem ser eliminados.

No final da Idade Média foi publicada uma das principais obras literárias existentes no mundo, **A Divina Comédia** (1304-1321), de Dante Alighieri. Escrita no início do século XIV, a história é dividida em três partes que contam a viagem que Dante fez ao Inferno, Purgatório e Paraíso. O autor cria toda uma geografia do Inferno, Purgatório e Paraíso, descrevendo onde ficam e o que acontece em cada um desses lugares. Ele passa por diversas camadas da Terra, sua caminhada começa no Inferno, quando chega ao centro da Terra, ele começa outra jornada, dessa vez para o Purgatório até que finalmente chega ao esperado Paraíso.

A narrativa se inicia com Dante perdido numa selva sombria, angustiante, aparecem-lhe então três feras, uma pantera, um leão e uma loba, até que a alma do já morto poeta Virgílio surge e assim começa uma longa caminhada. Virgílio é o guia, a razão, ele acompanha Dante na viagem do Inferno e do Purgatório, Beatriz o acompanha na viagem do Paraíso, pois ela é uma alma mais digna.

A primeira parte da obra que fala sobre o Inferno é a que mais condiz com o nosso estudo sobre monstros, então, iremos nos focar nela. Dante descreve que existem nove círculos concêntricos do Inferno. Neste local Além-Mundo é que ocorrem os castigos dos pecadores. Os impuros são julgados e são transferidos para um desses nove círculos. Minos, um monstro de cauda, é o juiz do Inferno, ele é quem decide para onde cada sujeito vai e qual aflição ou punição vai sofrer.

O Inferno de Dante parece um funil, no qual os primeiros círculos condizem com os indivíduos que cometeram pecados mais leves. Quanto mais você desce pelo Inferno, mais camadas aparecem e mais sérios são os pecados e as penas dos condenados. Sombrio, cheio de tormentos, gritos, cheiro ruim, lágrimas, ira, chuvas, neve, fogo, vermes, fezes, vespas, o Inferno descrito pelo autor é um local cheio de desesperança, angústias, torturas e lamentações.

A atmosfera do ambiente que Dante narra já é um monstro por si só, é monstruoso por tudo que ali ocorre. Então é certo dizer que o monstro nesta obra não são apenas as criaturas mitológicas ou extraordinárias que aparecem, o monstro pode ser o próprio espaço físico onde ocorrem esses diversos tomentos. Lago de piche, chuva de fogo, o Inferno de Dante também pode ser identificado como algo atípico e assombroso.

Durante sua caminhada pelo inferno, Dante encontra pessoas conhecidas como Medeia, Jasão, Alexandre, Cleópatra, Helena de Troia, Homero, Ulisses/Odisseu, Platão, Sócrates, Judas, dentre outros indivíduos famosos historicamente. Além desses sujeitos históricos, o autor localiza no Inferno variados tipos de monstros.

O Inferno de Dante é cheio de monstros mitológicos. Nota-se que os monstros pertencem ao inferno e têm autoridade nele, já que eles condenam outras almas, participam da tortura delas, ajudam a organizar o Inferno. Logo no segundo círculo concêntrico encontramos Minos, o juiz do Inferno que possui uma cauda, e nos deparamos também com Cérbero com suas três cabeças que ferem as almas dos condenados, esfola-os e os abate, Hidras, Medusa, anjos caídos, o Minotauro de Creta e centauros que juntos atiram flechas nos pecadores, pessoas que são transformadas em árvores retorcidas e sombrias, demônios que chicoteiam e torturam, com serpentes, doenças, gigantes torturadores, e o próprio Lúcifer que, com suas três caras, mastiga os três maiores pecadores e traidores da Terra: Judas, Brutus e Cássio.

Por todas as características e descrições que o autor usou ao relatar o Inferno, esta obra influenciou a arte durante vários séculos, principalmente os pintores que ilustraram os tormentos ali vividos, artistas como Sandro Botticelli, Gustave Doré, Bouguereau, Eugène

Delacroix, Domenico di Michelino, William Blake, dentre outros, pintaram o Inferno descrito por Dante. O relato do autor acerca do Inferno é tamanho que ele caracteriza até o cheiro de alguns lugares que passou, criando, assim, uma ilusão, uma imaginação ao leitor, fazendo com que ele enxergue, sinta, fantasie situações que o escritor narrou.

É possível dizer que o Inferno de Dante é o inferno da Idade Média cristã mapeada. As torturas aos pecadores e a desesperança que o Inferno do autor passa é semelhante ao inferno que a Igreja Católica proclamava aos fiéis. Nogueira (p.40, 2002) diz que "[...] a Idade Média encarregou-se de promover a redução completa das divindades pagãs à condição demoníaca, preenchendo o Inferno cristão com as divindades do Além-Túmulo greco-romano [...]". Isso explicaria o excesso de demônios, monstros mitológicos encontrados na obra, da aparição de personagens históricos greco-romanos e de por que pagãos e hereges sofrerem no inferno de Dante. A mentalidade cristã da Idade Média e Renascença está inserida nesta obra literária.

2.3 Idade Moderna

Na Renascença o escritor francês François Rabelais publica cinco livros que narra a história de dois gigantes, **Gargântua e Pantagruel** (1532-1564). O autor utiliza a imagem dos gigantes para satirizar os costumes e regras daquele tempo. Gargântua (pai) e Pantagruel (filho) vão contra as normas do século XVI ao serem indivíduos exagerados, com um físico avantajado e atitudes polêmicas.

Rabelais utiliza a imagem dos gigantes, que já são imensos de altura, para extrapolar também ações monstruosas ou desordens sociais, um exemplo é quando urinam em humanos e quando Gargântua coloca em sua boca seis peregrinos. Tal atitude confirma sua monstruosidade, nota-se também o descaso contra a igreja e seus fieis.

Os gigantes podem ser vistos como seres abomináveis por seus costumes irem contra as ideias do cristianismo e as normas sociais daquele século, não apenas seu corpo é visto como monstruoso, suas ações também o são, legitimando, assim, que aquele livro era depravado para os fortes valores europeus.

Em **Viagens de Gulliver** (1726), escrito por Jonathan Smith, conta-se a história de Lemuel Gulliver, um médico-cirurgião que, pela falta de clientes, fazia seu oficio com os marinheiros em navios, por conta disso ele viajava para diversos lugares. Em uma dessas viagens o navio bateu em um rochedo que fez a embarcação naufragar. Gulliver sobreviveu ao naufrágio e encontrou um terreno no qual adormeceu. Ao acordar percebeu que seu corpo

estava amarrado e que humanos de seis polegadas de altura com arco e flechas em mão o observavam com pavor.

O médico viajante estava no país de Lilipute. Gulliver é um gigante para os liliputianos que têm apenas algumas polegadas de altura, sendo assim o indivíduo diferente. Ao tentar se locomover Gulliver é alvejado com flechas, após ser alimentado e drogado com sonífero, ele é preso e transportado para a capital.

A seguir, Gulliver começa a ser chamado de Homem-Montanha pelos habitantes daquele país. Os mortais diminutos estavam espantados e admirados pela altura daquele homem. As necessidades de Gulliver acompanhavam sua envergadura. Devido a sua imensa estrutura corporal, a cama do Homem-Montanha era uma composição de seiscentas das camas dos cidadãos de Lilipute. O templo no qual o médico inglês habitava era o maior do reino e mesmo assim era pequeno para ele. Diariamente vários animais, pães e vinhos tinham que ser doados pela população para saciar sua fome.

A condição física e as necessidades básicas de Gulliver eram extremamente superiores aos dos liliputianos. Para manter aquele homem estrangeiro vivo, os alimentos que poderiam durar até meses, na despensa de uma família, acabavam em um dia com Gulliver, sua refeição diária poderia alimentar várias famílias do reino. Essa situação toda é monstruosa, os cidadãos de Lilipute eram quase do tamanho de uma unha de Gulliver, tudo naquele reino lhe parecia pequeno, para os liliputianos a circunstância era ainda pior, apareceu um gigante no reino que poderia facilmente dizimar milhares de pessoas sem muito esforço.

Tal conjuntura de dessemelhança poderia ser um grande problema, mas, o rei, ao perceber que o médico-cirurgião não causava danos à população, decidiu libertá-lo com algumas condições, dentre elas, que ele ajudasse os liliputianos. Com o passar do tempo Gulliver torna-se uma ferramenta política do rei e o ajuda, dá conselhos, impede uma guerra. Mas os dias de glória do protagonista logo acabam quando pessoas da corte do rei começam a espalhar que o Homem-Montanha é um traidor.

Ao perceber que estava correndo risco de vida, Gulliver foge de Lilipute e vai para Blefuscu. Ao chegar nesta nova região é bem recepcionado, não recebe flechada, tampouco é amarrado. Na praia acha um bote e consegue consertá-lo e acaba se despedindo daquele reino. Lemuel Gulliver volta ao mar e dessa vez consegue voltar para seu lar na Inglaterra.

O protagonista logo volta para o oceano para uma nova aventura e chega a uma terra de gigantes. Novamente Gulliver é o ser desigual do local. Imediatamente sua estatura minúscula diante daqueles gigantes se tornaria interessante aos habitantes, o médico-cirurgião

foi até exibido em um mercado em troca de dinheiro. Após novos acontecimentos nessa nova terra o herói finalmente consegue retornar para seu domicílio em Londres.

Em uma nova viagem, Gulliver vai parar numa ilha que levita no ar. Conhece também a ilha dos Feiticeiros ou Glubbdubdrib, nela os criados do governador são almas falecidas que existem por apenas 24 horas, após esse limite de tempo outro espirito é convocado. Nesta ocasião conhece os fantasmas de Alexandre o Grande, César e Pompeu, dentre outros.

Em outra de suas viagens ele se depara com uma criatura humanoide que lhe causa aversão, são identificados como Yahoos. Neste mesmo local vivem cavalos falantes e racionais, os Houyhnhnm. Depois dessa distinta experiência o herói novamente retorna para a Inglaterra.

O médico inglês ficou espantado com os Houyhnhnm. Por um momento ele pensou que os cavalos na verdade eram humanos que foram transformados em animais por causa de algum tipo de mágica. Logo, recusou a ideia e pensou que se os cavalos daquele reino já eram tão inteligentes, imagina os homens? Seu horror aos Yahoos é devido à falta de racionalidade que eles aparentavam ter. Gulliver era um curioso, em suas viagens sempre buscava aprender sobre o idioma, sociedade daquele novo reino, seres como os Yahoos lhe causava repulsa, pois sua irracionalidade não era compatível com os ideais de conhecimento que o doutor procurava.

Gulliver pode ser visto como o monstro quando desembarca em um país distinto de sua conhecida Inglaterra, ele se torna a criatura extraordinária que causa admiração e receio na população. Mas durante suas aventuras ele também pode reconhecer aqueles outros indivíduos como seres monstruosos. Nas viagens o autor encontra fantasmas, gigantes, seres humanos de seis polegadas de estatura, a levitação de uma ilha, seres imortais, humanoides, cavalos inteligentes, etc.

Existe uma admiração e espanto dos seres em relação ao estranho. Gulliver se seguisse as regras do país em que estava, poderia continuar a viver naquela região, só que fica claro, com a leitura, que o encantamento da presença do protagonista aos habitantes daquelas terras poderia causar conflitos. No início o monstro é bem-vindo, pois é uma criatura extraordinária, após o rompimento desse fascínio, ele deixa de ser especial e se torna o Outro.

2.4 Contemporâneo

A partir da Inglaterra do século XIX o monstro se transforma. Existe uma autonomia do monstro, pois esse ser ganha voz, se reivindica, se autorreconhece e se torna mais interessante que os humanos que os contrapõem e os reprimem.

> O monstro romântico e moderno, por outro lado, está o mais das vezes fora de controle [...] em uma posição de controle total à qual o seu próprio criador deve submeter-se. Nesse contexto, [...] a figura central a ser lembrada no discurso moderno da monstruosidade não é o herói que fabrica, persegue ou destrói o monstro, mas a própria criatura [...]. (BELLEI, 2000, p.20).

Essa nova identidade do indivíduo que era visto como abominável encaminha um novo olhar para a literatura de monstros, uma nova etapa da história se inicia. Os monstros ganham voz e começam a florescer na Idade Contemporânea com a urbanização, o avanço de novas ciências, revolução industrial. Com o progresso surge uma maior variedade de monstros e um dos mais conhecidos é a criatura de Frankenstein.

Em 1818 Mary Shelley escreve o que seria um dos maiores clássicos da literatura mundial, **Frankenstein, ou o Prometeu Moderno**. A história narra a vida de Victor Frankenstein e de como ele conseguiu inventar uma criatura monstruosa a partir de suas experiências. Victor, logo no primeiro capítulo do livro, reconhece que sua descoberta científica trouxe para ele um "terrível destino" (SHELLEY, 1994, p. 13).

Frankenstein conseguiu construir e dar vida a uma criatura de pele amarela de 2,5 metros de altura, seu corpo era uma verdadeira colcha de retalhos feitos com cadáveres humanos que ele tinha pegado ao revirar túmulos. Fascinado pela química, biologia, anatomia e filosofia natural, o criador do monstro, totalmente obcecado com as implicações de sua pesquisa, passou dois anos de vida trancafiado, fazendo experimentos científicos, tentando dar vida a um novo ser (SHELLEY, 1994).

O sujeito que Frankenstein cria não tem nome, a vida deste ser monstruoso foi adquirida como o resultado de anos de estudos e testes. Quando a criatura que estava morta ganha vida, Victor Frankenstein fica apavorado com a aparência da espécie que havia cunhado e acaba abandonando aquele ser que foi o fruto de noites de insônia, ensaios, análises e esforços físicos e mentais.

Ao ser abandonado por seu criador, o monstro sem nome consegue sobreviver às novidades e descobertas do mundo, porém, em virtude de sua aparência grotesca, ele é mal recebido na sociedade, sofrendo desaforos da população.

Devido a essa aversão dos habitantes, a criatura de Frankenstein acaba se reconhecendo como monstro por causa desse horror que os humanos sentem por ele. A cria de

Victor percebe que existe um forte preconceito com ele por causa de sua aparência e que seu criador é o culpado da miséria que o monstro passa, pois ele foi abandonado e sozinho teve que sobreviver e entender o mundo no qual está inserido, descobrindo que ele não se encaixa nesse mundo devido a seu aspecto exterior e até mesmo interior, já que sua vida foi criada de uma maneira diferente. A criatura que Frankenstein fez é um ser desamparado pelo seu criador e pela sociedade, é marginalizado, excluído, e, por fim, torna-se um indivíduo vingativo por todas as lamentações e privações que sofreu na vida.

O monstro cansado da solidão pede ao seu criador que ele fizesse outro ser semelhante, pede uma companheira de vida, uma criatura igual, alguém que compartilhasse das mesmas circunstâncias existenciais que ele. Victor Frankenstein atende a este pedido, mas logo desiste de dar vida àquele outro ser, pois fica consumido de terror ao perceber que poderia estar criando uma raça de demônios.

Frankenstein, ao se recusar a dar vida à noiva do monstro, destrói também qualquer esperança de que aquela criatura única tivesse uma vida melhor, de encontrar um ser que a compreendesse. Esta atitude de Frankenstein faz com que a criatura se volte contra seu criador e ele acaba assassinando alguns de seus entes queridos, o irmão William e a esposa Elizabeth.

No fim, a criatura de Frankenstein, por ter sido tão incompreendida, sozinha, maltratada, acaba se tornando o grande monstro que tanto lhe apontavam que fosse, tanto nos aspectos físicos externos quanto em suas atitudes, ao assassinar alguém.

Durante o século XIX, outro monstro também bastante popular foi criado. Bram Stoker publica em 1897 a história de um dos mortos-vivos mais famosos da humanidade e do vampiro mais conhecido da cultura *pop,* **Drácula**.

Conde Drácula é possuidor de imensa riqueza, seu castelo fica localizado na Transilvânia e este ser de grande poderio econômico estava interessado em comprar terras na Inglaterra, precisamente na cidade de Londres. Jonathan Harker vai até a moradia do Conde para negociar os terrenos e as assinaturas referentes à compra de terras. A viagem se torna inesperada quando Harker percebe anomalias na atmosfera do castelo. Logo fica claro para o britânico que ele era um refém do Conde e que se encontrava preso naquela imensa e horripilante propriedade.

O Drácula é um vampiro, um morto-vivo, uma criatura bizarra que espalha sua putrefação, doença e imortalidade para outras pessoas, ele é um ser que necessitava ser detido para o bem da sociedade. O vampirismo é um mal que faz com que uma pessoa morta continue viva, o corpo físico dessa criatura não funciona mais como antes, o coração não bate. Este mesmo indivíduo se alimenta de sangue e se torna um ser quase imortal podendo ainda

contaminar outras pessoas, adquire também poderes sobrenaturais, força, metamorfose animal, podendo até dominar outras estruturas, sejam elas da natureza dos animais ou dos desejos humanos.

Os vampiros também estão interligados a uma questão bastante polêmica da época vitoriana. Eles estão ligados ao sexo e são vistos como seres desvirtuantes que tiram a pureza do ser humano, alastrando assim a impureza e enfermidade grotesca.

O horror ao vampirismo está conectado ao medo que os humanos sentem da morte e dos mortos. Fantasmas e espíritos que voltam para perturbar ou andar entre nós já é algo horripilante, mas um falecido que ressuscita e que se converte em sanguessuga é um tipo de terror diferente. Tornar-se dependente do sangue, um líquido que suscita vida e morte, ou pior, ter o poder de transformar outros sujeitos em bestas imortais, em seres que se tornarão eternamente estrangeiros, criaturas da noite e da impuridade, é algo que causa pânico.

No livro de Bram Stoker, o final do vampiro mais famoso da cultura popular é a destruição, mostrando assim que até uma das criaturas sobrenaturais mais fortes tem pontos fracos e que não pode vencer a morte (ou o domínio britânico). Mas apesar do falecimento do Senhor das Trevas na obra de Stoker, Drácula hoje em dia se encontra imortal por meio da mídia, literatura, cinema, jogos.

2.5 O século XX

O monstro que Mary Shelley criou em **Frankenstein** se converte em inspiração para outros autores, artistas, desenhistas. Inicia-se uma nova fase artística na qual o monstro está interligado à ciência e a seus perigos. Em meio a uma nova onda de progressos, o século XX conseguiu expandir ainda mais a ideia de criaturas monstruosas. A partir deste contexto, novos tipos de monstruosidades são criados, existe uma hibridização do homem com a tecnologia.

O gênero da literatura chamado de Ficção Científica é o principal que aborda esses novos indivíduos extraordinários que surgiram com a expansão do conhecimento, urbanização e globalização. Seres artificiais ganham vida em inúmeras e inovadoras histórias em livros, HQS, cinemas, revistas, animes, jogos, jornais, etc.

Ciborgues, robôs, mutantes, androides, clones, marcam uma nova era da fantasia. Seres alterados, criados, manipulados cientificamente, homens-máquina, máquinas que parecem humanos, humanos geneticamente transfigurados são encontrados nas mídias, livros e ganham espaço na imaginação popular.

Em 1950 Isaac Asimov publica um livro de contos chamado **Eu, robô**. A obra se inicia com o manual dos robôs, são três leis que devem ser seguidas. A primeira lei diz que um robô não pode ferir um ser humano. A segunda lei diz que o robô deve obedecer às ordens que os homens lhe dão. A terceira regra é que o robô deve defender sua própria existência, mas não pode desobedecer às outras duas ordens ao tentar se proteger (ASIMOV, 1969). O robô é visto como uma máquina, um indivíduo que, assim como os seres humanos, é capaz de assimilar comandos, ter pensamentos, é um aparelho quase independente e evoluído.

Robôs na Ficção Científica são vistos como seres que detêm tecnologia, seres mecânicos, sem alma, alguns falam, vários têm seus próprios pensamentos por meio da inteligência artificial e outros são vistos como objetos, o detector da tecnologia, no caso, do robô, o comanda.

Aqueles que possuem inteligência artificial podem ser considerados um perigo aos humanos, pois os homens têm medo de qualquer ser que lhe pareça superior e um robô pensante que tiver alguma falha na programação pode vir a ser uma ameaça à raça humana.

Outros seres bastante populares na Ficção Científica são os androides e ciborgues. Podemos encontrar os androides no livro **Androides sonham com ovelhas elétricos?** (1968) de Philip K. Dick.

Os androides dessa obra são criaturas artificiais semelhantes fisicamente aos seres humanos, enquanto seu interior é uma máquina, seu exterior tem uma aparência humana. Esses indivíduos são caçados pelo protagonista e caçador de recompensas, Rick Deckard.

A monstruosidade do androide se encontra no fato de ele se assemelhar ao humano e ao mesmo tempo ser um organismo totalmente distinto. É uma máquina pensante que consegue sobreviver sem a vida humana, um ser autônomo. Se a humanidade morresse os androides poderiam permanecer funcionando. O androide exemplifica que o desenvolvimento da ciência com a sua camuflagem de realismo faz com que os seres humanos sintam dificuldade de identificar seres naturais e artificiais.

Outro ser conhecido da Ficção Científica são os ciborgues. Os famosos homens-máquina têm uma parte humana e outra parte mecânica. Hoje em dia várias pessoas são ciborgues por conta do avanço da medicina, próteses ou objetos de metais que substituem algo do nosso organismo. O ciborgue ficcional é um homem biologicamente modificado por conta de uma situação, de um acidente que quase o matou, de uma experiência científica, etc.

Um dos principais acontecimentos da Ficção Científica do século XX foi os alienígenas e iremos analisá-los no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3: ALÉM DO SISTEMA SOLAR

Desde remotos tempos a curiosidade pelo conhecimento, informação e tecnologia futura faz com que os homens imaginem a vida na Terra daqui uns 50, 200, 1000 anos adiante. Essa curiosidade e percepção de mudança ocasiona que escritores criem mundos fictícios, paralelos, no qual tentam imaginar futuras tecnologias, novos planetas, novos seres vivos e diversas outras opções do fantástico.

O futuro é uma incógnita e esse enigma do amanhã abre caminhos para um amplo imaginário de possibilidades na cabeça humana. As probabilidades, sendo elas negativas ou positivas, fazem com que diversas histórias sejam escritas. Aliás, percebemos nos capítulos anteriores que, com o desenvolvimento da humanidade e ciência, a história humana e da literatura ganham uma nova trajetória de conhecimento. A atenção às ciências amplifica a evolução e criação de máquinas, melhor entendimento do corpo humano e sua psique, mais informações sobre o espaço sideral, geografia e geologia terrestre, dentre outros dados científicos que ainda são descobertos anualmente pelos homens.

Tais acontecimentos causam a elaboração de histórias literárias enriquecidas de situações não reais. A ciência se submerge na arte, assim, encontram-se obras de humanos sendo dominados por robôs e máquinas, seres intergalácticos que têm como objetivo conquistar a Terra, teletransporte, viagens do tempo ou espaciais, vários enredos podem ser criados pelas diferentes mentes humanas. Entre essas incontáveis narrativas possíveis é admissível dizer que o discurso científico se torna um dos elementos principais da escrita da Ficção Científica.

O presente capítulo tem como finalidade exemplificar as possibilidades do monstro na Ficção Científica, pois este gênero literário está vinculado à obra **Despertar** (1987) que iremos analisar no próximo capítulo. Afinal, um dos atributos da Ficção Científica é enxergar nestas histórias de mundos estranhos aspectos da nossa condição humana potencializadas por perspectivas narrativas (ROBERTS, 2006).

Inclusive, o termo Ficção Científica se origina com o autor e editor Hugo Gernsback, criador em 1926 da revista **Amazing Stories**. Essa foi a revista na qual surgiu o termo *Scientifiction*. Mais tardar, em 1929, Gernsback cria outra revista chamada **Wonder Stories**. Desta revista nasceu o nome *Science Fiction*, ou melhor, Ficção Cientifica. A partir deste momento a FC foi evoluindo por isso é difícil achar uma definição correta acerca deste gênero literário. Mas podemos dizer que a FC é um gênero literário composto:

> [...] pela extrapolação de um mundo, de uma teoria, de um dispositivo ou outro elemento cuja existência no texto se articula por meio do discurso científico ou pseudocientífico e permite a reflexão do ser humano sobre o seu lugar na existência e/ou sobre sua relação com o outro. (SILVA, 2020)[7].

Ou seja, são histórias que evidenciam as diferenças entre o mundo real e ficcional, mas que se unem ao espelhar a vida humana e sua relação com aquilo que é diferente. A terminologia exata de FC varia de autor para autor, mas podemos afirmar que as palavras-chaves deste gênero são a ciência e tecnologia (ROBERTS, 2006).

Por um longo período, principalmente nas primeiras décadas do século XX, a Ficção Científica teve seu foco principal nas Ciências Exatas (física, astronomia, química, matemática, biologia, tecnologia). Essas obras ficaram conhecidas como FC *hard*[8] (dura), pois as ideias científicas presentes na obra eram mais importantes que a história narrada. Entretanto, nos anos 1960-1970 surgiu um novo movimento na Ficção Científica chamado de *New Wave*. Diversos escritores arriscaram renovar a FC, suas narrativas ousam a diversificação do gênero. A *New Wave* tenta se distanciar das repetitivas histórias contadas pela FC *hard*, tradicional, e experimenta um novo tipo de Ficção Científica na qual é possível encontrar minorias, metáforas, política, alteridade (ROBERTS, 2018). Este movimento tenta romper a mentalidade e o padrão presente da Ficção Científica acerca do excesso das ciências exatas nas histórias e implementa novas possibilidade de escritas, leitura, mais interligadas às ciências humanas.

Por essas distintas escritas originam-se duas noções da Ficção Científica, a FC *hard* e FC *soft*. A FC *soft* (suave) tem sua essência nas ciências humanas, o foco principal dessas obras são a narrativa, os personagens e seus dramas, a tecnologia e ciência não são as prioridades dos autores. Portanto, as tecnologias que aparecem nos livros e revistas de FC *soft* podem conter menos componentes científicos que as obras de FC *hard*, que são escritas na vertente das possibilidades futuras das ciências exatas. Podemos dizer assim que seus conceitos são opostos, a FC *hard* tem a escrita unida às ciências não se preocupando em se aprofundar nas pessoas presentes no livro/revista, enquanto que a FC *soft* tem uma narrativa mais entrelaçada aos dramas dos personagens e a ciência encontrada na história é apenas uma ferramenta utilizada para desenvolver os conflitos da obra.

---

[7] Fantasticursos. **O que é Ficção Científica, o que é Ficção Especulativa II perguntas fantásticas #5**. Catalão: Canal Fantasticursos, 2020. 1 vídeo (19m32s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wLzjjFIXhlM. Acesso em: 17 maio 2021.

[8] NICHOLLS, P. "Hard SF." In: CLUTE, J.; LANGFORD, D.; NICHOLLS, P.; SLEIGHT, G. (Editores). *The Encyclopedia of Science Fiction*. Gollancz, 19 mar. 2019. Disponível em: http://www.sf-encyclopedia.com/entry/hard_sf. Acesso em: 11 ago. 2020.

Contudo, a Ficção Científica não se resume apenas a FC *hard* ou *soft*, durante os séculos XX e XXI vários subgêneros foram criados. Além desses subgêneros diversas outras obras literárias que não envolviam espaço, viagem interestelar, extraterrestres foram escritas e categorizadas por este gênero.

É válido afirmar que os subgêneros da Ficção Científica continuam a aumentar, por conseguinte o gênero se reinventa com o passar do tempo, novos estilos, escritas surgem para acolher uma nova demanda social e cultural.

Um escritor de grande importância ao gênero e que abordou o tema do alienígena foi o britânico H. G. Wells. Um dos principais livros da Ficção Científica e uma das obras que foram fonte de inspiração para diversas outras foi escrita por ele. Publicada no final do século XIX, em 1898 somos agraciados com um livro que mudaria para sempre a visão do alienígena. H.G. Wells escreveu a obra **A Guerra dos Mundos** (1898) e narrou a história de alienígenas invasores que queriam extinguir a raça humana.

Com poder de fogo, tecnologia e inteligência avançada, os marcianos da obra de Wells tinham como objetivo aniquilar os nativos da Terra e tornar este planeta habitável, já que o mundo de origem daquelas criaturas desconhecidas tinha sido dizimado.

O personagem extraterreste de Wells e as ações que este ser estrangeiro fez na Terra são diferentes de outros escritos. Um dos primeiros livros que apresentou o ser alienígena aos terráqueos foi **Micrômegas** (1752), de Voltaire. Na obra o alienígena possui imenso conhecimento e viaja para outros planetas. Ao chegar a Terra, o personagem faz perguntas aos humanos e analisa seus pensamentos, em momento algum ele demonstra ser perigoso ou vê a raça humana como uma inimiga. O livro é considerado filosófico e origina uma reflexão sobre as ações humanas.

O alienígena do livro viaja para outros mundos por curiosidade, para saber das formas que ali habitam, da ciência e da mentalidade daquele planeta. Essa criatura espacial busca informações, dialoga, procura aprender sobre outros seres vivos. A personagem extraterrestre é narrada como um ser amigável, não é um adversário da raça humana, não quer destruir outros mundos, quer entendê-los. Os seres estrangeiros deste conto de Voltaire são gigantes.

Se antes enxergávamos anjos no céu, com o passar do tempo começamos a contemplar uma possibilidade de vida além das estrelas. A curiosidade não tem um foco somente terrestre. O alienígena surge a partir do momento em que o homem percebe que ele talvez não seja o único ser vivo que habita a galáxia.

No século XX um personagem desconhecido, estrangeiro, de outra galáxia foi bastante publicado nas histórias de Ficção Científica, o alienígena. A figura do alienígena propõe ao

escritor e ao leitor o imaginário de um novo ser. Esta criatura é completamente diferente do ser humano, não apenas por sua aparência, mas principalmente por ser um estranho que vive em outro mundo incógnito ao conhecimento e ciências humanas.

Pelo fato de os extraterrestres serem desconhecidos ou inexistentes, as aparências dessas criaturas intergalácticas variam na literatura, existindo uma imensidade de corpos físicos, com cores de pele, intelecto, altura, quantidade de órgãos e diversas outras características que os distinguem do ser humano e de outras obras literárias.

A existência de estudos de astrologia, astrobiologia e cosmologia origina um mistério ainda maior acerca desta criatura, fazendo com que o alienígena resida não apenas no plano ficcional, mas talvez no mundo real e ficcional. Nunca foi comprovada a vida de uma criatura sideral, porém desde a Antiguidade os homens olham para as estrelas e tentam adivinhar se existe algo além do céu, além da Terra. Boatos e histórias sobre luzes e objetos não identificados que sobrevoam nosso espaço aéreo percorrem há anos, existem teorias da conspiração e até vídeos que tentam comprovar a existência desses seres de outro planeta.

O início do século XX foi marcado principalmente pelo progresso e desenvolvimentos de diversos países, mais saúde, educação, informação aos indivíduos. Essas mudanças sociais e culturais fizeram com que aumentasse o número de pessoas alfabetizadas no mundo, em consequência, houve um número maior de vendas de livros, revistas, jornais, fazendo com que esse mercado literário se expandisse.

Nas primeiras décadas do século XX nasceu uma cultura de massa que era composta por pessoas alfabetizadas com médio poder econômico que compravam escritos mais baratos (ROBERTS, 2018). Consequentemente, umas das obras mais baratas daquela época eram as revistas *pulp*, abarcando gêneros diversos, incluindo a Ficção Científica.

As principais obras de Ficção Científica daquele tempo eram as revistas *pulp*, pois eram baratas. Pelo seu valor ser baixo, tais revistas se tornaram um sucesso de público. Contendo histórias de aventura, ação, conflitos, invasões alienígenas, guerras intergalácticas, as revistas duraram por diversos anos. O público-alvo dessas revistas eram homens brancos de classe média, heterossexuais, que estavam em busca de um entretenimento passageiro.

A grande maioria dos escritores deste período *pulp* eram norte-americanos do sexo masculino, brancos, héteros. Neste contexto, as narrativas daquele início de século continham heróis do sexo masculino, brancos, conquistadores que eram a autoridade da obra. O protagonista era a pessoa mais respeitada, que resolvia problemas e possuía conhecimento da ciência. Este personagem principal pode ser um descobridor de mundos ou de uma nova tecnologia. Suas histórias de ação indicam uma ausência de personagens femininas na trama e

quando utilizadas às vezes são por mero fetiche imagético para atrair e segurar leitores (ROBERTS, 2018).

Com o passar das décadas, as revoluções culturais, científicas e sociais da primeira metade de 1900 causaram um descompasso no gênero que teve que se reinventar depois de 1950. As lutas sociais que ocorreram no século XX resultaram em obras com conteúdo feministas, protagonistas negros e seres marginalizados que ganharam voz.

A partir do final de 1950, a representação da personagem do alienígena começou a mudar nas histórias. Juntamente com a luta de grupos sociais, a criatura sideral expõe problemas humanos do presente, do passado e do que pode ocorrer no futuro. Ocorre uma mudança na Ficção Científica, as histórias começam a ter mais aspectos igualitários e reflexivos. Existe também uma maior variedade de escritores, com diferentes nacionalidades, pensamentos, e as mulheres começam a ter mais voz neste gênero literário. O público-alvo acabou se ampliando com as modificações que ocorreram durante esta fase histórica. Se antes homens brancos, norte-americanos, de classe média eram o público-alvo, agora homens e mulheres, jovens e adultos de diferentes classes sociais estavam se encantando com as obras.

Um dos livros que expõe este novo momento da Ficção Científica é **A Mão Esquerda da Escuridão** (1969), de Ursula K. Le Guin. Considerada uma das obras mais importantes daquele tempo, a história segue a vida de um humano que viaja para outro planeta e se depara com criaturas andróginas. Este encontro muda completamente a visão do humano sobre o mundo, o alienígena lhe mostra outros valores e consegue explorar, debater questões sociais, raciais, feminismo, antropologia, política e gêneros.

Le Guin (2019, p.15) fala "Descrevo certos aspectos da realidade psicológica à maneira do romancista, que é inventando mentiras elaboradas e circunstanciais". A autora também discursa que toda ficção é metáfora, sendo sua obra um deslumbre da realidade.

No início do século XX, muitas histórias narraram como o alienígena era visto como o inimigo sideral. Com o passar dos anos, ele é observado como o Outro, aquele que carrega vestígios da humanidade e desumanidade, que demonstra os medos e anseios dos homens, a alteridade.

O extraterrestre mais famoso que conhecemos é Superman, cuja história foi publicada em 1938 na revista *Action Comics* e ganhou o mundo. Até hoje existem filmes, HQs, séries de televisão, jogos, animações que divulgam a história de Clark Kent, o alienígena da ficção mais conhecido da cultura *pop*. Popular por defender a Terra, o Super-Homem veio de um planeta chamado Krypton que foi destruído pela ambição dos kryptonianos. É possível

perceber um alerta aos habitantes da Terra com essa obra, para que tomemos cuidado com os perigos da ciência.

Por um longo período de tempo os alienígenas foram retratados como os inimigos dos humanos ou benfeitores da humanidade. Divididos entre bem e mal, o inimigo ou amigo do homem. O alienígena se torna o monstro do século XX, uma anomalia muito mais complexa e assombrosa que as outras, pois continha mais poder, mais tecnologia, uma história de vida desconhecida aos humanos. O extraterreste é uma incógnita e isso é perturbador.

O enigma de quem é este ser estrangeiro perpetua até os dias atuais. Eles podem ser nossos salvadores ou os carrascos que irão nos matar, oprimir, extinguir o planeta Terra. A monstruosidade dos seres extraterrestres é infinita. Pelo fato de eles não serem humanos, os autores podem exagerar em todas as suas especificações e ações.

O encontro do homem e do alienígena pode ser visto como uma reunião com o diferente. As eventuais reações desta colisão de indivíduos distintos é o que acarreta a história de um livro, filme. As criaturas desiguais vão conseguir se comunicar? Irá existir uma união ou um conflito? Serão amigas ou inimigas? Vão se unir e combater um mal maior? Tais perguntas e respostas vão expor metáforas das ações humanas, demonstrando semelhanças e dessemelhanças entre a ficção e a vida real. O monstro espacial evidencia os problemas do homem, sua intolerância, violência, totalitarismo, estranhamento e desconforto com tudo aquilo que lhe foge do normal. O estrangeiro consegue causar até o sentimento de ódio nos humanos e relembrá-los de suas limitações físicas, tecnológicas, éticas e de que a humanidade é limitada (JEHA; NASCIMENTO, 2009).

O alienígena também provoca uma reflexão sobre as demarcações, as divisões sociais terrenas e de como aquela criatura estrangeira se assemelha aos humanos. Ele continua com o papel que nos séculos passados envolvia o monstro, ou seja, ele revela aquilo que é normal e anormal, expõe os rótulos e limites sociais de cada indivíduo.

O medo da invasão alienígena ou invasão estrangeira demonstra o medo do desconhecido, podemos fazer uma ligação com a realidade daquela época e o xenofobismo e receio do multiculturalismo das sociedades. Durante o século XX várias pessoas fugiram de seus países por causa das diversas guerras e iam para outras regiões, se tornavam imigrantes, tinham que recomeçar sua vida do zero. Um dos países que mais receberam imigrantes foram os Estados Unidos, sendo este país o maior divulgador da Ficção Científica. Nos séculos XX e XXI é possível dizer que uma parcela dos norte-americanos sente rejeição por aqueles que

são de outros países. O fato de Donald Trump ter sido eleito em 2017 com a promessa de que construiria um muro[9] para separar os Estados Unidos do México expõe esse xenofobismo.

Contudo, nosso interesse na Ficção Científica do século XX advém do livro que iremos analisar. **Despertar** (1987) participa desse momento mais reflexivo da Ficção Científica, fugindo da FC *hard*, a obra da Octavia E. Butler sugere uma maior observação ao tema da alteridade e, no próximo tópico, iremos dissecar este livro e comtemplar a imaginação da autora.

[9] Conheça as propostas de Donald Trump para os Estados Unidos. **G1**, 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/conheca-as-propostas-de-donald-trump-para-os-estados-unidos.ghtml. Acesso em: 22 maio 2021.

CAPÍTULO 4: DESPERTAR

Iniciamos aqui o capítulo principal da dissertação. Para entendermos melhor sobre a importância da obra **Despertar** (1987), discorreremos um pouco sobre a autora do livro: Octavia Estelle Butler (1947-2006). Nascida nos Estados Unidos, Octavia foi uma escritora afro-americana importantíssima para a Ficção Científica, para a comunidade feminina e para os negros. Suas histórias e suas protagonistas negras trouxeram diversidade a um gênero literário que tinha como maioria escritores brancos que escreviam histórias sobre um indivíduo também branco.

Nomeada pelos críticos como a Grande Dama da Ficção Científica, foi indicada a vários prêmios importantes, dentre eles o Hugo Awards e Nebula Awards. Butler deixou um legado na literatura, ela conseguia expor problemas da sociedade com histórias que discutiam raça, preconceito, sexo, hierarquia, classicismo, biologia, gênero, genética.

Octavia E. Butler foi uma das principais vozes do Afrofuturismo[10], um movimento artístico que utiliza e trespassa diversos elementos da arte, filosofia e história e que tenta reavaliar e empoderar o passado, presente e futuro dos negros e da cultura africana. A Grande Dama da Ficção Científica deu voz àqueles que por muito tempo foram ignorados. Com heroínas negras Octavia cultivava livros que visitava o passado e reescrevia o futuro no qual os negros tinham maior espaço e importância social.

Em entrevista para **The New York Times** no ano de 2000, Octavia Butler comentou sobre sua escrita: "Nós somos uma espécie naturalmente hierárquica. Quando eu falo sobre isso em meus livros, é claro que eu invento os alienígenas e todo o resto, contudo, eu não invento a essência do caráter humano[11]" (tradução nossa). Suas obras questionavam a humanidade e ao mesmo tempo simbolizava a necessidade de mudança e a existência de constantes diversidades que vão além dos padrões humanos.

[10] Afrofuturismo é um termo que surgiu em 1993 com Mark Dery e está ligada ao afrocentrismo e a cultura negra. A Ficção Científica e o Afrofuturismo se cruzam em diversos momentos na literatura. Octavia E. Butler é considerada uma das maiores contribuidoras deste momento artístico que se desenvolveu na ultima década de 1900. LANGFORD, D. "Afrofuturism." In: In: CLUTE, J.; LANGFORD, D.; NICHOLLS, P.; SLEIGHT, G. (Editores). *The Encyclopedia of Science Fiction*. Gollancz, 23 Feb. 2021. Disponível: http://www.sf-encyclopedia.com/entry/afrofuturism. Acesso em: 24 maio 2021.

[11] No original: "We are a naturally hierarchical species," she said. "When I say these things in my novels, sure I make up the aliens and all of that, but I don't make up the essential human character." FOX, M. Octavia E. Butler, Science Fiction Writer, Dies at 58. **The New York Times**, 2006. Disponível em: https://www.nytimes.com/2006/03/01/books/octavia-e-butler-science-fiction-writer-dies-at-58.html. Acesso em: 11 maio 2021.

Butler começou sua carreira como escritora no século XX, mais precisamente na década de 1970. Publicou cerca de 15 livros e trouxe para a Ficção Científica a luta antirracista e de direitos civis que os afro-americanos enfrentavam durante os anos de 1960-1970. Filha de uma empregada doméstica e um engraxate, Octavia enxergava os problemas da sociedade, seus preconceitos e intolerância, sua violência e opressão às minorias, às diversas relações de poder e de como o lado dominante poderia perseguir os menos favorecidos. Tais situações podem ser encontradas em sua literatura.

A importância da autora para o gênero da Ficção Científica e para a literatura é imensurável. Foi a primeira grande escritora de FC afro-americana. Ela conseguiu romper barreiras e preconceitos com sua escrita, trouxe identificação a uma comunidade que por muito tempo foi silenciada devido à dominância do homem branco. A existência de Octavia e sua bem-sucedida carreira já é um marco para a literatura, pois uma mulher negra, escritora, de origem humilde, que conseguiu prosperar e realizar seu sonho de contar histórias é algo que os mais conservadores daquele período histórico (1970-1980) poderiam se contrariar.

Seu primeiro romance bem-sucedido foi **Kindred** (1979) que relata entre viagens do tempo do presente e passado, a escravidão dos antepassados da heroína principal da obra. Octavia nesta obra descreve uma triste realidade que ocorreu na nossa história, narrando toda a violência, tortura, estupro, crueldade e desumanidade que ocorreram durante os vários anos do período escravocrata.

Para escrever o livro **Despertar** (1987), Octavia E. Butler viajou para a Amazônia peruana, fez uma pesquisa de campo para compreender aquela região, sua fauna, solo, animais, clima, para entender sobre os alimentos que existiam naquele lugar. A trilogia **Xenogenesis** (1987-1989) foi ambientada neste estudo que Butler fez sobre a América do Sul, mais precisamente sobre a Amazônia.

Em entrevista para a **In Motion Magazine** em Março de 2004, Butler revelou sua inspiração para o livro **Despertar**. Durante a Guerra Fria (1947-1991), o político Ronald Reagan fez sua campanha política para a Casa Branca em torno do conflito entre os EUA e a URSS, ele discursava sobre uma guerra nuclear e sobre a possibilidade de os Estados Unidos serem os vencedores dela e este discurso nuclear o tornou presidente dos Estados Unidos. Octavia achou este fato de pessoas apoiando uma guerra nuclear e suas milhares de morte bastante perturbador, na entrevista ela expressa:

> Eu pensei que deve haver algo básico, algo realmente geneticamente errado conosco, se estamos caindo nessa coisa. Então criei essas características. Os

> alienígenas chegam depois da guerra e nos dizem que temos essas duas características que não funcionam e não jogam bem juntas. Eles são inteligentes e nos dizem que somos as espécies mais inteligentes que já encontraram. Mas também somos hierárquicos. E eu coloquei isso depois da grande guerra porque é um tipo de exemplo. Nós nos superamos até a morte, é nossa tendência tentar nos superarmos como indivíduos e grupos, grandes e pequenos[12]. (tradução nossa).

Tal mentalidade de Octavia E. Butler nos faz pensar no que ela acharia do mundo de hoje, no qual vários países possuem um presidente de extrema direita no poder e nas possíveis histórias que ela contaria em meio a esta realidade universal.

Em **A Parábola dos Talentos** (1998), a Grande Dama da Ficção Científica narra as ações de um candidato que concorre à presidência e suas atitudes são semelhantes às do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. No livro, o político também se torna presidente. Os três presidentes (dois reais e um ficcional) têm o discurso de tornarem seus países prósperos novamente, com um imenso teor nacionalista e cristão em suas campanhas. Octavia pareceu adivinhar o futuro, o slogan da campanha de seu político fictício é "Make America Great Again", mesma frase de efeito que ajudou Donald Trump a ganhar as eleições e se tornar o 45º presidente dos Estados Unidos.

Contudo, o disseminador do slogan "Make America Great Again" foi Ronald Reagan, o político que inspirou **Despertar**, também serviu de exemplo em **A Parábola dos Talentos**, Octavia Butler, assim como Donald Trump e sua equipe viriam a reciclar a frase de Reagan.

Outro ponto interessante de falarmos antes de nos aprofundarmos no livro **Despertar** é sobre o nome da protagonista do livro. Octavia E. Butler foi muito perspicaz ao nomear Lilith como a heroína de sua obra. O nome Lilith é antigo e contém toda uma mitologia por trás. Sua mitologia se desenvolve desde a.C. e é repleta de mistérios, principalmente a história de sua origem. Seus contos eram narrados pelos povos da suméria, babilônia, persa, árabe, hebraicos, assíria, por isso é dificil afirmar a raiz de seu nascimento; além da tradição oral de sua mitologia, suas narrativas percorreram vários povos com distintos pensamentos e religiões, adaptando-se, assim, à cultura daquele local.

---

[12] No original: "I thought there must be something basic, something really genetically wrong with us if we're falling for this stuff. And I came up with these characteristics. The aliens arrive after the war and they tell us that we have these two characteristics that don't work and play well together. They are intelligent, and they tell us we're the most intelligent species they've come across. But we're also hierarchical. And I put this after the big war because it's kind of an example. We've one-upped ourselves to death, just our tendency to one-up each other as individuals and groups, large and small".SANDERS, J. Interview with Octavia Butler. **In motion magazine**, 2004. Disponível em: https://inmotionmagazine.com/ac04/obutler.html. Acesso em: 11 maio 2021.

Segundo o livro de **Zohar,** o nascimento de Lilith veio por meio da Lua, mas outros mitos dizem que ela foi gerada a partir da costela de Adão, outra narração diz que ela nasceu do caos.

A mitologia de Lilith e suas diversas facetas foram apagadas com o passar do tempo, pelo fato da perpetuação religiosa de que Adão e Eva foram os primeiros seres humanos da Terra. Lilith é uma das primeiras mulheres a ser julgada de forma negativa pela sociedade patriarcal, ela foi cunhada para obedecer a dois seres, Adão e Deus, porém sua individualidade, caráter, se opunha a esta situação, assim, culminando em uma variedade de contos a seu respeito. Expulsa do Éden por não anuir os caprichos e vontades sexuais de Adão, seus diversos mitos narram como ela é a mãe dos demônios, Barbara Black Koltuv (1997, p. 13-14) diz em sua obra **O livro de Lilith** (1997) que:

> [...] na Suméria, ela foi, a princípio, *Lil*, uma tempestade destruidora ou espírito do vento. Entre os semitas da Mesopotâmia, ela ficou conhecida como *Lilith*, que, mais tarde, ao confabular com *layil* (a palavra hebraica para noite), tornou-se Lilith, um demônio noturno que agarra os homens e as mulheres que dormem sozinhos, provocando-lhes sonhos eróticos e orgasmo noturno. No século VIII a.C., na Síria, Lilith, o súcubo, foi associada a uma outra figura demoníaca que, anteriormente, tiveram uma existência à parte: Lamashtu, a bruxa assassina de crianças. Sob essa forma, Lilith, a Estranguladora Alada, tornou-se conhecida, em todo o mundo, com os nomes de a Dama de Pernas de Asno, a Diaba Raposa, a Sugadora de Sangue, a Mulher Devassa, a Estrangeira, a Fêmea Impura, o Fim de Toda Carne, o Fim do Dia, *bruha*, *strega*, bruga, feiticeira, raptadora e maga Associada à serpente, ao cão, ao asno e à coruja, à emissão de horríveis sons noturnos, e considerada a alma de todo ser vivo que rasteja, ela foi a primeira mulher de Adão, a fêmea do Leviatã, a mulher de Samael, o Diabo, e do rei Ashmodai, a rainha de Sabá e Zamargad, e até mesmo a esposa do próprio Deus, durante o tempo em que Shekhina esteve no exílio. As tentativas no sentido de suprimi-la e de negá-la remontam ao século VI a.C., mas ela sempre retorna, sedutora e assassina de crianças, e continuará a fazê-lo até o advento de Messias, quando os espíritos impuros serão expulsos da face da Terra [...].

Atualmente Lilith é sobretudo conhecida como a primeira mulher de Adão, depois de ser expulsa do Éden, é julgada como um demônio feminino sedutor, avassalador. Lilith neste contexto representa a mulher independente, de espírito livre, que quer viver, se satisfazer, viajar, se aventurar. Lilith era o oposto de Eva. A primeira mulher a habitar o Paraíso negava a submissão, mas ambas foram condenadas pelo patriarcado e taxadas como as que trouxeram pecado, devassidão para a vida humana.

Na **Bíblia** (2001), precisamente em Levítico, diz-se que todo animal que se arrasta sobre a terra é abominável. Tendo em vista que uma das versões de Lilith é uma serpente,

podemos notar uma mensagem de impureza e até valores morais aos seres humanos que se deixam seduzir pelas coisas terrenas, situação esta apropriada para Lilith e para a ideologia religiosa que os cristãos tentavam subjugar (DOUGLAS, 1991).

A Lilith, de Octavia E. Butler, em **Despertar,** sonha com essa liberdade que a Lilith original conseguiu, e ambas dão origem a uma nova raça de vida, elas se tornam mães de seres que nunca antes existiram e dão início a seres híbridos, à miscigenação de humanos e demônios, humanos e alienígenas.

A famosa Lilith mitológica é vista como um ser monstruoso. Seria a Lilith de Octavia E. Butler também um ser monstruoso? Nossa análise do livro **Despertar** (1987) se inicia a seguir.

4.1 Abrindo os olhos

Publicado em 1987, **Despertar,** de Octavia E. Butler, é o primeiro livro da trilogia chamada **Xenogênese** (1987-1989) ou **Lilith's Brood**. Os livros são uma ficção científica pós-apocalíptica que contam a história de Lilith Iyapo, uma afro-americana que morava em Los Angeles, Estados Unidos. Um dia, ao despertar, descobre que está dormindo há 250 anos em uma nave espacial.

Lilith é um dos vários humanos resgatados (ou capturados) por uma espécie alienígena chamada Oankali. Em um dos seus despertares Lilith descobre que a Terra e a humanidade quase foram extintas por decorrência de uma guerra nuclear, e que a raça humana não foi eliminada do universo, pois os Oankalis conseguiram salvar alguns humanos após as explosões atômicas e congelamento do planeta.

A guerra nuclear citada no livro remete à Guerra Fria que ocorria entre os EUA e União Soviética, durante o mesmo período histórico que a autora escreveu o livro. Na obra de Octavia Butler, a guerra teve um fim catastrófico para a Terra e a humanidade, sendo que os países mais atingidos foram os que se localizavam no norte da Terra. Os Estados Unidos e a URSS estão no hemisfério norte, ou seja, as regiões que estavam perto desses países que lideraram a Guerra Fria também foram destruídas e se tornaram vítimas dos países mais poderosos daquele momento. Por outro lado, em um momento de sorte, Lilith foi para o Peru concluir seus estudos de antropologia e se salvou deste primeiro momento de explosões, mas foi capturada enquanto estudava um povoado da região.

Um dos pontos principais de **Despertar** é o desenvolvimento que ocorre entre humanos e alienígenas. Ambas as espécies são totalmente diferentes fisicamente e com

mentalidades também distintas, o que acarreta momentos de hostilidade e tensão. Os dois seres buscam algo totalmente diferente um do outro, enquanto os humanos querem liberdade, os Oankali querem que humanos e Oankali se miscigenem para que uma nova espécie (ou seria a evolução de ambas as espécies?) aconteça.

Dividido em quatro partes: útero, família, pré-escola e campo de treinamento, a obra tem passagens de tempo que evidenciam a dificuldade de se adaptar a um novo lugar e a complexidade que era viver com uma raça alienígena. Para os humanos é um recomeço e este reinício é completamente diferente daquilo que estavam acostumados enquanto seres terrestres. Toda a mentalidade e conhecimento relacionados a Terra devem ser reavaliados pela humanidade e os seres que mais conhecem a composição física humana e do planeta Terra é um ser alienígena que, até pouco tempo atrás, a humanidade não sabia da existência.

"Ajudamos seu mundo a se recuperar. Estudamos seus corpos, seu pensamento, sua literatura, seus registros históricos, suas muitas culturas... Sabemos mais sobre o que vocês são capazes do que vocês mesmos." (BUTLER, 2018, p. 48). Os extraterrestres esclarecem para Lilith a real situação dos terráqueos. Neste momento, fica evidente que a história da humanidade começa a ser reescrita pelos Oankali, eles detêm o poder de toda esta situação pós-apocalíptica que os seres humanos se envolveram. Inclusive os alienígenas culpam a hierarquia humana pelo apocalipse na Terra, dizem que tal fatalidade ocorreu por uma falha genética, que a condição hierárquica do nosso gene foi a causadora do genocídio e da destruição do planeta: "Foi como ignorar o câncer. Acho que seu povo não percebeu que coisa perigosa estava fazendo." (BUTLER, 2018, p. 57).

Com o desenrolar da análise, vamos perceber que esta mentalidade hierárquica Oankali é um pouco contraditória à realidade de sua espécie. Contudo, neste primeiro momento iremos focar nos capítulos iniciais da obra e examinar a relação da Lilith e dos outros humanos despertados com os Oankalis.

O livro se inicia com a frase: "Viva... mais uma vez." (BUTLER, 2018, p.11), evidenciando o lamento da protagonista em ainda estar viva. No princípio os despertares de Lilith eram desgostosos, pois lhe chegava à realidade de que estava viva e em um cativeiro. A localização da protagonista era desconhecida, a única coisa que ela sabia era que estava em um quarto branco que continha uma cama, mesa e banheiro, não havia portas ou janelas. Ela estava localizada em um quadrado branco, sem contato com outro ser humano ou qualquer outro ser vivo; sua única interação com o mundo exterior era recebendo a mesma comida de sabor irreconhecível dentro de uma tigela comestível.

Em um de seus despertares, seus captadores lhe concederam roupas, até disso ela era privada no início. Estar vestida proporcionava à Lilith uma falsa segurança e melhorava sua autoestima, na situação em que ela se encontrava, uma muda de roupa lhe causava um prazer que deveria ser aproveitado, já que o desconhecido a acompanhava naquele momento. Onde ela estava? O que aconteceu com a Terra? Por quanto tempo ela dormiu? Por que ninguém se comunicava com ela?

Durante um de seus despertares ela percebeu a existência de uma longa cicatriz em seu abdômen, "O que perdera ou ganhara, e por quê? E o que mais tinham feito com ela?" (BUTLER, 2018, p.13). As indagações da protagonista manifestam toda a incógnita que se passava na cabeça dela ao estar experienciando algo novo, uma circunstância apavorante, já que é mantida em cativeiro, sem comunicação ou ciência do que estava acontecendo em sua vida.

O primeiro contato de Lilith com os Oankali aconteceu de forma sonora. Eles se comunicavam quando queriam e sua voz vinha da parte de cima do cativeiro como se estivesse junto com a luz. Lilith se sentia como um rato preso, sendo vigiada a todo o momento, suas perguntas não tinham respostas e seus mutiladores lhe faziam inúmeras perguntas sobre seu passado.

Com o passar do tempo, as perguntas e respostas se tornaram diálogos e em um de seus despertares Lilith se deparou com uma criança em seu quarto. O menino não falava inglês, então, os dois tentavam se entender e ensinar a língua deles um para o outro. Logo, a criança desapareceu e Lilith percebeu que o experimento de seus captadores havia sido concluído. Lilith era um rato de laboratório, era testada por seus dominadores a todo o momento, quanto à maneira como ela lidava com o isolamento, às perguntas e respostas que eles obtinham, a relação com outro humano, etc. Tudo era um teste e Lilith sabia, "Ela não era mais dona de si mesma. Até mesmo sua carne podia ser cortada e costurada sem seu consentimento ou conhecimento" (BUTLER, 2018, p.13).

Sem saber, Lilith ficou 2 anos neste confinamento entre despertares e hibernação. Foi submetida a um isolamento e estudada enquanto estava no quarto branco por seres desconhecidos que lhe recusavam passar informações e que já haviam mexido em seu corpo sem sua autorização ou consciência. Ela não entendia aquela situação de sua captura ou por que se tornou um rato de laboratório. Tudo foi explicado quando os seres incógnitos lhe confrontaram cara a cara. Mas, antes de chegar a este momento de conflito, é preciso expor a violação que os Oankali fizeram com a protagonista ao mexerem em seu corpo enquanto esta se encontrava hibernando Tal atitude exibe um caráter totalitário e usurpador do alienígena ao

se apossar e fazer experiências em um corpo dormindo. Isso foi uma violência ao corpo de Lilith, foi um ato que ocorreu sem o consentimento da afro-americana, uma ação dominadora que já mostrava os pensamentos e dinâmica de seus captadores.

4.2 O monstro desconhecido

Um Oankali adentrou os aposentos de Lilith e disse-lhe que a levaria para fora, para "O início de uma nova vida" (BUTLER, 2018, p.19). Lilith, naquele momento, percebeu que a presença daquele ser que ela pensava que fosse um homem a assustava e que algo estava errado. Imediatamente, a protagonista descobre que o ser em seu quarto não é um ser humano. O extraterreste logo se identifica dizendo que é "De vários outros mundos" (BUTLER, 2018, p.20). Nesta ocasião a protagonista tenta preparar seu psicológico para o que vai acontecer e reflete que "Preferia se acostumar a uma grande quantidade de caras feias a permanecer em seu cárcere" (BUTLER, 2018, p.21).

É preciso ressaltar a importância desse primeiro momento cara a cara, é o encontro de duas espécies vivas diferentes biológica e fisicamente. As próximas ações de ambas as raças podem definir o futuro dessas espécies. Se Lilith recuar e não aceitar aquela outra vida, qualquer plano que eles tenham feito para ela irá desmoronar. Este primeiro contato é essencial para a sobrevivência de Lilith. E de início os extraterrestres lhe ofereceram uma suposta liberdade, ela só precisava encarar a aparência daquele ser desconhecido para sair daquele quarto branco. A escolha de Lilith é clara, ela escolhe a liberdade, porém ela declara que o desconhecido a amedrontava!

> [...] e o que parecia ser um homem alto e esguio ainda era um humanoide, mas não tinha nariz... Nenhuma protuberância, nenhuma narina... Apenas uma pele lisa. O ser era todo cinza: a pele era de um cinza pálido, o cabelo de um cinza mais escuro na cabeça que descia ao redor dos olhos, orelhas e garganta. Havia tanto cabelo em volta dos olhos que ela se perguntou como aquela criatura conseguia enxergar. O cabelo longo e abundante parecia crescer tanto de dentro das orelhas como em torno delas. Acima, se juntava ao cabelo dos olhos e, abaixo e atrás, ao cabelo da cabeça. A ilha de cabelos na garganta parecia se mover levemente, e ocorreu a ela que deveria ser por ali que o ser respirava, uma espécie de traqueostomia natural. (BUTLER, 2018, p. 21).

Lilith, com seu conhecimento limitado, pois só conhecia aparências de animais e humanos da Terra, tenta enxergar no alienígena aquilo que o faz ou não humano. Sua mente faz comparações que definem os limites do que seria normal ou anormal para uma estrutura física terrena e identifica naquele distinto esqueleto as dissemelhanças entre as duas espécies

presentes no mesmo quarto branco. Essa projeção de características inumanas traz à protagonista a óbvia ligação de algo desconhecido, nunca visto e difícil de assimilar. Assim, prepara o leitor para os próximos momentos de espanto que seguirá acontecendo durante o desenvolver do livro e da relação Oankali humana.

Se antes os Oankali eram os responsáveis por monitorar, vigiar e estudar Lilith, agora é Lilith que fica responsável de tentar descobrir mais informações sobre esta nova vida e do por que de sua captura. Mas, para descobrir mais sobre os extraterrestres, ela precisa se adaptar às aparências daqueles seres.

O diferente sempre causa atenção, seja esta negativa ou positiva. Quando o diferente é a respeito de uma aparência, a situação pode ser bastante apavorante para alguns. O ser humano é suscetível ao medo, é um sentimento que está impregnado na humanidade desde sua criação, e o medo do desconhecido, segundo H. P. Lovecraft (2008), é a emoção mais antiga e forte do ser humano. O extraterrestre que Octavia E. Butler criou é um desconhecido, é um monstro, é o Outro e Lilith precisa se adaptar e conviver com este ser incógnito para conseguir sua liberdade. Tal acontecimento nos faz lembrar do conto de fadas *A Bela e a Fera* e de como a Bela deveria se adaptar ao comportamento e físico da Fera para ganhar um pouco de liberdade.

Contudo, se familiarizar com algo monstruoso pode ser difícil. Quando Lilith percebe que os longos cabelos daquele ser extraordinário na verdade eram órgãos sensoriais, ou o que ela identificaria como tentáculos, um súbito terror lhe invade:

> Ela não queria ficar mais perto dele. Não sabia o que a havia mantido recuada antes. Agora, tinha certeza de que era o seu caráter alienígena, sua diferença, sua natureza não terrena. Ela ainda se considerava incapaz de dar um passo a mais em direção a ele. (BUTLER, 2018, p. 22).

O preconceito lhe envolve, o medo e repulsa pelo diferente lhe causam um pavor tão grande, que ela só queria distância daquele ser. Lilith faz uma nova comparação e pensa na Medusa, ao ver o extraterrestre. Medusa com seus cabelos de cobra e aquele alienígena com seus inúmeros tentáculos (órgãos sensoriais) que se movimentavam.

Essa tentativa de identificar o alienígena em características humanas é algo natural, segundo Jeffrey Jerome Cohen (2000, p.30):

> Essa recusa a fazer parte da "ordem classificatória das coisas" vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática.

Lilith, ao contrastar as diferenças entre seus corpos e ao reconhecer as singularidades de ambos os corpos, expõe como busca uma classificação daquele ser. Diferente de tudo o que já conheceu e de todo o sistema que habitava, o alienígena do livro revela à protagonista não apenas uma nova forma de vida, mas também de identificação e pensamento das coisas. Evidencia sobre como existem novidades neste mundo e de como às vezes não estamos preparados para elas.

Essa classificação e estruturação do sistema é algo que ocorre na humanidade desde sua concepção. Existe aquilo que conhecemos e aquilo que não conhecemos; o desconhecido é visto como uma advertência à normalidade já conhecida. Tais classificações na Pré-história e Antiguidade poderiam dar mais tempo de vida aos seres humanos, pois eram pequenas regras que mantinham os humanos atentos, como por exemplo, evitar enfrentar animais perigosos ou a fúria da natureza.

Mas, com o passar dos tempos, as estruturações começaram a se tornar mais complexas e burocráticas. Iniciam-se sociedades, governos, escrita, leis e tudo deveria se encaixar nas formalidades do povo e do governante. Se as pessoas não se encaixassem no padrão imposto poderiam ser deixadas de lado, ignoradas, presas, mortas, abandonadas. Mary Douglas (1991, p.44) declara, segundo o livro de Levítico da Bíblia, que "As espécies impuras são aquelas que são membros imperfeitos da sua classe ou cuja classe desafia o esquema geral do universo". Ou seja, aquilo que não era identificado como normal, que não participava de uma estrutura era visto como algo impuro, sujo, um erro.

No romance, Lilith continua suas comparações e percebe que o extraterreste possui dedos nas duas mãos e que as mãos dele parecem a flor margarida. Ele também continha dois pés, duas mãos. Tal percepção fez com que Lilith entendesse que toda essa situação poderia ser ainda pior se ele fosse menos humano.

> Tentou se imaginar cercada por seres como ele e quase foi oprimida pelo pânico. Como se, de repente, tivesse desenvolvido uma fobia, algo que nunca vivenciou antes. Mas o que sentia era semelhante ao que tinha ouvido outras pessoas descreverem. Uma verdadeira xenofobia. (BUTLER, 2018, p. 35).

Xenofobia. Lilith foi precisa ao descrever o que estava acontecendo com ela. O medo do estrangeiro, uma imensa aversão àquele ser cinza, cheio de tentáculos. Porém, esse pânico em relação ao monstro alienígena, por um breve momento, se transforma em curiosidade, em fascinação. Cohen (2000, p.48) profere:

> Esse movimento simultâneo de repulsão e atração, situado no centro da composição do monstro, explica, em grande parte, sua constante popularidade cultural, explica o fato de que o monstro raramente pode ser contido em uma dialética simples, binária (tese, antítese... nenhuma síntese). Nós suspeitamos do monstro, nós o odiamos ao mesmo tempo que invejamos sua liberdade e, talvez, seu sublime desespero.

O horror pode causar atração e podemos notar isto nas ações de Lilith. A protagonista diz que foi "ludibriada pelos próprios olhos" (BUTLER, 2018, p. 23). Até a forma de andar do monstro lhe chama atenção: "A série de movimentos foi toda fluida e natural, e ainda assim tão alienígena, que a fascinou." (BUTLER, 2018, p. 26).

Ao mesmo tempo em que o monstro é repulsivo, também gera curiosidade e encantamento, afinal é um indivíduo extraordinário, sendo compreendido como Outro, com distintas possibilidades históricas que o envolvem. De onde ele veio? Como vive? Será que tem os mesmo órgãos que os humanos? Para que servem aqueles tentáculos?

Outro acontecimento que aliviava Lilith era o fato de seus captadores saberem inglês. Se os extraterrestres se comunicassem com ela por meio da língua materna dos Oankali o choque e xenofobia seriam ainda maiores, aquele ser lhe seria ainda mais alienígena. Lilith poderia ter sido apresentada aos seres estrangeiros com pele cinzenta, tentáculos e uma língua desconhecida e o resultado poderia ter sido mortal para eles ou ela. E realmente existiram tentativas de assassinato quando os Oankali se apresentaram para outros seres humanos, algumas pessoas tentaram atacar os seres intergalácticos.

Embora algumas das características físicas do alienígena lembrassem outras formas de vida da Terra, a aparência extraordinária do monstro ainda causava terror em Lilith. Contudo, para ela sobreviver à sua nova realidade tinha que superar a xenofobia e aceitar o extraterreste e a condição de vida que ela se encontrava ao estar vinculada com aquele ser. A maneira mais fácil para se livrar daquele quarto branco era se adaptar, deixar as diferenças de lado e focar no que estava lá fora. Este pensamento de Lilith nos remete até a uma aceitação, mesmo que de certa forma forçada, em relação ao outro, ao individuo diferente, a respeitar o próximo, mesmo com suas dessemelhanças. Tal mentalidade é algo que diversos grupos sociais gostariam que a humanidade tivesse, assim poderiam existir menos violência, mortes, intolerância ligada a ações criminosas.

E Lilith eventualmente descobre o que estava lá fora, além das paredes brancas do quarto. As conversas de Lilith e do alienígena se desenvolveram ao ponto de ele responder as perguntas mais sérias que ela fazia. Lilith descobre que ficou 250 anos dormindo em uma nave que orbita em torno da Terra e que seu antigo planeta se encontrava inabitado, pois a

guerra nuclear havia contaminado todos os continentes com radiação ao ponto de que os Oankali interferiram e salvaram alguns humanos. Se os Oankali não tivessem capturado vários seres humanos, talvez a humanidade estivesse extinta. Seriam os Oankali os raptadores ou salvadores da vida humana? Provavelmente eles são uma mistura desses dois, salvadores e também sequestradores, pois percebemos que sua ação de salvar os humanos está ligada a uma possível troca de favores, então, ao mesmo tempo em que eles fazem algo positivo para a humanidade, eles condicionam a raça humana a uma circunstância extremamente negativa.

Lilith descobre que seus captadores estão recuperando a Terra de toda a radiação que lhe foi causada e que planejam enviar os humanos para ela para reabitarem novamente o planeta. Mas todos esses acontecimentos pareciam suspeitos para Lilith que sempre recebia uma resposta vaga quando perguntava o que eles queriam com os humanos. Eles falavam que valorizavam os terráqueos e que eles continham algo que consideravam precioso. Por que todo esse mistério? O que os Oankali estavam escondendo?

Durante os dias que se passaram, com ela isolada no quarto branco com o Oankali, ficou sabendo que a cicatriz que surgiu em seu abdômen foi em decorrência de um tumor que ela possuía, os extraterrestres retiraram o tumor enquanto ela estava na hibernação. Outra descoberta de Lilith foi acerca do nome da espécie que havia capturado os humanos. Chamavam-se Oankali, um dos significados da palavra é negociante. O que eles queriam negociar? O que eles realmente pretendiam fazer com todos aqueles humanos que foram capturados?

Lilith percebeu que o que estava acontecendo com ela era outro teste, outra fase de um experimento. Ela continuava a ser um rato de laboratório. Para ela passar para a próxima etapa de testes ela precisava conviver com aquele Oankali e perder o nojo, aversão de sua aparência, assim, poderia sair do quarto e explorar a nave. Mas toda esta situação não era fácil, A xenofobia de Lilith estava tão enraizada que ela mesma se revoltava com suas ações. “A grotesca aparência de lesma-marinha voltou e ela não conseguiu parar de cambalear para trás, se afastando dele, com pânico e repulsa. Percebeu sua reação antes de ter ido longe demais.” (BUTLER, 2018, p. 39). Ela reconhece que seu comportamento é exagerado. Neste momento é necessário relembrar que Lilith era uma estudante de Antropologia que pesquisava povos antigos e que ao acordar 250 anos depois de uma guerra nuclear se depara com uma nova espécie de vida, diferente de tudo que já estudou ou compreende sobre a vida humana.

A reação de Lilith é um exemplo da batalha entre a história humana e nossa modernidade. Sabemos que certos pensamentos, reações, são antiquados e até ridículos nos tempos atuais, mas ainda existem pessoas apegadas ao passado que não aceitam novos ideais

e ficam presas ao preconceito, intolerância, ignorância. Muitas vezes o antigo está tão enraizado que nem percebemos... Um claro modelo disso é a Lilith reconhecer seus excessos e não compreender o porquê de eles ocorrerem. A luta entre as ideias e preconceitos que foram implantadas na humanidade durante inúmeras eras e o novo ideal moderno que luta contra intolerâncias e má informação é algo que sempre irá perpetuar na humanidade. O velho e o novo e sua batalha por poder é uma das principais lutas presentes hoje em nossa sociedade.

Pode-se analisar também que este receio que Lilith tem com a aparência do alienígena é o próprio medo que a humanidade tem em não se encontrar nas classificações das coisas, em não ser identificada como um indivíduo social que pode participar da comunidade. Esta aversão é o temor de fazer parte do Outro, de ser ou de se tornar o diferente, de não estar nas estruturas impostas e reconhecidas por todos.

O alienígena da obra indica que "[...] há a perturbadora sugestão de que esse corpo incoerente, desnaturalizado e sempre sob risco de desagregação, pode muito bem ser o nosso próprio corpo." (COHEN, 2000, p. 35). Portanto, aquele corpo cinzento, frio, cheio de tentáculos, com mãos em formato de margarida, evidencia a dificuldade que os humanos têm em aceitar as peculiaridades da própria espécie, e se não aceitamos a nossa raça com suas distinções, imagina uma nova espécie totalmente diferente, sem classificação, estudo ou história? Encontra-se algo extraordinário e perigoso ao mesmo tempo.

Nikanj é o ooloi, indivíduo de gênero neutro (no desenvolver da análise iremos relatar os gêneros e mais especificações sobre os Oankali), responsável pela adaptação e aprendizado de Lilith. "Lilith deveria ficar dependente de um Oankali, depender dele e confiar nele." (BUTLER, 2018, p. 58). Toda a relação Oankali e humanos se resume a esta frase de Lilith. A intenção dos extraterrestres é que a humanidade dependesse dos Oankali, por isso esta espécie utiliza métodos para que os homens precisem de sua presença, ajuda.

Juntos, Lilith e Nikanj aprendem o idioma um do outro, mais informações sobre ambas as espécies, suas diferenças, interesses, etc. O desconhecido torna-se conhecido e após meses de aprendizagem e conhecimento Lilith fica um ano em um local parecido com a nova Terra. Neste ambiente ela aprende a sobreviver, caçar, cultivar, fazer armadilhas, colher frutos e reconhecer o que deve ou não ser comido, o que é venenoso, o que é um bom terreno para plantio e acampamento. O convívio diário fez a xenofobia sumir e o extraterreste desconhecido acaba se tornando um tipo de amigo, a relação forçada que os Oankali submeteram à Lilith e a Nikanj deu certo, mas ela sabe que alguma coisa está errada. Ela aguarda a notícia da troca de favores e como isso vai afetar ela e a humanidade.

Lilith precisou passar por tudo isso sozinha com os Oankalis, pois descobre que o plano daquela espécie extraterrestre é que ela seja a líder da primeira equipe de humanos a reabitar a Terra. Lilith terá o trabalho de ensinar tudo que sabe aos humanos e de dar um aviso desagradável, revelar o que os Oankali querem com a humanidade.

> "Como poderia Despertar as pessoas e dizer a elas que eram parte de um esquema de engenharia genética de uma espécie tão alienígena que os humanos não seriam capazes de enxerga-la com naturalidade durante algum tempo? Como poderia despertar essas pessoas, sobreviventes da guerra, e informar que suas futuras crianças não seriam humanas, a menos que conseguissem fugir dos Oankali?" (BUTLER, 2018, p. 159-160).

Lilith se encontra em uma terrível situação na qual será vista como traidora para o resto da humanidade. Ao ter que liderar um grupo de pessoas para reabitar e repopular a Terra como seres hibridizados, a protagonista entende que será vista como aquela que traiu a pureza da raça humano e a responsável por formular e compactuar com a criação de monstros.

Durante a pré-escola, Lilith tinha que escolher e despertar 40 humanos que achassem que fossem compatíveis com a liderança dela. Dossiês foram montados. Estes descreviam a personalidade e a vida passada dos candidatos, a primeira equipe humana a retornar para a Terra. Um fato importante que descobrimos com a leitura do livro é que este grupo e esta tentativa de reabitar a Terra não estão acontecendo pela primeira vez, ou seja, outros experimentos foram feitos antes de Lilith e os resultados não foram positivos. Tal fato nos prepara para os acontecimentos dos capítulos finais do livro.

Lilith passa todo o confinamento dizendo aos despertados sobre seus captores, porém algumas pessoas não acreditam nela e pensam que estão sendo mantidos em cativeiros por um grupo de humanos. Toda essa situação de acreditar ou não em Lilith faz com que o grupo seja dividido em dois, os apoiadores da protagonista, que acreditam na existência de um alienígena, e os oponentes dessa ideia, que tentam descobrir mais informações sobre o local e Lilith para tentar sair do cativeiro.

Toda essa pressão causa conflitos humanos, brigas, desavenças e um clima não amigável entre os despertos. Podemos notar neste momento as distintas opiniões e ações que surgem devido à discordância, ao confronto, à falta de empatia, à necessidade de julgar, a não acreditar, a espalhar notícias falsas para desmoralizar uma pessoa. Tudo isso pode ser notado no livro e também na vida real. O ser humano está envolto em uma complexa relação de poder e brigas hierárquicas para alguém ficar no comando.

A pré-escola é um dos momentos que a autora utiliza para expor o caráter humano e as conflituosas relações de poder construídas pelo homem. De um lado temos uma mulher negra que foi escolhida para ser líder de um grupo de pessoas, a oposição desta mulher é um hétero branco que se recusa a acreditar nas palavras da mulher que foi encarregada de comandar e ajudar os habitantes daquele local. A divergência de opiniões e atitudes hostis espelha como a humanidade lida com aquilo que não lhe agrada, incomoda. Essa situação binária nos remete à prolongada batalha entre bem x mal, direita x esquerda, colonizador x colonizado, capitalismo x socialismo, homem x mulher. Como se só existissem duas opções para tudo nesta vida.

Para que os extraterrestres se revelem aos humanos e para que a reação deles não seja extrema ao ponto de ocorrer mortes entre as duas diferentes espécies, os Oankali dopam os humanos por meio da alimentação. O primeiro contato daqueles seres cinzentos com tentáculo ocorre no momento em que os humanos estão com um alto nível de toxina no organismo; os extraterrestres fazem isso para que os humanos não revidem, desmaiem ou qualquer outra reação exagerada que possa ocasionar um perigo à saúde de ambas as raças.

O momento da revelação alienígena foi de total terror, os humanos estavam com suas capacidades cerebrais e físicas reduzidas, enquanto isso, por uma parede, vários Oankali surgiram e se direcionaram às pessoas pelas quais eles estavam responsáveis. Cada Oankali estava encarregado de cuidar de um casal. Todos os despertos faziam par com alguém, os pares são formados por um homem e uma mulher já pensando na futura reprodução das espécies.

Joseph, parceiro de Lilith, reflete algo sobre Nikanj "Você não parece uma ameaça. Parece apenas... muito diferente" (BUTLER, 2018, p. 255). O medo pelo caráter estranho a sua frente é reduzido ao mero estranhamento físico, já que Joseph julga que aquele ser extraordinário, pelo menos naquele exato momento não o fará mal. Nikanj segue a linha de pensamento do parceiro de Lilith e expressa que:

> Para a maioria das espécies, o diferente é ameaçador [...] O diferente é perigoso e vai matar você. Era assim com seus ancestrais animais e seus parentes animais mais próximos. E é assim com vocês. É mais seguro para seu povo superar esse sentimento individualmente do que como membros de um grupo amplo. É por isso que lidamos com essa situação do modo que lidamos. (BUTLER, 2018, p. 255).

A fala de Nikanj evidencia que o diferente é aterrorizante para uma enorme quantidade de espécies. Tendo em vista que eles são de vários outros mundos, acredita-se que

eles já estão acostumados a lidar com a xenofobia, medo, nojo, e que com o passar do tempo conseguem reverter ou minimizar estes sentimentos, já que eles são conhecidos por serem negociantes. Os Oankali são especialistas em lidarem com essa situação que os humanos se encontram no livro, para eles a humanidade é apenas mais uma espécie do imenso percurso de mundos e raças que já conheceram.

Portanto, a tentativa dos Oankali era clara, ao dopar os humanos, eles pretendiam diminuir as defensas humanas para que todos se acostumassem e adaptassem ao visual e características daqueles novos seres vivos que foram apresentados a eles. "Nós entorpecemos seu medo natural dos estranhos e da diferença. Vamos evitar que vocês machuquem ou matem a si mesmos ou a nós." (BUTLER, 2018, p. 262). Contudo, os 250 anos de estudos que os Oankali tiveram sobre a espécie humana talvez não os tenha realmente preparado para as complexidades das ações humanas. Dopar o medo ao estranhamento foi algo esperto, todavia certos sentimentos são muito fortes para serem esquecidos ou minimizados.

Com o passar do tempo, os efeitos das drogas foi diminuindo de acordo com o nível de aceitação de cada indivíduo. Peter, um dos oponentes de Lilith, durante a pré-escol, foi o despertado que mais sofreu e rejeitou a atual situação humana.

> [...] ele aparentemente decidiu que tinha sido humilhado e escravizado. A droga, para ele, não pareceu um modo indolor para se acostumar a não humanos assustadores, mas um modo de voltá-lo contra si mesmo, levando-o a se rebaixar às perversões alienígenas. Sua humanidade fora profanada. Sua masculinidade fora retirada. (BUTLER, 2018, p. 263).

São fortes os pensamentos de Peter, ele se sentiu escravizado, menos másculo, teve sua humanidade profanada e acima de tudo notou que estava sendo usado pelos alienígenas. Peter se enxerga como um brinquedo e vê sua humanidade e direitos humanos de liberdade sendo anulados pelas vontades dos alienígenas. Para Peter a situação é aterrorizante, ele que recusava a ideia de que foi capturado por extraterrestres, agora se encontrava tendo uma relação nada saudável com este ser que ele abominava. As drogas não mudaram os pensamentos de Peter, só lhe causaram mais raiva. Logo, quando ele ficou a sós com sua companhia ooloi, Peter aproveitou o momento para espancar o Oankali. Um de seus golpes ocasionou um reflexo defensivo que acarretou em uma ferroada letal ao humano. A primeira morte humana do grupo que tem como objetivo reabitar a Terra foi causada por um ooloi.

Este acontecimento expõe um caráter bastante forte da humanidade, de que às vezes estamos tão fechados em nossos pensamentos e ideais, que não abrimos espaços para o Outro, para o próximo. Esta mentalidade fixa, imutável, é um problema porque pode repercutir e

reproduzir preconceitos que acarretam diretamente e indiretamente na perda de inúmeras vidas que são vítimas de ações não acolhedoras, intolerantes e hostis. Peter padeceu devido ao preconceito que sentia pelo Oankali, ao tentar matar e ferir uma vida diferente foi surpreendido e golpeado, o que causou seu falecimento. A atitude de Peter reflete as ações da sociedade e na violência que ela busca ao encontrar o Outro.

Após um curto tempo de adaptação, os Oankali e humanos foram transferidos para um novo lugar. A nave reproduziu as condições ideais da Terra e do local que os humanos iriam pousar ao retornarem para seu planeta natal. A missão desta vez é sobreviver e aprender para que, quando chegassem à Terra, conseguissem reproduzir os conhecimentos no solo, assim, facilitando a vida humana.

Contudo, este novo lugar habitado por ambas as espécies logo se torna uma maneira de a humanidade tentar se livrar dos Oankali. De pouco em pouco os humanos saíam e não retornavam ao acampamento e a suas companhias oolois. Um dos oponentes de Lilith decapitou Joseph, o companheiro da protagonista, em seguida, o grupo de resistência que se opunha a toda esta situação alienígena toma atitude e agride um grupo de Oankali, como retaliação e por pura sobrevivência os alienígenas mataram dois humanos no conflito.

Um dos oolois feridos confessou a Lilith: "Nunca acreditei que tentariam nos matar. Nunca soube o quanto seria difícil não os matar." (BUTLER, 2018, p. 313). Novamente percebemos que o conhecimento Oankali sobre a vida humana e suas atitudes é limitado. Se a humanidade causou um apocalipse no planeta que habitava, dilacerando milhares de vidas, qualquer outra raça que se aventure a aparecer diante da humanidade pode ter o mesmo destino, já que tal espécie não é benevolente ou inteligente com seres da sua própria natureza. Também não seria esta fala do ooloi um tipo de ameaça? Ao utilizar a palavra difícil, parece que o Oankali faz uma ligação ao forte desejo de acabar com toda a briga e matar ou voltar a hibernar os humanos, mostrando assim uma característica do extraterreste que não sabíamos: eles não gostam de serem desafiados ou contrariados. Lilith responde o seguinte a essa fala de Nikanj: "O que vocês achavam que iria acontecer quando nos dissessem que iriam nos extinguir como espécie por meio da manipulação genética de nossas crianças?" (BUTLER, 2018, p. 313). O discurso da protagonista faz parecer que os 250 anos de estudos dos Oankali foram pouco, que eles deveriam ter estudado melhor o ser humano antes de fazer contato, pedindo a mistura das espécies.

Esse conflito que ocorreu entre os Oankalis e humanos foi acima de tudo uma divergência de ideias e valores, da discordância do presente e futuro, foi uma maneira de os despertos tentarem conseguir liberdade, de fugirem das amarras sensórias dos alienígenas e

dos filhos monstruosos que trariam a nova Terra. Sobretudo, este conflito evidencia a desordem do mundo real, na qual os seres humanos são hostis e repudiam aquilo que não concordam, às vezes partindo até para a agressão.

Se no passado a vida humana era rodeada de conflitos entre si, agora, com a descoberta de uma vida extraterrestre que capturou os terráqueos, os conflitos se ampliam. Os inimigos são os próprios humanos entre si e o adversário que une a raça humana é o alienígena, pois não existem limitações para os descontentamentos, sentimentos e ações da humanidade, é uma espécie que consegue ser desunida e unida quando lhe convém.

Após essa falha de tentativa de liberdade, os humanos são enviados para a Terra. Mas, para o choque e terror de Lilith, ela fica na nave, pois sua ida à Terra significaria sua morte, já que o grupo de humanos ressentia contra sua pessoa e ao que ela representava.

4.3 Hibridismo

Mas o que Lilith representava? Para os humanos, Lilith espelhava o poder e ameaça dos inimigos, pois, durante o desenrolar do livro, a protagonista sofreu alterações químicas e genéticas voluntárias e involuntárias. Quando essas modificações foram expostas aos outros humanos, um sentimento de monstruosidade foi acarretado, como se Lilith fosse um brinquedo nas mãos do Oankali, algo que eles poderiam ligar, desligar, suspender, desmontar, adaptar.

Os Oankali alteraram a química, a genética da Lilith, aos poucos. Começaram ao curar seu tumor e a deixá-la estéril por tempo indeterminado; mudaram sua química cerebral para que ela se lembrasse de tudo que aprendeu ou esqueceu. O principal responsável pelas mudanças de Lilith é o ooloi Nikanj. No início do livro, ele faz com que ela possa abrir paredes e o resultado disso é que ela começa a ter um cheiro estranho. O ooloi também usa a química para curar os ossos quebrados e a dor que Lilith sentiu, após ter sido agredida por Paul Titus.

A relação de Lilith e Nikanj é bastante importante na história. É possível analisar até uma imaginável síndrome de Estocolmo com relação à Lilith e a Nikanj, pois quando o ooloi é ferido na batalha, Lilith o auxilia a se recuperar de sua ferida. O antigo câncer da protagonista ajuda Nikanj a se reconstruir mostrando, assim, que, apesar das divergências entre as duas espécies, o tempo que os dois passaram juntos fez com que ela criasse um afeto pelo extraterreste, carinho este que desde o início do livro é camufladamente imposto, já que os dois aprendem e educam um ao outro sobre suas raças.

Quando Lilith foi para o salão de treinamento, sua química corporal foi novamente alterada, ela podia criar paredes e mexer, alterar o salão da forma que quisesse, sua força física foi ampliada, ela também podia controlar as plantas na qual os humanos dormiam, sua resistência a ferimentos foi expandida, curando-se rápido de lesões e possíveis outras dores. Os Oankali também lhe deram uma memória fotogênica, ela lembra tudo que aprendeu com eles, não precisa de livro, caderno para relembrar a doutrinação que teve na nave.

Um fato preocupante que descobrimos com a leitura do livro é que os Oankali tornaram todos os humanos estéreis por tempo indefinido. Os humanos podem ter relações entre si, mas esta relação não irá gerar uma criança humana. Podemos analisar essa atitude como uma intenção de eliminar qualquer possibilidade de sobrevivência da humanidade, uma vez que qualquer chance de reprodução que origina vida foi tirada dos homens e mulheres. Os úteros femininos estavam reservados para os filhos dos Oankali com humanos, para a espécie hibridizada, apenas a química ooloi poderia fazer com que as mulheres humanas engravidassem. Isso mostra o nível de perigo e ameaça que os alienígenas constituíam para a humanidade, os corpos humanos agora tinham donos, todos estavam reféns das vontades dos Oankali e de sua ideia de novas vidas e reprodução das espécies.

Os alienígenas criaram uma situação na qual só uma espécie poderia sobreviver e eles deixaram claro que não era a espécie humana. De forma forçada, eles implementaram uma seleção natural nos humanos, os mais aptos vão resistir às tormentas da vida na nave e posteriormente na Terra. Porém, a continuação dessa vida dependerá exclusivamente da relação que este humano tem com seu ooloi. Os Oankali prepararam um esquema em que os humanos necessitam deles, se os homens e mulheres pousarem na Terra e decidirem fugir dos alienígenas, isso significa que aquele grupo de pessoas está mais suscetível à morte, já que os oolois não irão curá-los; também existe a incapacidade de reprodução da própria espécie humana. Então, se ocorrer uma futura fuga em massa poderia acarretar até em uma possível extinção da raça humana no planeta Terra.

Ao perceber que a raça humana seria o próximo experimento químico e genético dos Oankali, Lilith fala “Uma coisa é fazer isso com uma planta. Outra é fazer com seres inteligentes, autoconscientes.” (BUTLER, 2018, p. 76). A protagonista continua: “Vocês poderiam nos matar. Poderiam transformar nossas crianças em monstros estéreis.” (BUTLER, 2018, p. 76). A ideia de miscigenação parece absurda para Lilith.

Essa hibridização que os Oankali fazem pode ser notada atualmente na Terra, já que em 1997 criou-se o primeiro clone de animal adulto. Uma ovelha chamada Dolly[13] ganhou as páginas de jornal de todo o mundo e revolucionou a área cientifica da época com a geração de uma vida diferente, um clone. Porém, devido a uma doença pulmonar, Dolly conseguiu viver por apenas seis anos, uma ovelha normal consegue viver por mais ou menos doze anos. Além dessa clonagem animal, existem diversos outros exemplos, principalmente no meio agrário, conhecidos como alimentos transgênicos[14], são produtos geneticamente modificados em laboratórios nos quais alteram o DNA original do alimento. A partir de uma matéria-prima (alimento), cria-se um novo código genético para satisfazer o produtor rural. Deste modo desenvolvem-se novos produtos que condizem com o mercado alimentício, e vários desses alimentos são consumidos por uma grande quantidade de pessoas que não sabem que este produto foi geneticamente modificado, um exemplo disso é a soja e o milho, um dos principais produtos da agricultura brasileira.

Segundo o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor[15], os alimentos transgênicos devem ser evitados, pois causam risco à saúde e até ao meio ambiente. Se essa miscigenação entre plantas, alimentos, é vista como negativa, pois seu nível de toxina por conta dos agrotóxicos e da mudança genética pode causar riscos para a saúde, então isso também nos remete a toda a situação do livro de Butler, e se essa hibridização não for tão positiva, como os Oankali divulgam? Talvez eles estivessem escondendo algo dos humanos. Esses exemplos da clonagem animais e alimentícios nos fazem pensar sobre este ser hibridizado que os Oankali estão planejando fazer. Será que, como a ovelha Dolly, algo pode dar errado e toda uma raça pode falecer mais cedo?

Os humanos nesse cenário podem ser vistos como os alimentos transgênicos, são a matéria-prima dos Oankali, e o pessoal da engenharia genética que está acostumado a alterar os alimentos são os oolois, que são os responsáveis por toda a hibridização de sua espécie.

Lilith continua sua mentalidade de negação à hibridização, até pela maneira como os Oankali lidam com ela, como se ela fosse um animal de laboratório, “Ela estava destinada a viver e a se reproduzir [...]. Animal de laboratório, progenitora de animais domésticos? Ou de

---

13 JOSÉ, C. 20 anos da ovelha Dolly: por que os clones morrem jovens? **El país**, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/21/ciencia/1487674345_626879.html. Acesso em: 27 jun. 2021.

14 Saiba o que são os alimentos transgênicos e quais os seus riscos. **IDEC**, 2011. Disponível em: https://idec.org.br/consultas/dicas-e-direitos/saiba-o-que-sao-os-alimentos-transgenicos-e-quais-os-seus-riscos. Acesso em: 27 jun. 2021.

15 Saiba o que são os alimentos transgênicos e quais os seus riscos. **IDEC**, 2011. Disponível em: https://idec.org.br/consultas/dicas-e-direitos/saiba-o-que-sao-os-alimentos-transgenicos-e-quais-os-seus-riscos. Acesso em: 27 jun. 2021.

animais... animais quase extintos, parte de um programa de reprodução em cativeiro?" (BUTLER, 2018, p. 84).

Existe um imenso desconforto nesta relação de obrigatoriedade de miscigenação. A protagonista se sente como um objeto, uma ferramenta que os alienígenas vão utilizar para conseguir o que tanto almejam: a hibridização Oankali humana.

Mas fica evidente que o percurso que os Oankali fazem para chegar a este objetivo principal agride os ideais humanos, por isso o ódio, a repulsa que alguns indivíduos sentem por estes seres de outro planeta. A realidade é que não existe opção, os seres humanos estão em péssima condição para negociar com os Oankali, a Terra está destruída, a raça humana quase extinta e os que sobraram se encontram na nave do extraterreste. Por mais que os Oankali digam que os humanos têm a opção de escolha de continuar na nave, de voltar para a Terra, a escolha dos humanos sempre estará rodeada do monstro, daquele que está a todo o momento estudando-o e com o desejo de alterar seus genes. Se o humano desperto for um ser com mentalidade eugenista, com pensamentos de uma pureza racial, então este momento de captura e reprodução é um verdadeiro terror aos ideais racistas desta pessoa.

No fim, esta dificuldade de aceitar a miscigenação é a uma dificuldade de o próprio ser humano de encarar o outro, de enxergar as diversas vidas, por isso vários grupos sociais estão à margem da sociedade, passando por momentos de verdadeiro terror por estarem simplesmente vivos.

Tal circunstância nos leva a debater sobre relações raciais, um tema bastante complexo e que envolve imensas culturas, etnias, regiões do globo terrestre. Este assunto também engloba o colorismo[16] que é a discriminação a determina cor de pele, principalmente a pele negra. Cor de pele é algo que está relacionado aos nossos antepassados e à história e multicultura da sociedade. Tudo isto está relacionado à miscigenação, à hibridização que a raça humana até hoje realiza.

Somos divididos entre ocidente, oriente e seis continentes, América, Europa, Antártida, Oceania, África e Ásia, países que foram colonizadores ou colonizados, que sofreram e alguns ainda sofrem com guerras. Durante esses períodos de invasão, descoberta, existe, muitas vezes, de forma forçada, a troca de genes e formação de um ser biracial. Este ser, assim como o híbrido que os Oankali planejam fazer, são seres que combinam dois seres diferentes. No caso do livro são duas espécies, uma extraterrestre e a outra é a raça humana,

[16] Você sabe o que é Colorismo? **Politize!**, 2019. Disponível em: https://www.politize.com.br/colorismo/?https://www.politize.com.br/&gclid=EAIaIQobChMI3aPX-8258QIVEgqRCh0PSARoEAAYAiAAEgJksvD_BwE. Acesso em: 27 jun. 2021.

mas saindo da ficção; nas nossas relações sociais a distinção ocorre por causa da cor de pele, língua, etnia, região.

Tal situação nos remete à citação que colocamos de Néstor Canclini (2011) no início da dissertação, na qual ele fala sobre os processos socioculturais que resultaram na hibridização social e cultural dos habitantes da Terra. Canclini (1998, p. 2) continua seu pensamento ao ponderar que a hibridação é "a quebra e a mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros". Ou seja, a mistura rompe todos os ideais de pureza, as categorias, e com ela surge uma nova norma que é constituída por outra vida distinta, com isso a cultura e sociedade se adaptam a essa nova circunstância, o que acaba ampliando as antigas categorias, mexendo na história, rompendo laços estagnados e criando outros mais modernos que condizem com a atual cultura social do local.

Pode-se imaginar que tal acontecimento também irá se desenvolver em **Ritos de Passagens** e **Imago**, as continuações de **Despertar**. A futura criança de Lilith se encontra nesta situação de criação e desenvolvimento sociocultural entre essas duas espécies completamente distintas uma da outra. Por ser uma vida completamente nova, miscigenada e única, a criança talvez encontre dificuldade em entender essas duas raças e seus distintos mundos, neste momento encontra-se a dificuldade do ser multirracial. Eu sou mais humano ou sou mais Oankali? Como é viver sendo um misto desses dois? O hibridismo também está nessa categorização de novo lugar, de algo que será descoberto e entendido, e a futura criança de Lilith ocupa este lugar de possibilidades, de emaranhamento de culturas.

Este momento de desenvolvimento sociocultural faz com que a gente volte ao tema do colorismo. Ao lembrarmos que a cor de pele nos identifica como cidadãos que serão aceitos e julgados pela sociedade, que uma pessoa retinta pode ter mais dificuldade de achar trabalho que uma pessoa branca ou com uma tonalidade de pele mais próxima ao branco, nos faz refletir que a miscigenação não impede preconceitos, intolerância, desrespeito com o próximo e como no livro uma nova espécie é criada por meio da hibridização, nos faz pensar que essa espécie possa correr perigo de vida, assim como os negros sofreram e ainda sofrem retaliações e dificuldades constantes, o ser híbrido de **Despertar** talvez passe por momentos de intolerância, às vezes com sua própria nova espécie ou com os seres que o criaram, assim como vários humanos sentem aversão à ideia deste ser híbrido, o ser híbrido talvez também possa cultivar este mesmo sentimento sobre a humanidade.

De todo modo, podemos observar que nossa civilização, com o passar do tempo, originou uma mistura de raças, povos, cultura e mesmo assim vários preconceitos continuam vivos, mesmo após as espécies deixarem de serem “puras” e se hibridizarem.

Butler, em seu livro, debate esta situação na qual a hibridização se mostra como uma forma de evolução das espécies, em que seus principais erros serão modificados para que um ser melhor ganhe vida. O híbrido, de Octavia Butler, é o melhor indivíduo dentre as espécies reprodutoras (Oankali e humanos), ou seja, a autora expõe que a miscigenação é o caminho para seres vivos melhores, mais evoluídos física e intelectualmente. A intenção dos Oankali é simples:

> “Vamos regular seus problemas hierárquicos e vocês vão reduzir nossas limitações físicas. Nossas crianças não vão se destruir em uma guerra e se elas precisarem desenvolver novamente um membro ou alterar a si mesmas de alguma outra maneira, serão capazes de fazê-lo. E haverá outras vantagens.” (BUTLER, 2018, p. 336-337).

Esses híbridos serão responsáveis pela nova Terra, em reabitá-la, governá-la, cultivar alimentos, tecnologias, descobrir sua geografia, ciência e, principalmente, a construção de uma nova sociedade. Os híbridos de Butler se diferenciam da humanidade, principalmente por isso, eles serão capazes de começar do zero e reescrever a história do planeta Terra, vão criar leis, cidades e as duas espécies que os criaram serão apenas um passado longínquo na memória desses seres.

Nós, seres humanos, somos a todo o momento atormentados pelo passado, pois as atitudes dos nossos antepassados ainda refletem na sociedade dos dias de hoje. A hibridização de Butler nos faz pensar sobre esse recomeçar e se as espécies evoluídas terão menos problemas socioculturais, geopolíticos, se ainda existirão guerras, preconceitos, desigualdade, Octavia nos faz refletir como seria se a humanidade tivesse uma segunda chance quando nascesse com o conhecimento que temos hoje, pois é assim que a nova espécie dela irá se desenvolver, talvez nessas condições eles realmente sejam melhores que seus progenitores, talvez até evitem cometer os mesmos erros do passado. Butler cria um ser de imensas possibilidades e, no fim, o monstro é isso, uma imensidão de faces e probabilidades positivas e negativas.

Mas, afinal, quem são esses alienígenas da obra de Octavia E. Butler? De onde vieram? Qual a história deles? Para entendermos este extraterrestre é necessário compreender sua complexa essência que está ligada à sua capacidade de permuta e evolução. Podemos caracterizar esta raça extraterrestre como nômade e que se encontra em um eterno

desenvolvimento físico interno e externo, pois sua curiosidade e barganha lhe causam progresso contínuo. A história desse povo não é contada aos leitores, descobrimos que eles emigraram do próprio planeta e que desde essa emigração continuam conhecendo novos mundos, novas espécies e pesquisas. Eles estudam tudo aquilo que encontram. Possuem uma força e audição avançadas, memória eidética, sangue vermelho, pele fria, não comem carne, são incapazes de mentir (mas podem omitir informações), falam vários idiomas, conseguem respirar embaixo d'água, seus órgãos sensoriais podem ferroar, são seriamente atraídos por humanos e o mais importante: permutam a própria essência genética. Ou seja, eles sempre mudam e estão em um constante processo de evolução, esta é a principal condição de vida e característica deste extraterreste.

O interesse e fascínio dos Oankali com os humanos surgem por causa dessa impactante característica do extraterrestre.

A salvação do planeta e dos seres humanos têm como finalidade principal a possibilidade de uma nova permuta genética, desta vez com os terráqueos. Após 250 anos de investigação relacionados a um maior conhecimento da humanidade, o momento chegou de essa permuta acontecer, e Lilith foi a primeira humana a conceber este híbrido dos Oankali com humanos. Nikanj foi o responsável, o ooloi misturou o material genético de Lilith e Joseph e aproveitou para engravidar Ahajas, a companheira feminina da família ooloi. Ahajas também carregava em seu ventre a filha de Lilith e Joseph, Nikanj miscigenou a genética de Lilith, Joseph, Ahajas, Dichaan e seu próprio gene para que esta nova vida fosse criada. Cinco seres vivos foram manipulados geneticamente para a criação de dois seres hibridizados e únicos, os primeiros dessa nova espécie, ou seria da evolução de duas raças? Vamos responder essa pergunta nas próximas páginas.

Por causa desta imensa mescla genética recorrente na raça Oankali, é possível dizer que este ser extraterrestre é composto por múltiplas espécies, se tornando assim uma multiespécie sempre em evolução e que a humanidade vai se transformar nessa multiespécie em decorrência da hibridização humana/Oankali.

A intenção dos Oankali com a miscigenação é o melhoramento de ambas as espécie, mas é perceptível que toda a situação que os extraterrestres criaram com os seres humanos gera mais vantagens para eles do que para a humanidade. O motivo disso é que os Oankali escolheram a raça humana, já que os humanos não tiveram escolha ou aviso prévio do que iria acontecer com sua espécie. Receberam a notícia de hibridização e poderiam reagir de duas maneiras: continuar vivendo na nave com aqueles seres que não conhecia ou voltar para a

Terra e reabitá-la com uma nova vida, um ser fruto da miscigenação de duas espécies completamente diferentes.

Um dos pontos interessantes da obra de Octavia E. Butler é o fato dos alienígenas sempre mencionarem a hierarquia humana como uma falha autodestruitiva. Mas é possível perceber com a leitura do livro que a construção social Oankali também é institucionalizada por meio de uma hierarquia, sendo os ooloi os seres no topo da pirâmide, já que são os responsáveis pelo estudo, hibridização, conhecimento de outras espécies. Conhecidos pela necessidade de permuta, isso especifica que sem o ooloi a permuta dificilmente ocorreria colocando este ser no mais alto nível da sociedade Oankali. A hierarquia desta espécie está relacionada ao ooloi e suas capacidades intelectuais e físicas.

4.4 Identidade e gênero

Os Oankalis são compostos por três gêneros: masculino, feminino e ooloi. O ooloi não é masculino e também não é feminino, é neutro. Este ser extraordinário atua na vida sexual dos seres masculinos e femininos; são os oolois que alteram a genética, biologia, de outros seres, eles estudam novas espécies de vida e após uma intensa pesquisa e experimentos eles conseguem modificar outro ser vivo para o beneficio dos Oankali. Os oolois também são responsáveis pela reprodução da espécie Oankali, são eles que arquitetam os genes que serão aproveitados para uma nova vida. As fêmeas carregam em seu ventre o resultado de uma conexão entre uma espécie masculina, feminina e ooloi. A família Oankali é formada por esses três seres: masculino, feminino e ooloi, juntos eles ampliam sua genealogia com uma criança Oankali que pode vir a ter um dos três gêneros citados acima.

Algo bastante interessante no livro é a definição da palavra ooloi: “Uma tradução da palavra ooloi era “ente querido estrangeiro”” (BUTLER, 2018, p. 146). É bastante forte nomear um membro da sua família, da sua espécie de estrangeiro, isso expõe um inédito estranhamento entre a própria espécie Oankali. Repercutindo assim que sempre vai existir o exótico, o forasteiro, o diferente em uma raça.

O gênero neutro dos oolois nos faz recordar um assunto polêmico e complexo da sociedade atual que é a identidade de gênero. O tema se refere à identificação de pessoas a variados gêneros que podem ser associados a um indivíduo que nasceu ou não naquele gênero. Se a pessoa se identifica com algo, ela é aquilo independentemente da aparência física e órgãos sexuais presentes naquele ser. É preciso compreender e reavaliar a conduta diante dessas pessoas, evitar ser desrespeitoso, ignorante e opressor. Felizmente o ser humano

evoluiu ao ponto de conseguir possibilitar que as pessoas se identifiquem e vivam da maneira que quiserem. Logicamente nem todos os países, leis e pessoas do mundo apoiam ou compreendem a luta dessas pessoas, existindo assim uma forte repressão, morte, violência e marginalização para com esses indivíduos.

Entende-se que cisgeneridade[17] são pessoas que nasceram homens e mulheres e que se identificam desde sua nascença como homens e mulheres, mas é preciso compreender que algumas pessoas nascem homens e se identificam como mulheres, existem mulheres que, com o passar dos anos, começam a se enxergar no gênero masculino e que alguns seres não se identificam como masculino ou feminino. Por isso existe o gênero não-binário[18], que conglomera diversas identidades que não são categorizadas apenas como homem ou mulher (gênero binário).

Para algumas pessoas é impossível compreender que existem indivíduos que não são cisgêneros, que milhares de vidas no passado e no presente foram e são oprimidas constantemente por estereótipos feitos há séculos por homens brancos e que até hoje refletem e contaminam a mentalidade e modo de viver da raça humana.

A repressão às pessoas transexuais, não-binárias, de gênero fluido, intersexuais que não se encontram na cisnormatividade de gênero, é uma realidade cada vez mais constante na sociedade.

Segundo a Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), o número de assassinatos no primeiro quadrimestre de 2020 aumentou 48% em comparação aos anos anteriores. É importante ressaltar que o ano de 2020 é um ano diferenciado devido à pandemia causada pela Covid-19 e à necessidade da quarentena. Mesmo assim, com todos esses fatores, podemos observar que o assassinato de pessoas que não se identificam com seu gênero de nascimento aumentou. Este dado é espantoso e alarmante, exemplifica o quão preconceituosa e assassina é a sociedade com os seres humanos que não estão catalogadas como cisgênero.

Junho é conhecido por ser o mês do orgulho LGBTQIA+, contudo, em junho de 2021, um lamentável ato de violência assustou diversas pessoas e deixou um alerta. Um adolescente em Recife ateou fogo[19] em uma mulher trans, 40% de seu corpo foi queimado. Este acontecimento explana a triste realidade e do medo da comunidade LGBTQIA+, pois são

[17] Cisgênero. Endici, 2014. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=80. Acesso em: 27 jun. 2021.

[18] Os brasileiros não-binários que lutam pelo reconhecimento do gênero neutro: 'Não me considero homem, nem mulher'. **BBC**, 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47675093. Acesso em: 27 jun. 2021.

[19] Morre mulher trans que teve 40% do corpo queimado por adolescente no Centro do Recife. **G1**, 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/07/09/morre-a-mulher-trans-que-teve-40percent-do-corpo-queimado-por-adolescente-no-centro-do-recife.ghtml. Acesso em: 11 jul. 2021.

vitimas do ódio, discriminação, intolerância da nossa sociedade. Essas ações de violência e aversão expõem a dificuldade que esse grupo tem ao ser ele mesmo quando se encontra em um coletivo disposto a matá-lo e queimá-lo. É um acontecimento perturbador que nos faz lembrar da caça às bruxas. Estamos no século XXI e ainda existem pessoas dispostas a incendiar outras por simplesmente não conseguirem respeitar a vida de outro individuo, tais ações não são apenas anti-LGBTQIA+, são acima de tudo anti-vida. Todas as vidas devem ser respeitadas e existem leis e até a Declaração Universal dos Direitos Humanos[20] que garantem a liberdade e igualdade dos seres humanos. Esses atos violentos são um crime de ódio a uma comunidade que continua batalhando diariamente para conseguir prosperar e ser feliz em um lugar que as maltrata. Para muitas pessoas homofóbicas e extremamente preconceituosas os LGBTQIA+ são os monstros da nossa sociedade.

O crescimento de homicídios das minorias sociais, durante a pandemia, é um dado bastante preocupante, alarmante, que revela de forma transparente os problemas sociais brasileiros.

Segundo informações da *Revista Piauí,* além do aumento nas mortes dos transexuais, existiu um crescente no número de assassinatos de negros e mulheres em 2020. O isolamento social e a reclusão de pessoas em suas próprias moradias, de forma utópica, significava que homicídios, bem como a violência, no geral, poderiam ser declinantes neste ano, porém a realidade expõe que o feminicídio, racismo, LGBTfobia da sociedade foi ainda mais exposta durante esta pandemia.

É preciso ressaltar que racismo, LGBTfobia e feminicídio são crimes que continuamente têm altos registros no Brasil, sujeitos à aplicação de multa e cadeia para determinados caso. Certa parte da população se encontra tão ignorante aos seus ideais que ultrapassa os limites da lei; com suas ações criminosas, individualistas e preconceituosas, colocam em constante risco a vida de indivíduos que apenas buscam viver mais um dia. Estes dados, ainda que tomados em referência ao Brasil, se alinham à discussão proposta por Octavia E. Butler, enquanto mulher e negra.

Exporemos algo que se encontra na obra de Butler sobre a heteronormatividade e homofobia, temas abordados anteriormente. Todos os despertos no livro **Despertar** deveriam fazer par com outra pessoa, o casal deveria ser hétero, não existia outra opção. Fica explícito que homens e mulheres deveriam ter um relacionamento, mesmo que ambos não tivessem sentimentos ou interesse amoroso para com o outro. Os indivíduos eram formados com a

[20] UNICEF. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos. Acesso em: 28 jun. 2021.

finalidade de reprodução, mais tardar, essas duplas vão ser responsáveis pela geração de uma nova vida.

Além desse fato, é possível identificar na leitura que alguns dos humanos têm comportamentos homofóbicos para com outros indivíduos. Um exemplo é Joseph, parceiro de Lilith, ser chamado de "viadinho", comentário feito tipicamente com o intuito de tentar ofender ou desmoralizar outro ser humano e sua orientação sexual. As falas em relação a Joseph não são apenas homofóbicas, são também xenofóbicas, pois criticam o formato dos olhos dele, Joseph é de Hong Kong, nesta ocasião é exposta a xenofobia com asiáticos e com os possíveis LGBTQIA+ presentes na nave.

O livro também nos faz refletir até sobre a construção social de gêneros, o que seria o feminino e o masculino? O senso comum identifica a mulher e o homem que são biologicamente nascidos desta forma como um ser feminino e masculino, tendo em vista a mulher representada pela cor rosa e o homem representado pela cor azul. Contudo, o livro nos apresenta um indivíduo neutro que não se encontra nessas duas definições e que está categorizado de outra forma. Inclusive, em determinado trecho do livro, Butler retrata um padrão social constituído pelas relações de poder dos gêneros no meio sociocultural: "Eu acreditava que, pelo modo como a genética humana se manifestava culturalmente, um humano do sexo masculino deveria ser escolhido para criar o primeiro grupo." (BUTLER, 2018, p. 154). Esta fala de Kahguyaht evidencia a forte característica patriarcal de nossa sociedade, que os homens supostamente foram educados para liderar, enquanto as mulheres exercem papeis menores na sociedade. Também no livro o feminino e masculino têm que cumprir o papel de casal reprodutor; não existe nenhum desenvolvimento dos homens ou mulheres em **Despertar**, além desta visão deles como animais de laboratórios que precisam reproduzir um ser hibridizado.

Percebe-se, então, uma forte construção heteronormativa e de gêneros que ocorre durante os despertares. Esta situação se continuada no futuro pode acarretar uma grande problemática para esta nova geração de seres Oankalis humanos, pois essa construção é uma forma de opressão. Ao limitar sua identidade e ações de gênero, os extraterrestres se assemelham à humanidade, mostrando assim que a evolução das espécies que eles pregam pode ser falha em diversos momentos e que pode existir um despotismo de pensamentos Oankali em relação aos humanos, assim, de maneira às vezes invisível, eles podem estar impondo valores, condições de vida que passam despercebidos pelos humanos.

4.6 Uma nova vida

Por conseguinte, vamos continuar a análise de **Despertar** e responder à pergunta de algumas páginas atrás, o cruzamento genético dos Oankali com humanos é uma nova espécie ou a evolução de ambas as espécies? Se formos refletir, na história humana a hibridização de dois seres distintos pode ser caracterizada e rotulada como uma nova espécie. Minotauro é a mistura de um homem e um touro; a sereia é a junção de mulher e peixe; centauros são metade homem e metade cavalo, dentre outros. Porém, os exemplos anteriores são baseados em seres mitológicos.

Em se tratando da espécie humana, conhecida pela evolução, desde o homem de Neandertal ao Homo sapiens, é difícil enquadrar e fazer comparações dos modelos e especificações mitológicas no mesmo parâmetro da realidade histórica, pois as espécies passadas fazem parte de nossa evolução, embora sejam vistas como uma espécie diferente ela faz parte de uma história contínua que permeia até as vidas encontradas hoje. Portanto, a hibridização proposta por Butler em **Despertar** nos faz refletir sobre o conceito de evolução e novas espécies. Algumas pessoas podem dizer que a hibridização é uma evolução e outras pessoas podem dizer que é a criação de uma nova vida, podemos notar esta mentalidade no próprio livro, os Oankali acreditam na evolução, enquanto os humanos pensam que o fruto das duas espécies será um monstro.

A miscigenação Oankali humana é diferente da evolução conhecida pela história, não é um desenvolvimento natural da espécie que foi se adaptando e se alterando com o passar dos anos. O que os Oankali propõem e impõem é uma hibridização de seres para beneficiar ambas as espécies, assim, os pontos negativos, os males da humanidade e dos Oankali seriam melhorados para que a nova raça seja uma versão superior dos seus progenitores. Neste contexto é importante perceber que as duas espécies estão iniciando um tipo de autodestruição da atual espécie, já que, com o passar dos anos, os genitores irão se extinguir e a vida hibridizada que foi gerada se tornará o futuro e único traço da extinta espécie. A atual espécie gera a vida daqueles que indiretamente vão causar a morte e extinção dos atuais humanos e Oankali.

Diante desta circunstância, as mulheres humanas podem ser vistas como simples ratas de laboratório, obrigadas a gerar um novo ser, pois estão presas a toda esta situação e são as que mais sofrem, já que serão as mães dessas criaturas não puras. Elas são os seres mais importantes para os Oankalis, uma vez que são as responsáveis por carregar esta raça miscigenada.

4.7 Imperialismo

A situação abordada nos parágrafos acima nos lembra do imperialismo e de como podemos analisar esta obra de Butler com um olhar que nos remete aos tempos passados e até mesmo ao presente da humanidade.

O Outro, na obra de Butler, pode ser três indivíduos: os humanos, os Oankali e a nova espécie miscigenada. A alteridade ocorre nesta relação de poder que os humanos e os alienígenas se encontram. Relação de poder desigual, pois a supremacia é dos Oankali que possuem os humanos em uma espaçonave, a grande maioria dos humanos se encontra em estado de hibernação e, ao acordar, vão descobrir que terão que gerar uma nova vida com um ser desconhecido. Por distintos pontos de vista os Oankali podem ser analisados como os salvadores e também como os exterminadores da raça humana, já que eles salvaram os terráqueos com uma finalidade bastante individualista e egoísta, deixando assim a espécie capturada em uma situação desfavorável de poder e opção de vida.

A alteridade está refletida em como se enxerga o Outro. No livro, a relação entre seres diferentes pode ser analisada de forma imperialista, da mesma forma que antigamente países europeus exerciam influência e poder em outros países menos favorecidos economicamente. Na obra de Butler os Oankali podem ser vistos como os colonizadores que tentam controlar a história da humanidade ao tentar reescrever um novo capítulo histórico com a hibridização das duas espécies.

No decorrer da história da humanidade nos deparamos com nações sendo destruídas, mortas, saqueadas, incendiadas, extintas. Países, vilas, comunidades que se acham superiores a outra sociedade e que lutaram para que aquela diferente fosse dizimada. Como percebemos nos capítulos anteriores, a Antiguidade está repleta de momentos de batalha entre os "civilizados" e os "bárbaros".

A Idade Média é conhecida pelas Cruzadas e a luta entre "puros" e "impuros", já na Idade Moderna, encontram-se novos povos, novas regiões por meio das navegações, e os navegantes são os desconhecidos que impõem seu conhecimento, cultura e poder sobre os nativos.

Durante este período histórico das navegações e novas descobertas, a América foi colonizada por europeus (Espanha, Portugal e Reino Unido são os principais colonizadores do continente americano), o império britânico se expandiu por todo o globo, principalmente em alguns países da África, Ásia, Oceania. Decerto, o imperialismo europeu continuou por diversos anos, nota-se que no Contemporâneo ele pode ser identificado por meio da ascensão

nazista e fascista pela Europa ao comando de Hitler, também com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) que tinha a Rússia como país representativo dessa junção de países e, por último, podemos citar os Estados Unidos que atualmente são o país mais imperialista, seja com sua cultura super projetada, em decorrência do poder midiático hollywoodiano, ou de suas conquistas econômicas e até mesmo armadas. O país localizado na América do Norte é visto como o lugar quase perfeito aos olhos de outros habitantes do mundo.

O desenvolvimento econômico dos Estados Unidos causou uma ruptura do poder europeu e do próprio eurocentrismo no mundo, o foco parou de ser a Europa e começou a ser os Estados Unidos da América com seu sonho americano de esperança, prosperidade e liberdade.

Recorremos ao passado para tentar relembrar e associar tais acontecimentos históricos à obra **Despertar**. Os alienígenas do livro não são diferentes dos europeus que se identificavam como seres bons, cheios de conhecimento, tecnologia, superiores aos seres nativos da região ou aos norte-americanos que sabem conquistar e popularizar seus ideais em outros continentes.

Podemos notar o imperialismo dos Oankali em diversos momentos do livro. O principal exemplo é a tentativa de opressão e mudança ao sistema humano, os alienígenas abominam a hierarquia dos terráqueos. Quando Lilith pede um caderno para escrever suas ideias, aprendizados, memórias, os Oankali rejeitam o pedido dela e alteram a química cerebral da protagonista com a finalidade de seu cérebro lembrar todos os acontecimentos do passado e presente, eles preferem mudar a genética de Lilith a ter que entregar papeis, lápis e ela voltar a recorrer aos métodos antigos dos humanos. Tal atitude é um tipo de apagamento cultural, estão tirando dela um padrão social que ela conheceu durante sua vida na Terra e impondo outro no qual ela não precisa mais de objetos para demarcar sua memória.

Lilith também descobre que os alienígenas destruíram ruínas da Terra, deixando a humanidade sem memória, e fica evidente que a intenção desses seres de outro planeta é fingir que a Terra não é a mesma que encontraram, que tanto a humanidade quanto a Terra não deveriam ter passado, ter história, e deveriam começar do zero, querem aparentar que o planeta é virgem de nativos.

“E vocês acham que destruir o que restou de nossas culturas nos fará melhores?” (BUTLER, 2018, p. 50) A resposta do Oankali é “Não. Apenas diferentes.” (BUTLER, 2018, p. 50). Este dialogo nos lembra muito do passado brasileiro e de todos os outros países que foram colonizados. A destruição da cultura e implantação forçada da cultura do colonizador.

Lilith neste momento nos remete aos seus antepassados africanos que sofreram horrores ao serem transportados da África para se tornarem escravos em outra região totalmente distinta da sua, com outra língua, clima, cultura.

Este apagamento de memória e reconstrução de outra expõe a opressão dos Oankali e falta de consideração com os humanos ao destruírem qualquer vestígio do que aconteceu na Terra. Este tipo de comportamento exibe o nível de poder dos alienígenas, sua intenção de editar a história da humanidade e de derrubar qualquer contratempo que surja durante este caminho de conquista de outra espécie.

Além de originar e colocar um grande holofote na questão do opressor e oprimido, os colonizadores também são responsáveis pela miscigenação de diversos povos. Os navegantes chegavam a outras Terras, e a raça nativa daquele lugar começa a adquirir novas características físicas, pois o colonizador copula com o colonizado.

A relação sexual neste contexto colonial é bastante problemática, pois várias crianças nasceram de mães que foram estupradas por algum europeu. O estupro era algo que ocorria nessas situações de conquistas de região, os homens ficavam bastante tempo nos locais e sentiam necessidades sexuais e vários estupravam as pessoas nativas. Essa falta de consentimento no sexo também ocorre em **Despertar**. Nikanj aparece diante de Lilith e seu parceiro sexual, neste momento Joseph, ainda está assustado com a presença do extraterrestre. Oooloi tenta seduzi-lo, entretanto o parceiro de Lilith recua, mas mesmo após a recusa de Joseph, Nikanj se conecta com os dois humanos ao mesmo tempo, disponibilizando em ambos sensações desconhecidas do que a humanidade conhece. Logo, Joseph acorda sem entender o que aconteceu e fica evidente para o leitor o não consentimento da relação que tiveram. O ooloi aproveitou o sono do parceiro de Lilith para disponibilizar aos três um momento íntimo, porém esta conexão ooloi/humana só ocorreu devido à insistência do Oankali e à sua negação ao ouvir as palavras proferidas por Joseph. Em outro momento, o ooloi diz que o parceiro de Lilith verbaliza não e as reações de seu corpo dizem sim e por isso se aproximou dele. O extraterreste não respeitou o momento de Joseph, as palavras dele, o ooloi não aguentou ser recusado e estuprou o homem, este só foi perceber depois que despertou, já que a relação sexual aconteceu enquanto ele dormia.

Continuando o tema imperialismo, a história da humanidade muda para sempre com o surgimento desses seres miscigenados, asiáticos com europeus, africanos e holandeses, espanhóis e indígenas etc. A grande maioria da população brasileira é constituída por descendentes de indígenas, portugueses e africanos. A mistura desses povos é o Brasil. Desde a invasão portuguesa, com toda sua tirania, perseguição, matança contra indígenas e africanos,

a população brasileira vem sendo originada e discriminada, massacrada racialmente, pois os vestígios da nossa história ainda refletem os dias de hoje. Negros e indígenas continuam sendo perseguidos, sofrendo constantes discriminações. Leis já foram aprovadas condenando atos de racismo, porém a mentalidade que Portugal disseminou no Brasil de 1500, sobre uma raça ser melhor que a outra, ainda percorre nos dias atuais. O que nos faz lembrar que ainda temos muito a evoluir como seres humanos; a cor de pele, cabelo, olhos de uma pessoa só representam que aquele outro indivíduo é humano como qualquer outro, como você, eu e as pessoas que conhecemos.

A procura de uma raça superior, melhorada, é algo que os Oankali buscam e a obra de Butler está tão entrelaçada à nossa sociedade, que o pensamento dos extraterrestres é algo que encontramos na história da humanidade. O caso mais nítido é o nazismo propagado por Hitler. A raça superior eram os alemães, existia uma eugenia alemã e ela deveria ser mantida e expandida. Os seres inferiores tinham que morrer ou serem exilados. Durante este período também sabemos que vários médicos alemães faziam experimentos macabros nesses indivíduos marginalizados com a finalidade de investigar as possibilidades do corpo humano, essas experiências também podem ser nomeadas de tortura devido às terríveis situações que estas pessoas passaram. Novamente podemos ligar estes fatos históricos com **Despertar**, os Oankali ficaram estudando e fazendo testes nos humanos por 250 anos!

Esta purificação racial e social que a Alemanha tentou fazer na Segunda Guerra Mundial também pode ser vista em outros países, inclusive no Brasil, podemos localizar um darwinismo social em diversos períodos históricos, em sua colonização, urbanização. O darwinismo social surge das ideias de Darwin sobre a seleção natural das espécies, na qual os mais aptos vão sobreviver e se readaptar ao tempo e ambiente. Utilizar as ideias de Darwin na sociedade acarreta um grande problema, pois tal mentalidade impõe que alguns humanos são mais valiosos que outros, ou seja, pode surgir uma hierarquia de classes na qual a classe favorecida poderia querer eliminar os humanos desfavorecidos.

Como vimos nos capítulos anteriores, esta visão de espécie superior e inferior é algo que vem sendo disseminado desde os tempos antigos. A história da humanidade é repleta de momentos da elite se aproveitando e se alimentando das situações miseráveis dos pobres. Hoje o darwinismo social ocorre de forma camuflada e ela é hierárquica devido ao capitalismo, quem tem dinheiro tem poder. Até hoje podemos notar que longe dos centros urbanos são criadas áreas específicas para determinadas classes sociais morarem para que exista a clara visão de bairros nobres e bairros considerados perigosos, desvalorizados.

Desde Darwin acredita-se na evolução das espécie. O ser humano busca evoluir mentalmente, tecnologicamente, fisicamente, a cada ano, a alteração de sua espécie é real no momento em que a ciência descobre novos meios de prolongar nossa vida, colocam ferros, alumínios, plásticos, diversas drogas em nossos organismos para sobrevivermos a mais um dia na Terra.

De acordo com Bosanello (1996), a luta pela existência e o darwinismo social está relacionado ao capitalismo e a ideais racistas, a autora ainda diz que:

> A genética considerou que a definição e a hierarquização das raças se baseavam em caracteres aparentes (cor da pele, textura do cabelo, forma do crânio). A psicologia e neurologia buscaram comparar o rendimento intelectual (testes de QI e aptidões) dos indivíduos ao dos grupos e a análise das diferenças logo se transformou em estudo das relações de superioridade e inferioridade. (p.154, 1996).

Os inferiores rotulados por pesquisadores deveriam desaparecer com o tempo. Ser rebaixado como humano e estereotipado por uma sociedade é algo que só um monstro pode entender. O Outro é construído neste momento, nestas situações de opressão, minorias, na qual definem um padrão social e renegam diversas pessoas. Estes seres humanos lutam por sua existência mais do que qualquer outro, já que são marginalizados e excluídos do coletivo.

A coletividade acaba com a individualidade e destroça o monstro. O monstro é mais do que o diferente, ele é especial em sua própria natureza. A segregação de raças formadas por indivíduos e suas características biológicas é algo que a humanidade, por diversos anos, tentou e não conseguiu, mas os marcos desse acontecimento ainda são visíveis no mundo de hoje. A quantidade de ódio despejado em imigrantes, refugiados, mestiços, negros, judeus, asiáticos é uma triste realidade contemporânea deixada pelos nossos antepassados e propagada até os dias atuais.

Essa obsessão pela raça perfeita é o que os Oankali buscam com suas hibridizações com inúmeras raças: evoluir para ser uma espécie superior, melhor do que a geração passada. O darwinismo social encontrado em **Despertar** é o silenciamento dos humanos e futuramente de toda a espécie humana. Se o mais apto deve sobreviver então o híbrido ooloi/humano deve ser aquele que deve viver para contar a história de sua genealogia; os humanos vão perecer, pois não são aptos a sobreviver nas condições que os Oankali criaram. É nítida a eugenia presente no livro no momento em que descobrimos que os alienígenas alteraram a química humana para que a espécie ficasse infértil às relações sexuais humanas. A mulher só pode

engravidar se um Oankali autorizar a gravidez, a criança não pode ser humana, ela deve ser miscigenada.

Nesta circunstância na qual o corpo humano pertence à outra espécie como um útero reprodutor, um nível de poder, opressão e terror é exposto ao leitor. Os humanos são reféns das experiências e ideais dos extraterrestres. Os homens podem buscar meios de resistir aos seus captores, mas tal resistência é limitada e tem pouca duração, pois os despertos se encontram no território do seu captor, não têm como fugir da espaçonave, não têm como negar o toque dos Oankali, a negação significa que você ficará para sempre na nave e que não voltará para a Terra, lugar onde existe esperança para uma fuga.

A armadilha Oankali com os seres humanos foi tamanha que, logo após a relação íntima entre os três indivíduos reprodutores (homem/mulher/ooloi), os alienígenas fazem com que seu toque seja viciante e que uma possível relação sexual entre humanos seja descartada ao despertar sensações de nojo ao mero contato do casal humano, construindo assim uma repulsa entre os parceiros humanos que só vão aceitar serem tocados intimamente quando estejam junto de seu companheiro ooloi.

Neste cenário é perceptível a relação tóxica que ocorre entre os casais. O ooloi constrói um vínculo com os casais baseado nas percepções genéticas de cada um, o que os Oankali causam é uma sensação entorpecente que pode ser comparada a drogas. Manipulados biologicamente, os humanos se encontram presos a esta relação que desgostam, mas que não têm condições de saírem.

Segundo Homi Bahbah (1992, p.185), “A cooptação das elites tradicionais na administração colonial é, pois, vista como modo de domesticar o instinto de vida ambicioso dos nativos.” Tal declaração pode ser ligada à obra **Despertar.** Desde o despertar de Lilith e de outros humanos, os Oankali os observam atentamente, dão a esses seres uma porcentagem mínima de liberdade e estão no controle do todo o resto. Administram as situações importantes para que os humanos não tenham ideias revolucionárias de guerra contra os Oankali.

Considerado um ser superior por seu físico e biologia, os Oankali têm grande vantagem sobre os humanos, mesmo quando alguns humanos se revoltam contra os oolois e tentam matá-los, a grande perda é a humana, apenas um ooloi faleceu na briga. Enquanto isso, os humanos perderam a batalha e têm consciência do corpo resistente de seu adversário. Três pessoas falecem na obra por lutarem contra os extraterrestres.

Os objetivos dos Oankali estão inseridos no discurso colonial: “construir o colonizado como população de tipo degenerado, tendo como base uma origem racial para

justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais.” (BAHBAH, 1992, p.185). A justificativa dos extraterrestres é a evolução de ambas as espécies, porém é evidente o jogo de poder que existe em toda essa situação de troca, apenas uma espécie tem voz, os humanos são apenas a ferramenta para eles continuarem com seu eterno plano de evolução.

Um dos efeitos do imperialismo é seu modo disciplinário de poder, no Brasil uma maneira de domar os nativos foi por meio da catequese; os portugueses perpetuavam a própria cultura, religião, educação, língua, com a ajuda de padres, missionários, catequistas. Em **Despertar** a disciplina fica por conta dos oolois e as alterações químicas que eles fazem nos seres humanos, esta é a maneira que eles mostram seu poder e influência aos terráqueos, curando-os de doenças, tornando-os mais fortes, incapacitando a reprodução humana, diminuindo o sentimento de terror ao desconhecido. Todo toque ooloi/humano causa um vínculo maior entre os três seres, criando assim uma relação de codependência. Os oolois demarcam seu território ao escolher um casal de humanos, outro ooloi não consegue se conectar com aquele par. O toque ooloi origina um cheiro específico em seu parceiro e o ooloi ou humano que tentar mudar de companheiro não consegue, pois o próprio instinto rejeita qualquer outro toque, cria-se um forte sentimento de nojo de outro indivíduo. Depois que os oolois e humanos se conectam eles viram parceiros e submissos uns dos outros.

Como somos apegados às nossas raízes, a ideia de criar uma nova espécie é simplesmente absurda e uma traição à raça humana que já passou por tantas coisas negativas em sua história. Viemos dos macacos e, no livro, nossa evolução natural é interrompida por alienígenas que buscam uma evolução própria.

Algo também presente no livro de Butler é o capacitismo, a história do livro se desenvolve pela busca de uma raça superior, mais evoluída que os humanos e Oankali. Mas, neste cenário, cadeirantes, surdos, mudos, teriam espaço nessa nova sociedade terrena que os Oankali vão criar? Em **Despertar** não é possível encontrar qualquer citação a estas pessoas, e os extraterrestres sempre buscam curar os seres humanos de suas doenças, incapacidades genéticas.

O que será que aconteceu com as pessoas com dificuldade de locomoção, cegos? Será que eles foram resgatados? Tornaram-se objeto de pesquisa dos oolois? O livro não responde a essas perguntas, mas quando pensamos que a intenção os Oankali é o aperfeiçoamento de ambas as espécies, é difícil enxergar uma sociedade com algum ser considerado diferente quando os próprios oolois estão por trás da fertilização e criação genética do indivíduo que ganhará vida. Desta forma, fica evidente novamente a eugenia Oankali e que, se o Outro não lhe traz benefícios, este será menos apto para sobreviver.

4.8 Xenofobia e alteridade

A xenofobia do livro fica evidente em dois momentos, já antes comentados neste capítulo: quando Lilith encontra o Oankali cara a cara e quando alguns humanos não gostam dos olhos puxados de Joseph. É importante comentar como encontramos xenofobia em relação ao monstro e a um humano. O xenofobismo é algo presente na sociedade até os dias de hoje, principalmente com o aumento de refugiados, pessoas fugindo de seus países por medo de guerra, fome, pouca oportunidade de vida e emigrando para outros países em busca de melhorias de vida. Contudo, como o livro expõe, existem pessoas preconceituosas em relação a indivíduos de outra nacionalidade. A xenofobia direcionada ao monstro e ao humano exibe ainda mais os preconceitos humanos que são destinados ao corpo com características diferentes do seu, a pessoa que fala uma língua que você não compreende, ao sotaque de uma pessoa falando a língua que você compreende, a cor ou textura de cabelo de uma pessoa, a maneira como uma pessoa se veste, todo atributo humano está exposto para ser julgado e condenado.

Este julgamento ocorre em todos os âmbitos da vida, por exemplo, o esqueleto normal humano é bastante diferente do corpo físico Oankali. O ser humano é um ser visual, muitas vezes gostamos de algo ou julgamos algo por sua aparência. Alexa Wright (2013) diz que existe a crença de que o rosto de uma pessoa consegue revelar sua "verdadeira" personalidade e caráter, ou seja, a aparência monstruosa de um monstro pode ser vista também como sua própria personalidade. Existe um forte julgamento por meio da fisionomia, se os humanos já são rigorosamente julgados por serem magros, gordos, com nariz grande ou pequeno, loiro ou careca, alto ou baixo, o monstro sofre ainda mais por não estar interligado às categorias seletivas de uma comunidade humana.

Existem histórias até de circos[21] ou de casa dos horrores que eram formadas por pessoas que eram altas demais, ou baixas, mulheres com barbas, homens com grandes mãos, braços, pernas, ou qualquer outra peculiaridade, tal fato mostra como a diferença é vista como um produto, um horror, uma piada que deve gerar risos aos outros humanos "normais" e de como a aparência, o visual limita os seres humanos e sua forma de viver.

As pessoas que nasceram desiguais não têm opções e escolhas de vida semelhantes àqueles que se encontram no padrão físico aceito pela sociedade. Além de não serem

[21] As atrações humanas do "Circo dos Horrores". **Super Interessante**, 2014. Disponível em: https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/as-atracoes-humanas-do-8220-circo-dos-horrores-8221/https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/as-atracoes-humanas-do-8220-circo-dos-horrores-8221/. Acesso em: 10 maio 2021.

acolhidas pela comunidade, as pessoas extraordinárias se encontram neste difícil território de permanecer e não permanecer a um grupo, já que são humanos e não são aceitos por sua espécie. Vistos como monstros, estas pessoas têm que se desdobrar para sobreviver em um mundo que não valoriza sua vida.

É importante relatar que tal *monstruosização* do ser humano não ocorre apenas por causa da aparência. A medicina e a ciência colocaram na mentalidade do ser humano que o padrão normal da nossa espécie é possuir dois pés, duas mãos, vinte dedos, saber falar, ouvir, cheirar, enxergar, andar, ter paladar, ter um certo número de órgãos, etc. Qualquer pessoa que tenha algo a mais ou a menos é vista como um ser anormal. Para que os humanos tenham um corpo normal, a medicina progrediu, próteses, cirurgias, remédios, variados tratamentos científicos foram criados para facilitar, ampliar a vida humana.

De acordo com Mary Douglas (1996), a imagem do corpo humano é a representação do sistema de que participamos, é o perfil da sociedade. Devemos ser perfeitos iguais às estátuas gregas ou o *Homem Vitruviano*,de Leonardo da Vinci. Mas o pensamento de que existe um corpo ideal é algo bastante problemático, pois perpetua a ideia de que existem corpos inferiores. Por causa deste tipo de pensamento e das mídias sociais, digitais, impressas, propagandas, revistas, blogs, etc., existe um número alto de doenças psicológicas que afetam o físico por estarem relacionadas a esta busca pela imagem do corpo ideal. Ao menosprezarem aqueles que não se encaixam na estrutura considerada perfeita, cria-se uma busca não saudável para participar do padrão sonhado, com isso surgem vítimas de bulimia, anorexia, compulsão alimentar, seguidas de obesidade, vigorexia, fatorexia, dentre outras. Transtornos alimentares são até hoje assunto pouco comentados pela sociedade.

Essa busca por corpos perfeitos é o que torna os monstros tão intrigantes. Alexa Wright (2013, p.54), diz:

> Como um todo, o corpo do monstro é incompreensível. Traz elementos desconhecidos ou inadequados junto com componentes humanos reconhecidamente estranhos ou combinações impossíveis. Embora seja altamente significativa, a morfologia 'não natural' do monstro não faz sentido.[22] (tradução nossa).

Ou seja, o monstro e sua fisionomia rompem o imaginário dos corpos ideais e cria possibilidades e representações de novas vidas. De acordo com as palavras de Bahbah (1992, p.182) existe uma "oposição entre pureza e mistura que, por seu lado, constitui a versão da

[22] No original: As a whole, the body of the monster is incomprehensible. It brings unknown or inappropriate elements together with recognizably human components in strange or impossible combinations. Although it is highly significant, the 'unnatural' morphology of the monster makes no sense.

Lei e do desejo.” Ou seja, Bahbah neste momento concorda com a ideia de Jerome Cohen (2000) de que os monstros são uma espécie de desejo, que o diferente causa horror e atração. Como os humanos são seres visuais, que julgam ao primeiro olhar, os corpos monstruosos são os primeiros a causar terror e curiosidade porque esta morfologia “não natural” consegue ser original e tal fato chama bastante atenção.

Na obra de Butler é bastante divulgado pelos Oankali o fascínio que eles têm pela vida humana, que eles não entendem nossa espécie, mas ao mesmo tempo sentem uma poderosa atração pelos humanos e sua biologia.

Para finalizar, podemos dizer que a aparição do estrangeiro desigual e peculiar se transforma em algo familiar, aceitável, com o passar do tempo. Foi assim com os humanos e os Oankali e na relação de Lilith e Nikanj, o estranhamento virou algo comum. A repetição de uma rotina, acordar e se deparar com um ser cinza cheio de tentáculos se torna normal. O que causa a aceitação é exatamente essa repetição e falta de oportunidade de fugir daquele ambiente, é mais fácil entender a situação e se desconstruir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após algumas páginas de análise, voltamos a nossa pergunta principal: seria o monstro do livro **Despertar** a salvação ou o pesadelo da humanidade? Esta indagação ocorre devido à descoberta dos seres humanos em relação à hibridização. A dificuldade em aceitar a mistura das espécies pode ser considerada o pesadelo dos terráqueos.

Os alienígenas salvaram os humanos, mas, ao mesmo tempo, os condenaram à extinção. Ao socorrer as vidas na Terra, os Oankali fizeram com que os terráqueos escapassem do apocalipse e da aniquilação que os humanos sofreriam naquele planeta. Contudo, este rapto condenou a humanidade a outro tipo de apagamento, ao futuro fim da raça humana considerada pura. A hibridização entre as espécies é a razão pela qual surge a contestação sobre salvação/pesadelo da humanidade. Podemos notar que a salvação e pesadelo são uma circunstância da nova realidade que a humanidade está inserida, na qual, estar vivo significa se associar a um desconhecido, existindo assim um relacionamento desigual que podemos considerar de opressor e oprimido, as visões de ambas as espécies são diferentes sobre a miscigenação.

Assim, existindo essa dupla narrativa moral que evidencia as múltiplas faces do monstro e da humanidade, seus lados positivos e negativos, a pergunta da dissertação, acima de tudo, expõe como o monstro está entrelaçado com a nossa condição humana, e como a humanidade lida com o desconhecido. Descobrimos também que o mundo utópico que o monstro da obra almeja é impossível, pois esse emaranhado de pensamentos desiguais entre alienígenas e humanos quebra qualquer utopia social possível, e mostra uma relação entre a ficção e nossa realidade na qual pensamentos contrários, relações de poder, são comuns.

O livro **Despertar** (1987) de Octavia E. Butler traz questões extraordinárias, ao utilizar os alienígenas para refletir características da humanidade, mostrando suas intolerâncias, preconceitos, medos, tendência para a guerra, destruição e dificuldade de aceitar aquilo que é diferente. Percebe-se isso no livro quando Lilith, mesmo após passar meses ao lado de Nikanj, pensa o seguinte: “Ela olhou para Nikanj, sentindo, mais forte do que nunca, como eram diferentes entre si, como seu caráter alienígena era intransponível. Ela poderia passar horas conversando com Nikanj em sua língua e a comunicação fracassaria”. (BUTLER, 2018, p. 134). Este trecho do livro deixa evidente a distinta mentalidade entre as duas espécies, suas diferenças ultrapassavam o diálogo, o físico, seus distintos pensamentos que complicam o vínculo entre as raças. Contudo, é preciso dizer que, apesar das ideias dessemelhantes, Lilith e Nikanj se respeitam; os dois indivíduos nunca tentaram matar ou ferir

um ao outro, mostrando, assim, que é possível conviver com o diferente sem utilizar violência.

Butler ainda coloca uma mulher negra como protagonista, Lilith, o nome antes conhecido como um demônio feminino, atrelado a monstruosidades e mãe dos monstros. A autora utiliza este nome e a transforma na primeira humana a ser mãe de um híbrido Oankali humano, ou seja, a escritora reescreve a história mitológica de Lilith, pois sua Lilith também é a mãe de uma nova espécie, uma vida que por muitos é vista como monstruosa, já que é a junção genética de duas raças, "Mas isso não será humano [...] Será uma coisa. Um monstro." (BUTLER, 2018, p. 336).

Ser mulher já é ser uma minoria, ser uma mulher negra é adentrar ainda mais em um uma minoria. Ser mulher, negra e alterada geneticamente por alienígenas? Assim temos Lilith, em **Despertar**. Essa marginalização dos personagens é algo muito presente na obra de Butler. Os humanos são oprimidos pelos Oankalis e pelos próprios seres humanos na nave. Existe uma forte relação de domínio, de opressor e oprimido entre as espécies.

Os Oankali são conhecidos como uma multiespécie que sempre busca evolução e miscigenação de raças, esse fato nos faz analisar a vida humana. Uma fala que Tate discursa ao descobrir que Lilith estudava antropologia pode ser ligada aos Oankali e suas constantes evoluções: "Por que você queria bisbilhotar a cultura de outros povos? Não conseguia encontrar o que queria em sua própria cultura?" (BUTLER, 2018, p.179). Podemos conectar esta frase à condição de vida Oankali, pois eles não conseguem se contentar com apenas a existência única de sua raça, eles precisavam hibridizar, se juntar com outras espécies, por isso sua constante evolução física, cerebral, cultural, genética. O que eles tinham sempre era pouco, eles queriam mais conhecimento, mais possibilidades de vidas.

Esta busca por evolução e possibilidades de vida também ocorre na vida real por meio da ciência e até da literatura, pouco a pouco a humanidade desvenda mistérios e ganha respostas. Assim como os Oankalis, também somos seres miscigenados e até conseguimos mexer geneticamente em seres vivos. Mas esta situação da engenharia genética nos faz refletir sobre a bioética, os Oankali salvaram os humanos querendo algo em troca, algo que foi de certa forma imposta e Lilith ficou grávida sem seu consentimento. Nikanj a engravidou porque achou que ela já estava preparada para ser mãe. Não seria esse tipo de atitude antiética e altamente dominadora? A atitude do ooloi expõe que sua espécie está disposta a atravessar limites morais para conseguir evoluir.

A reconstrução e repopulação da Terra que os Oankali fizeram nos faz pensar sobre a história do Brasil, fomos redescobertos, redesenhados e reescritos pela visão dos portugueses,

por homens brancos que manipularam a história e a vida de incontáveis pessoas, animais e até hoje esse encontro causa várias cicatrizes nas populações marginalizadas do Brasil, principalmente aos indígenas e negros.

A tensão entre Oankalis e humanos é a própria tensão da humanidade em se reconhecer como um povo misto, "impuro". De um lado temos os extraterrestres que buscam a evolução, hibridização, e de outro temos os humanos que negam a mestiçagem e preferem a pureza humana. A pluralidade da obra se encontra nestas diferentes faces que são expostas, as duas espécies em todo o livro são cheias de imperfeições, existe uma má comunicação entre elas devido às ideias que são contrapostas. Essa batalha acontece até os últimos capítulos no qual existem mortes. Evidenciando, assim, que ideologias contrárias podem gerar guerras, destruição, extermínio.

O monstro de Butler é o que detém poder na história, é ele que resgata, estuda, cuida do ser humano e do planeta Terra, e o desenvolvimento da obra explana o conflito das relações de poder e troca entre as duas espécies. Ao implementarem a miscigenação das raças os Oankali buscam uma espécie utópica, mas esse ideal utópico dificilmente se realizará até pela própria mentalidade de negociantes de permuta dos extraterrestres, eles nunca estarão satisfeitos. Então, as relações de poder presente na história é algo constante na vida dos Oankalis, pois estes, ao alterarem a própria genética, precisam de outra espécie e sempre existirá conflito quando dois seres diferentes se encontrarem, como já foi dito anteriormente, o medo do desconhecido é um sentimento forte e bastante presente na sociedade.

Também é importante ressaltar que não existiu uma negociação entre as espécies. A miscigenação e alteração genética ocorreram sem um diálogo ou reunião entre Oankali e terráqueos. Neste contexto podemos identificar que o alienígena tem até uma falta de ética com relação à vida, bem-estar, biologia de outro ser vivo.

Existe um profundo contraste entre as duas raças. Esta relação desigual surge até da condição de minoria na qual a espécie humana se encontra após quase ser extinta em uma situação apocalíptica. Esta disparidade de poder detém os humanos de ações ainda mais problemáticas que possam causar mais mortes à pequena comunidade humana que se encontra na nave.

Este contato entre civilizações nos lembra de uma reflexão que Peter Burke (2003, p.77) faz no livro **Hibridismo cultural** (2003):

> A troca é uma consequência dos encontros; mas quais são as consequências da troca? Pode ser útil distinguir quatro estratégias: modelos ou cenários

> possíveis de reação a "importações" ou "invasões" culturais. Estas reações são aceitação, rejeição, segregação e adaptação.

Podemos notar essas reações no livro **Despertar** (1987), de Octavia Butler, principalmente a parte de rejeição, já que o primeiro encontro entre as espécies foi um momento de conflito, principalmente por suas distinções físicas. Outra reação que podemos observar é a adaptação. Os humanos e Lilith se adaptam àquela situação que lhes foi imposta, porém, durante a obra, é perceptível que nunca existiu uma aceitação quanto à realidade daquele momento. O plano dos humanos era que eles iriam aprender e se adaptar àquele período na nave para que, quando eles retornassem à Terra, pudessem fugir dos Oankali. Ou seja, a rejeição continuou forte, mesmo após meses de convivência e troca cultural.

Tal fato nos faz refletir sobre as diferenças, identidades, preconceitos, intolerâncias, segregação, xenofobia e sobre nosso contato e reação como sociedade, no presente e passado, com outros indivíduos. Este momento entre culturas expõe lados positivos e negativos da condição humana, pois ao mesmo tempo em que existe uma troca e aceitação cultural, também pode existir uma forte rejeição àquilo que é visto como diferente. Neste sentido, fazemos uma ligação ao monstro de **Despertar** (1987), que é o personagem divergente do livro e também a outros monstros, pois estes seres "nos pedem para reavaliarmos nossos pressupostos culturais sobre raça, gênero, sexualidade e nossa percepção da diferença, nossa tolerância relativamente à sua expressão. Eles nos perguntam por que os criamos." (COHEN, 2000, p.55).

Diversas questões relacionadas ao monstro estão ligadas à nossa sociedade e comportamento humano. A frase de Cohen, no parágrafo anterior, expõe isso: os monstros da literatura podem nos fazer repensar como seres humanos, nossas atitudes, e que a própria criação do monstro nos faz questionar conjecturas culturais, sociais, políticas. O monstro está nesse ilimitar de seres, culturas, possibilidades, é a celebração do diferente e da diversidade.

A realidade pode ser encontrada na ficção por meio de figuras de linguagem, sinais, momentos de conflitos. A figura do alienígena expõe as ações humanas, sejam essas voluntárias ou involuntárias. Se os Oankali são híbridos de diversas espécies extraterrestres, os seres humanos também são, mas de diversas nacionalidades da população terrestre. Somos miscigenados e nosso sangue contém a genealogia de diversos familiares antepassados de que não sabemos da existência. O imperialismo presente no livro nos remete às colonizações da época das grandes navegações.

Contudo, a maior descoberta de **Despertar** é perceber que o monstro do livro é uma metáfora da própria humanidade, que o Oankali é um espelho das diversas faces humanas, o

reflexo das monstruosidades e preconceitos humanos, e o monstro não é ficcional. Ele é a nossa realidade que oprime, marginaliza, mata, exclui o ser que é enxergado como monstruoso, que ultrapassa as linhas invisíveis impostas por indivíduos com ideias ultrapassadas, preconceituosas, machistas, racistas, xenofóbicas e, às vezes, até mesmo anti-vida.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

AGOSTINHO, S. **A Doutrina Cristã.** São Paulo: Paulus, 2002.

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia.** Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00002a.pdf. Acesso em: 19 maio 2020.

ANDERSON, H. Why Octavia E Butler's novels are so relevant today. **BBC**, 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/culture/article/20200317-why-octavia-e-butlers-novels-are-so-relevant-today. Acesso em: 26 set. 2020.

Antiguidade Clássica – Roma. ***Só História***, 2009-2020. Disponível em: http://www.sohistoria.com.br/ef2/roma/. Acesso em: 17 de maio 2020.

As atrações humanas do "Circo dos Horrores". **Super Interessante**, 2014. Disponível em: https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/as-atracoes-humanas-do-8220-circo-dos-horrores-8221/https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/as-atracoes-humanas-do-8220-circo-dos-horrores-8221/. Acesso em: 10 maio 2021.

As experiências médicas nazistas. **Enciclopédia do Holocausto**. Disponível em: https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/nazi-medical-experiments-photographs. Acesso em: 01 maio 2021.

ASIMOV, I. **Eu, Robô.** São Paulo: Aleph, 2015.

Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020. **ANTRA**, 2020. Disponível em: https://antrabrasil.org/category/violencia/. Acesso em: 09 dez. 2020.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Geiger, P. (org.). Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BÍBLIA, A.T. Levítico. In: **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Ave Maria, 2001, p.144-173.

BECHARA, E. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara.** 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BELLEI, S. "Definindo o monstruoso". In: BELLEI, Sergio. **Monstros, índios e canibais**: ensaios de crítica literária e cultural. Florianópolis: Insular, 2000, p. 11-22.

BULFINCH, T. **O livro da Mitologia**: A idade da fábula. São Paulo: Martin Claret, 2015.

BURKE, P. **Hibridismo cultural.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

BRITO FILHO, G. C.. Os monstros e os escribas: monstros e origens no manuscrito de Beowulf. **Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES**, V. 5, N. 8, Junho de

2015. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/9909/7178. Acesso em: 15 fev. 2020.

BUTLER, O. E. **Despertar**. São Paulo: Morro Branco, 2018.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANCLINI, N. "As culturas hibridas em tempos de globalização". In: (_____.) **Cultura híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CANCLINI, N. **Culturas hibridas poderes oblíquos.** [S.l.]: [s.n], 1998. Disponível em: http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/bitstream/123456789/764/1/CULTURAS%20H%c3%8dBRIDAS%2c%20PODERES%20OBL%c3%8dQUOS.%20CANCLINI%2c%20Nestor%20Garcia.%201998..pdf. Acesso em: 14 maio 2021.

CARDINI, F. Magia e bruxaria na Idade Média e no Renascimento. **Psicologia USP**, v.7, n.1/2, p.9-16, 1996. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34530. Acesso em: 12 fev. 2020.

CARDOSO, C. F. Ficção científica, percepção e ontologia: e se o mundo não passasse de algo simulado?. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 13, supl. p. 17-37, Out. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702006000500002&script=sci_arttext. Acesso em: 13 ago. 2020.

CARDOSO, A. C. de A. O espaço da troca: a comunicação sem palavras na trilogia Xenogenesis de Octavia Butler. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 32, n. 2, p. 229–247, 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635884. Acesso em: 19 jun. 2021.

Cisgênero. **Endici**, 2014. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=80. Acesso em: 27 jun. 2021.

COHEN, J. J. "A cultura dos monstros: Sete teses". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 22-60.

Conheça as propostas de Donald Trump para os Estados Unidos. **G1**, 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/conheca-as-propostas-de-donald-trump-para-os-estados-unidos.ghtml. Acesso em: 22 maio 2021.

COX, C. 15 Fascinating Facts About Octavia Butler. **The portalist**, 2018. Disponível em: https://theportalist.com/octavia-butler-facts. Acesso em: 02 out. 2020.

CRESWELL, J. W. Procedimentos Qualitativos. In: CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed/Bookman, p. 187-210, 2007.

DEL PRIORE, M. **Esquecidos por Deus**: monstros no mundo europeu ibero-americano (séculos XVI – XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **História do medo no ocidente 1300-1800:** uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOUGLAS, M.. "Capítulo III - As abominações do Levítico". In: **Pureza e perigo** - ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de janeiro: Edições 70. p.35-46. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861113/mod_resource/content/1/pureza-e-perigo-mary-douglas.pdf. Acesso em: 06 de out. 2020.

_____. **Natural symbols: explorations in cosmology.** London; Nova York: Routledge, 1996.

DUARTE, T. A. Inferno: uma ideia do espaço dos pecadores na Divina Comédia. **MONÇÕES**, v. 1, n° 1, p.187-201. Setembro de 2014. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/moncx/article/view/157. Acesso em: 18 de maio 2020.

Fantasticursos. **O que é Ficção Científica, o que é Ficção Especulativa II perguntas fantásticas #5.** Catalão: Canal Fantasticursos, 2020. 1 vídeo (19m32s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wLzjjFIXhlM. Acesso em: 17 maio 2021.

Fantasticursos. **O que é Ficção Científica (parte 3):** a origem da Ficção Científica. Catalão: Canal Fantasticursos, 2020. 1 vídeo (19m32s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g3syT3Z14Ro. Acesso em: 4 maio 2020.

FERNÁNDEZ, L. Octavia E. Butler: a ressurreição da grande dama da ficção científica. **El país**, 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2020-07-25/octavia-e-butler-a-ressurreicao-da-grande-dama-da-ficcao-cientifica.html. Acesso em: 26 set. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. FERREIRA, Marina Baird; DOS ANJOS, Margarita (Coord.). 5. Ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. **Os anormais.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOX, M. Octavia E. Butler, Science Fiction Writer, Dies at 58. **The New York Times**, 2006. Disponível em: https://www.nytimes.com/2006/03/01/books/octavia-e-butler-science-fiction-writer-dies-at-58.html. Acesso em: 11 maio 2021.

GIL, J. **Monstros**. Editora: Relógio D'Água, 2006.

GUIMARÃES, H. Homicídios crescem mesmo durante isolamento social. Revista Piauí, 2020. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/homicidios-crescem-mesmo-durante-isolamento-social/. Acesso em: 21 dez. 2020**.**

HOLLANDA, H. B. (Org.) BAHBAH, H. K. A questão do "Outro": diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. Pós modernismo e política. [S.l.]: Rocco.

HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Editora 34, 2013.

JAPTOK, M.; JENKINS, J. R. (org.) **Human Contradictions in Octavia E. Butler's Work**. San Marcos, CA, USA: Palgrave Macmillan. 2020. 254 p.

JEHA, J.; NASCIMENTO, L. (org.): **Da fabricação de monstros.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 205 p.

JEHA, J. (org.): **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 185 p.

JOSÉ, C. 20 anos da ovelha Dolly: por que os clones morrem jovens? **El país**, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/21/ciencia/1487674345_626879.html. Acesso em: 27 jun. 2021.

KOLTUV, B. B. **O livro de Lilith**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

LANGFORD, D. "Afrofuturism." In: In: CLUTE, J.; LANGFORD, D.; NICHOLLS, P.; SLEIGHT, G. (Editores). *The Encyclopedia of Science Fiction*. Gollancz, 23 Feb. 2021. Disponível: http://www.sf-encyclopedia.com/entry/afrofuturism. Acesso em: 24 maio 2021.

LE GOFF, J. **Heróis e maravilhas da Idade Média.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LE GUIN, U. K. **A mão esquerda da escuridão**. São Paulo: Aleph, 2019.

LIMA, C. C. Quais são os sete líderes do Inferno, segundo a demonologia? **Super Interessante**, 2016. Disponível em: https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-sete-lideres-inferno/. Acesso em: 09 jul. 2019.

LOUREIRO, R. Pentágono confirma que vídeo que mostra OVNIs no céu da Califórnia é real. **Exame,** 2021. Disponível em: https://exame.com/ciencia/pentagono-confirma-que-video-que-mostra-ovnis-no-ceu-da-california-e-real/. Acesso em: 08 maio 2021.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOVECRAFT, H.P. **O horror sobrenatural em literatura.** São Paulo: Iluminuras, 2008.

MADEIRA, C. **Híbrido do mito ao paradigma invasor?** Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2010. Disponível em: http://hdl.handle.net/10451/11884. Acesso em: 20 ago. 2021.

MARTINS, J. O.; SANTOS, N. S. A robótica e a ficção científica: primeiras interações. **Revista Darandina,** v. 12, n. 1, jun. 2019. Disponível em:

https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/28042. Acesso em: 13 ago. 2020.

MESSIAS, A. **Todos os monstros da Terra:** bestiários do cinema e da literatura. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2016.

MORAES, G. L. Os demônios de Santo Agostinho. **Revista Est. Fil. e Hist. da Antiguidade**, Campinas, n. 30, p. 171-190, jan-dez 2016. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cpa/article/view/2685. Acesso em: 16 maio 2020.

Morre mulher trans que teve 40% do corpo queimado por adolescente no Centro do Recife. **G1**, 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/07/09/morre-a-mulher-trans-que-teve-40percent-do-corpo-queimado-por-adolescente-no-centro-do-recife.ghtml. Acesso em: 11 jul. 2021.

NAZÁRIO, L. **Da natureza do monstro**. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 1998.

NICHOLLS, P. "Hard SF." In: CLUTE, J.; LANGFORD, D.; NICHOLLS, P.; SLEIGHT, G. (Editores). *The Encyclopedia of Science Fiction*. Gollancz, 19 mar. 2019. Disponível em: http://www.sf-encyclopedia.com/entry/hard_sf. Acesso em: 11 ago. 2020.

_____. "Soft Sciences In: CLUTE, J.; LANGFORD, D.; NICHOLLS, P.; SLEIGHT, G. (Editores). *The Encyclopedia of Science Fiction*. Gollancz, 9 Apr. 2015. Disponível em: http://www.sf-encyclopedia.com/entry/soft_sciences. Acesso em: 11 ago. 2020.

_____. "Soft SF." In: CLUTE, J.; LANGFORD, D.; NICHOLLS, P.; SLEIGHT, G. (Editores). *The Encyclopedia of Science Fiction*. Gollancz, 20 Dec. 2011. Disponível em: http://www.sf-encyclopedia.com/entry/soft_sf. Acesso em: 11 ago. 2020.

NICHOLLS, P.; LANGFORD, D. "Speculative Fiction." In: CLUTE, J.; LANGFORD, D.; NICHOLLS, P.; SLEIGHT, G. (Editores). *The Encyclopedia of Science Fiction*. Gollancz, 15 Sept. 2017. Disponível em: http://sf-encyclopedia.uk/incoming.php?&entry=speculative_fiction. Acesso em: 11 ago. 2020.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Nikelen Witter. **Mary Shelley Frankenstein e a gênese do ciborgue.** [S.l]: Canal Nikelen Witter, 2020. 1 vídeo (17m47s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Pl0DlrODNZs. Acesso em: 28 maio 2020.

NOGUEIRA, C. R. **O Diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

Octavia Butler, a mulher com o poder de escrever o futuro. **Carta Capital**, 2016. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/cultura/octavia-butler-a-mulher-com-o-poder-de-escrever-o-futuro/. Acesso em: 26 set. 2020.

Os brasileiros não-binários que lutam pelo reconhecimento do gênero neutro: 'Não me considero homem, nem mulher'. **BBC**, 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47675093. Acesso em: 27 jun. 2021.

PRADO, A. P**. Entre gênero, feminismo e utopia:** as reconfigurações da maternidade em narrativas de Marge Piercy e Octavia Butler. 2013. 89 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

QUINTERO, S. Monstros criação ou "mo(n)stração"? **Dos Algarves,** n. 6, p. 27-32, 2000. Disponível em: https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1408/1/Monstros%20cria%C3%A7%C3%A3o%20ou%20monstra%C3%A7%C3%A3o.pdf**.** Acesso em: 20 jan. 2020.

RAULINO, B. Gilgamesh: a busca da imortalidade. **Sala Preta**, v. 8, p. 81-87, 28 nov. 2008.

RICHARDS, J. **Sexo, desvio e danação:** as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ROBERTS, A. **A verdadeira história da ficção científica**: do preconceito à conquista de massas. São Paulo: Seoman, 2018.

_____. **The history of Science Fiction**. United Kingdom: Palgrave Histories of Literature, 2006.

ROCHA, F. R. **Lilith negra:** Símbolos culturais em um debate intersemiótico. 2018. 201 p. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13331. Acesso em: 19 jun. 2021.

ROCQUE, L.; TEIXEIRA, L. A. Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, vol. VIII(1), p.10-34, mar.-jun. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/nzcGnVjNPrc89Q588ysmrDc/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 maio 2020.

Saiba o que são os alimentos transgênicos e quais os seus riscos. **IDEC**, 2011. Disponível em: https://idec.org.br/consultas/dicas-e-direitos/saiba-o-que-sao-os-alimentos-transgenicos-e-quais-os-seus-riscos. Acesso em: 27 jun. 2021.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SANDERS, J. Interview with Octavia Butler. **In motion magazine**, 2004. Disponível em: https://inmotionmagazine.com/ac04/obutler.html. Acesso em: 11 maio 2021.

SANTOS, V. Conheça o legado de Octavia Butler, autora do sensacional Kindred e madrinha do Afroturismo. **Rollingstone**, 2020. Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/noticia/conheca-o-legado-de-octavia-butler-autora-do-sensacional-kindred-e-madrinha-do-afrofuturismo/. Acesso em: 26 set. 2020.

SICUTERI, R. **Lilith a lua negra**. 3 ed. [S.l]: Paz e Terra, 1986.

SILVA, A. M. "Alienígena". In: REIS, Carlos; ROAS, David; FURTADO, Filipe; GARCÍA, Flavio; FRANÇA, Júlio (Editores). *Dicionário Digital do Insólito Ficcional* (e-DDIF). Rio de

Janeiro: Dialogarts. Disponível em: http://www.insolitoficcional.uerj.br/site/a/alienigena/. Acesso em: 02 jun. 2020.

_____. A redenção de Lilith: o corpo feminino como estratégia transgressora na ficção de Octavia E. Butler. **REDISCO**, Vitória da Conquista, v. 1, n. 2, p. 7-15, 2012. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2657#:~:text=Comparada%20%C3%A0%20lua%20negra%20e,escritora%20afro%2Damericana%20Octavia%20E. Acesso em: 19 jun. 2021.

_____. "Robô/ Andróide / Autômato / Ciborgue". In: REIS, Carlos; ROAS, David; FURTADO, Filipe; GARCÍA, Flavio; FRANÇA, Júlio (Editores). *Dicionário Digital do Insólito Ficcional* (e-DDIF). Rio de Janeiro: Dialogarts. Disponível em: http://www.insolitoficcional.uerj.br/site/r/robo-androide-automato-ciborgue/. Acesso em: 28 maio 2020.

SHELLEY, M. **Frankenstein**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SIN-LÉQI-UNNÍNNI. **Ele que o abismo viu:** epopeia de Gilgamesh. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

STOKER, B. **Drácula**. São Paulo: Pandorga, 2019.

SOUZA, W. As obsessões de Octavia Butler. **Folha de S.Paulo**, 2020. Disponível em: https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/resenhas/l/as-obsessoes-de-octavia-butler. Acesso em: 26 set. 2020.

SWIFT, J. **Viagens de Gulliver**. São Paulo: Editora Sol, 2006.

SZKLARZ, E. Médico e monstros nazistas. **Super interessante**, 2016. Disponível em: https://super.abril.com.br/historia/medicos-e-monstros-nazistas/. Acesso em: 01 maio 2021

TUCHERMAN, I. **Breve história do Corpo e de seus monstros.** Portugal: Vega Editora, 1999.

TURCI, E. Mesopotâmia - Religião - O politeísmo e o mito do dilúvio. **Uol**, 2014. Disponível em: https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/mesopotamia---religiao-o-politeismo-e-o-mito-do-diluvio.htm. Acesso em: 08 de jul. 2019.

UNICEF. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos. Acesso em: 28 jun. 2021.

VIEIRA, D. C; ANDRADE, B. C. A perspectiva ciborgue, identidade e diferença em Dawn (1987), de Octavia E. Butler. **Memorare**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 152-171, jan./jun. 2019. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/7914. Acesso em: 19 jun. 2021.

VIEIRA, D. C. **De deusa a demônio a... Lilith Iyapo:** construção do feminino em Dawn (1987) de Octavia E. Butler. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal

de Pernambuco, Recife, 2020. Acesso em: 19 jun. 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/37922. Acesso em: 19 jun. 2021.
Você sabe o que é Colorismo? **Politize!**, 2019. Disponível em: https://www.politize.com.br/colorismo/?https://www.politize.com.br/&gclid=EAIaIQobChMI3aPX-8258QIVEgqRCh0PSARoEAAYAiAAEgJksvD_BwE. Acesso em: 27 jun. 2021.

VOLTEIRE. **Micrômegas**. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000044.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

WRIGHT, A. **Monstrosity - The Human Monster in Visual Culture.** New York; London: I.B.Tauris & Co. Ltd, 2013.

ZANON, C. A. **Onde vivem os monstros**: Criaturas prodigiosas na poesia hexamétrica arcaica. 2016. Tese (Tese em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-13022017-130921/pt-br.php. Acesso em: 26 fev. 2020.